

As Práticas Pedagógicas na Oficina de Teatro do Grupo ACRA: Um Olhar Sob a Ótica da Inovação Pedagógica

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

Carlla Jacy Andrade da Silva Cruz

MESTRADO EM CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO, INOVAÇÃO PEDAGÓGICA

ORIENTAÇÃO

Alice Maria Ferreira Mendonça
Mari Saho



**Departamento de Ciências da Educação
Mestrado em Ciências da Educação - Inovação Pedagógica**

Carlla Jacy Andrade da Silva Cruz

**As Práticas Pedagógicas na Oficina de Teatro do Grupo ACRA: Um Olhar sob a Ótica
da Inovação Pedagógica**

CARLLA JACY ANDRADE DA SILVA CRUZ

As Práticas Pedagógicas na Oficina de Teatro do Grupo ACRA: Um Olhar Sob a ótica da Inovação Pedagógica.

Dissertação apresentada ao Conselho Científico da Faculdade de Ciências Sociais da Universidade da Madeira, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Ciências da Educação – Inovação Pedagógica.

Orientadores: Professora Doutora Alice Maria F. Mendonça
Professora Doutora Mari Saho

EPIGRAFE

*“A Educação não transforma o mundo.
Educação muda pessoas, pessoas transformam o mundo”.*

Paulo Freire

DEDICATÓRIA

Ao meu esposo Sérgio, às minhas filhas e filho (Rebeca, Aisha e Anthony) e meu genro Cristiano Júnior, com todo meu amor, admiração e gratidão, dedico o meu trabalho a vocês, pela compreensão, carinho, ajuda, presença e o incansável apoio ao longo do período de elaboração deste trabalho. Minha feliz família que se fazem luzes em meu caminho e dão sentido à minha vida.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus pelo dom da vida, por ser fonte de luz em minha vida e por me dar forças todos os dias de minha vida para conseguir meus objetivos.

Ao meu esposo Sérgio, amigo e companheiro a todo momento, me ajudou a vencer mais essa etapa em minha vida.

Ao meu filho e minhas filhas que com todo carinho souberam ser solidários comigo em todo momento. Amo muito vocês!

A minha mãe, mulher guerreira que no silêncio de suas orações, mesmo à distancia, sempre me fortaleceu com uma palavra de conforto.

Ao meu Genro querido, que foi um anjinho na minha vida, presente de Deus.

Amiga Solange, seu nome já diz tudo (Sol), você veio ao mundo para brilhar e iluminar as pessoas, você foi uma luz de esperança na minha vida. Muito Obrigada!

Às amigas, Simone, Josilene, Rosane e Rita, por terem me acolhido nos momentos difíceis, pelo incentivo, intervenção, sensibilidade em compartilhar, disponibilidade, enfim a ajuda e amizade de vocês foi e será sempre importante pra me.

Ao pessoal do Grupo ACRA, pelo apoio e atenção.

À Professora Doutora Alice Mendonça, por sua firmeza, por sua atenção na condução e encaminhamento deste trabalho. Meu apreço.

À Professora Doutora Mari Saho, pessoa com quem dialoguei e aprendi nesta etapa de minha vida, pela sua orientação de qualidade, competência, disponibilidade e envolvimento com este estudo. Meus sinceros agradecimentos.

À professora Doutora Jesus Maria, por ser tão gentil, tão amiga, tão especial na vida de cada aluno que por aqui passa. Obrigada por tudo.

Ao Professor Doutor Carlos Fino, pela extensão do curso, dando oportunidade à alunos brasileiros a participarem deste curso inovador. Muito Obrigada.

A todos os funcionários da DH2, pela parceria e presteza, sempre nos atendendo com carinho e dedicação.

Ao nosso eterno professor Cleiton Barbosa (im memoria) primeiro coordenador da minha turma Petrolina II. Fez muita falta em nossa turma.

À Universidade da Madeira, pela oportunidade e acolhimento.

Enfim, a todos e todas que contribuíram direta ou indiretamente para a realização do presente estudo.

Minha Gratidão!

RESUMO

A presente pesquisa buscou compreender as práticas pedagógicas na Oficina de Teatro do Grupo ACRA no município de Campo Formoso, Bahia, Brasil, tentando determinar se as mesmas são inovadoras. Através de um olhar sob a ótica da Inovação Pedagógica, analisou-se o grupo em estudo que vem apresentando um conhecimento educativo diferenciado que diante disso vem propagando resultados que supostamente deixam visíveis os alunos que fazem parte do grupo, tornando-os diferentes de outros alunos que têm acesso apenas à educação dentro das escolas do Município de Campo Formoso. Este estudo de caso de natureza etnográfica decorreu com uma metodologia qualitativa e para a coleta de dados utilizou-se a observação participante, o diário de campo e as entrevistas abertas. Os sujeitos da pesquisa foram alunos e monitores do grupo e professores da escola onde estudam os alunos que fazem parte do grupo e os pais. A pesquisa revelou que o Grupo ACRA desenvolve práticas pedagógicas diferenciadas que contribuíram muito para a vinculação dos alunos. A afetividade presenciada durante toda a observação permitiu que os alunos que participam do grupo obtivessem melhorias no desempenho escolar, e no seu comportamento social.

Palavras-Chave: Prática Pedagógica, Inovação Pedagógica, Projeto ACRA, Educação Não Formal.

ABSTRACT

This research aimed to understand the pedagogical practices in the ACRA Group Theater Workshop in Campo Formoso, Bahia, Brazil, trying to determine if they are innovative. Through a look from the perspective of Pedagogical Innovation, we analyzed the group in study that has been presenting a differentiated educational knowledge that before this has been propagating results that supposedly make visible the students who are part of the group, making them different from other students. who have access only to education within the schools of Campo Formoso. This ethnographic case study was conducted with a qualitative methodology and for data collection we used participant observation, field diary and open interviews. The research subjects were students and group monitors and teachers of the school where they study the students who are part of the group. The research revealed that the ACRA Group develops differentiated pedagogical practices that contributed greatly to the bonding of students. The affectivity witnessed throughout the observation allowed students participating in the group to achieve improvements in school performance and social behavior.

Keywords: Pedagogical Practice, Pedagogical Innovation, ACRA Project, Informal Education.

RÉSUMÉ

Cette recherche visait à comprendre les pratiques pédagogiques de l'atelier de théâtre de groupe de l'ACRA à Campo Formoso, à Bahia, au Brésil, en essayant de déterminer si elles étaient innovantes. Sous l'angle de l'innovation pédagogique, nous avons analysé le groupe d'études présentant un savoir pédagogique différencié qui, auparavant, propageait des résultats censés rendre visibles les élèves du groupe, en les différenciant des autres étudiants qui ont accès uniquement à l'éducation dans les écoles de Campo Formoso. Cette étude de cas ethnographique a été menée avec une méthodologie qualitative. Pour la collecte de données, l'observation des participants, un journal de terrain et des entretiens ouvertes ont été utilisés. Les sujets de recherche étaient les étudiants et les moniteurs de groupe et les enseignants de l'école où ils étudient les étudiants qui font partie du groupe. La recherche a révélé que le groupe ACRA développait des pratiques pédagogiques différenciées qui contribuaient grandement à créer des liens entre les étudiants. L'affectivité observée tout au long de l'observation a permis aux élèves participant au groupe d'améliorer leurs performances scolaires et leur comportement social.

Mots-clés: Pratique pédagogique, Innovation pédagogique, Projet ACRA, Education informelle.

RESUMEN

Esta investigación tuvo como objetivo comprender las prácticas pedagógicas en el Taller de Teatro del Grupo ACRA en Campo Formoso, Bahía, Brasil, tratando de determinar si son innovadoras. A través de una mirada desde la perspectiva de la Innovación pedagógica, analizamos el grupo en estudio que ha estado presentando un conocimiento educativo diferenciado que antes de esto ha estado propagando resultados que supuestamente hacen visibles a los estudiantes que forman parte del grupo, haciéndolos diferentes de otros estudiantes. quienes tienen acceso solo a la educación dentro de las escuelas de Campo Formoso. Este estudio de caso etnográfico se realizó con una metodología cualitativa y para la recolección de datos utilizamos observación participante, diario de campo y entrevistas abiertas. Los sujetos de investigación fueron estudiantes y monitores grupales y maestros de la escuela donde estudian a los estudiantes que forman parte del grupo. La investigación reveló que el Grupo ACRA desarrolla prácticas pedagógicas diferenciadas que contribuyeron en gran medida a la vinculación de los estudiantes. La afectividad observada a lo largo de la observación permitió a los estudiantes que participaban en el grupo lograr mejoras en el rendimiento escolar y el comportamiento social.

Palabras clave: Práctica pedagógica, innovación pedagógica, proyecto ACRA, Educación informal.

SUMÁRIO

EPIGRAFE	iii
AGRADECIMENTOS	v
RESUMO.....	viii
ABSTRACT.....	viii
RÉSUMÉ.....	ix
RESUMEN.....	x
INTRODUÇÃO.....	1

PARTE I – ENQUADRAMENTO TEÓRICO

Capítulo 1 - Inovação Pedagógica	6
1.1. Conceitualizar a Inovação Pedagógica.....	6
1.2. Conceito de Inovação Pedagógica.....	10
1.3 Inovação Pedagógica na Educação	12
1.4. Inovação Pedagógica na Educação Formal e Não Formal.....	16
Capítulo 2 - Grupo ACRA: Uma proposta Pedagógica de Educação Não Formal.....	20
2.1 Ambiente educacional e a Cultura Escolar	23
2.2 Cultura da Região	24
2.3 A importância do uso das oficinas de teatro	26

PARTE II – PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Capítulo 3 Caminhos e inquietações que nos levaram à pesquisa	30
3.1 Paradigma Qualitativo.....	31
3.2. Estudo de caso de Cariz Etnográfico.....	31
3.3 Campo da Pesquisa	33
3.4 Sujeito da Pesquisa	34
3.5. Instrumento de coleta de dados	35
3.5.1 Observação Participante	35
3.5.2 Diário de Campo	37
3.5.3 Entrevista Aberta	38
3.5.4 Pesquisa Documental	39

3.5.5 Coleta de Imagem	40
3.5.6 Questões Éticas	40

PARTE III APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS DADOS

Capítulo 4 – Apresentação dos achados encontrados no <i>locus</i> de pesquisa	51
4.1 Os dados da observação participante	52
4.2 As Práticas Pedagógicas	45
4.3 Síntese da Observação do Ambiente Físico e das Práticas Pedagógicas do Grupo ACRA	59
4.4 Apresentação dos resultados das Entrevistas	70
4.4.1 Dialogando com os professores	71
4.4.1.1 O Grupo ACR na vida dos alunos	62
4.4.1.2 Respeito, Autonomia e Liderança	62
4.4.1.3 Aprendizagem	63
4.4.1.4 Criatividade	64
4.4.1.5 Sociabilidade.....	66
4.4.1.6 Síntese do Discurso dos Professores da Escola Regular	66
4.4.2 Dialogando com os Monitores	67
4.4.2.1 Síntese do Discurso dos Monitores do Grupo ACRA	69
4.4.3 Dialogando com os Alunos	70
4.4.3.1 Responsabilidade e Cidadania	70
4.4.3.2 Criatividade	71
4.4.3.3 Autonomia e Aprendizagem Responsável	71
4.4.3.4 Liberdade de Expressão e de Escolha	72
4.4.3.5 Síntese do Discurso dos Alunos.....	73
4.4.4 Dialogando com os Pais	73
4.4.4.1 Melhoria do Comportamento e Sentido de Responsabilidade	74
4.4.4.2 Participação e Cidadania	74
4.4.4.3 Síntese dos Discursos dos Pais	75

PARTE IV – ANÁLISE E TRIANGULAÇÃO DOS DADOS OBTIDOS

Capítulo 5 Análise dos Achados Obtidos no locus de Pesquisa	77
Considerações Finais	86
Sugestões e Recomendações	87
Referências	88
Apêndices	94

INTRODUÇÃO

Ao observar a nossa sociedade em geral vemos que muitas transformações estão acontecendo em nossa volta e de certa forma acabam marcando a biografia das pessoas. Temos ai um desenvolvimento avassalador da tecnologia da informação que abrange tudo que ocorre pelo mundo.

Entretanto, quando falamos de educação vemos que a mesma ainda se acomoda diante das formas tradicionais, tendo dificuldades de romper com o passado e abraçar as novas tendências inovadoras.

Apegando-se a este contexto, a pesquisa, cujo tema é: *As Práticas Pedagógicas na Oficina de Teatro do Grupo ACRA: Um Olhar Sob a Ótica da Inovação Pedagógica* busca analisar o Grupo em estudo que vem apresentando um conhecimento educativo diferenciado que vem propagando resultados que supostamente deixam visíveis os alunos que fazem parte do grupo, tornando-os diferentes de outros alunos que têm acesso apenas à educação dentro das escolas do Município de Campo Formoso.

O Grupo Associação Cultural Raízes e Asas (ACRA) foi criado em 20 de agosto de 2015. Desde então vem se destacando na cidade de Campo Formoso, por ser o único Grupo a trabalhar arte e cultura envolvendo o social numa perspectiva inovadora utilizando a educação não formal.

Começou suas atividades dentro de outro grupo que por não trabalhar com o social e não abrir as portas para as crianças e adolescentes da periferia resolveu se desvincular do grupo inicial e assim criar a ACRA, cujo objetivo primordial seria o de estimular através da arte, do teatro, os alunos da periferia de Campo Formoso, supostamente esses alunos teriam autonomia, liderança, seriam desinibidos e acima de tudo teriam uma oportunidade de vida melhor. Com isso pretende levar para as comunidades periféricas, diversos tipos de aprendizagens mediadas por uma proposta educadora que privilegia toda a relação entre a arte e a cidadania.

Acreditamos que a arte seja uma área do conhecimento e patrimônio histórico e cultural da humanidade onde se articulam saberes referentes a produtos e fenômenos artísticos

que envolvem as práticas de criar, ler, produzir, construir, exteriorizar e refletir sobre as formas a serem trabalhadas de uma maneira diferente das encontradas nas escolas regulares.

O nosso interesse com projetos relacionados à arte, surgiu desde que entramos na área da educação, ou seja, quando começamos nossas atividades docentes em sala de aula, mais especificamente com as disciplinas de artes, durante as conversas com os professores e diretores percebíamos que a disciplina de artes era a única rejeitada por todos, ninguém gostava de trabalhar tal disciplina, e a mesma acabava sendo uma disciplina que iria apenas completar a carga horária dos professores.

Diante disso, surgiram várias críticas sobre o trabalho do professor, na maneira como o professor ministrava as aulas de artes na sala de aula, e através dessas críticas, a gestão escolar sentiu a necessidade de melhorar suas práticas em todos os aspectos, principalmente no que tange arte e cultura, e assim possibilitar melhor desempenho para os alunos tanto nas aulas de artes quanto na autonomia do aluno no ambiente escolar. Através dessa interrogação, lembramo-nos de um jovem estagiário que tinha começado a trabalhar na mesma escola por intermédio de um programa do governo. Este jovem trabalhava arte e cultura de uma maneira diferente dos outros profissionais que lá trabalhavam, os alunos gostavam do modo de trabalhar desse jovem. Percebemos que ele tornava as atividades atrativas e isso promovia o interesse e a assiduidade dos mesmos. Em conversa com esse jovem descobrimos que ele fazia trabalhos voluntários no Grupo ACRA.

Diante disso, tivemos a ideia de conhecer o Grupo ACRA e descobrir como os monitores (professores) daquele grupo conseguiam realizar atividades tão atrativas e diferentes das atividades oferecidas dentro das escolas. Foi diante deste contexto que surgiu a curiosidade por investigar o Grupo ACRA e suas práticas pedagógicas, para através dessa investigação saber se essas práticas são inovadoras ou não. Nesse sentido, o presente estudo procura responder ao seguinte questionamento: Existe Inovação Pedagógica nas oficinas de teatro do Grupo ACRA?

Para a realização do presente estudo de caso, de cariz etnográfico, efetuámos uma abordagem qualitativa. Para a coleta de dados utilizamos a observação participante com diário de campo e entrevistas informais. Os sujeitos que fizeram parte deste estudo foram os alunos e monitores do Grupo Acra, pais dos alunos do Grupo e professores da escola regular na qual os alunos do Grupo ACRA estudam.

O caminho percorrido para a investigação aconteceu através do contato com alunos, monitores e pais durante as observações no campo de estudo. Dessa maneira, realizamos uma pesquisa sobre as práticas pedagógicas desenvolvidas pelo grupo, para saber se estas são inovadoras.

O objetivo desta pesquisa é saber se existem práticas pedagógicas inovadoras nas oficinas de teatro do Grupo ACRA que contribuam na construção de alunos autônomos, educados, com responsabilidades, criativos enfim, alunos que estejam aptos a transformar de forma positiva nossa educação.

Sendo assim, esperamos que este estudo venha contribuir para o aperfeiçoamento de nossas práticas na sala de aula, como também de outros professores que com certeza terão acesso aos resultados deste estudo, através do qual intencionamos divulgar novos saberes e experiências inovadoras.

Como as atividades do Grupo ACRA, são desenvolvidas fora do ambiente escolar, mas com grandes repercussões dentro da escola, torna-se necessário analisar e identificar dentro de suas dimensões, o exemplo de um aluno educado, criativo e autônomo. Nesta perspectiva, este estudo busca dar oportunidades para apresentar práticas inovadoras capazes de ultrapassar barreiras e quebrar os paradigmas antigos para assim contribuir com a construção de uma nova aprendizagem no contexto da educação.

Este estudo encontra-se organizado em quatro capítulos, onde no primeiro estamos falando da Inovação Pedagógica, uma discussão sobre Inovação na educação, e Educação formal e não formal que vem mostrar uma nova forma de criar um novo paradigma e assim romper com os antigos paradigmas, um breve comentário sobre ambiente educacional, cultura da região e cultura escolar e para finalizar a discussão, falar sobre o nosso foco de investigação apresentando a importância do uso das oficinas de teatro nas escolas e o Grupo ACRA: uma proposta pedagógica de Educação não formal.

Na segunda parte deste estudo, é exibido o trajeto do estudo, a metodologia, a maneira como se chega ao tema em questão, a inserção profissional no assunto, o empenho de recortar o objeto e as assumidas decisões, com relação à metodologia, desde as primeiras ações até a chegada ao campo de investigação propriamente dito. Assim, realizam-se as definições metodológicas e indica-se o tipo de investigação, quais os sujeitos escolhidos e também os métodos abraçados para o desenvolvimento de coletas de dados.

Na terceira parte, evidenciam-se os achados do estudo, tendo como informações a apresentação dos dados, observação participante, prática pedagógica, análise da observação do ambiente, transcrições das entrevistas, autonomia, respeito e liderança, contribuições do grupo, sínteses, dentre outros.

Na quarta parte, iremos detalhar sobre a análise e triangulação dos dados obtidos, descrevendo os resultados que surgiram, buscando responder aos questionamentos da pesquisa por meio da triangulação e discussão de resultados.

Por fim, as considerações finais vêm refletir sobre a escolha dos ensinamentos norteadores da pesquisa e destacam-se os pressupostos metodológicos na procura do objeto da pesquisa estabelecida. Exibindo também os resultados da análise feita durante a pesquisa.

**Parte I -
Enquadramento Teórico**

Capítulo 1 - Inovação Pedagógica

1.1. Conceitualizar a Inovação Pedagógica

O dicionário Aurélio esclarece que inovação é “o ato ou efeito de inovar” (Ferreira, 1986, p.949), ou seja, coisa introduzida de novo, renovação. Desse modo vemos que essas declarações são percebíveis quando se notam as transformações que estão acontecendo em diversas extensões da vida humana.

A Inovação Pedagógica consiste numa ruptura com o método tradicional, Fino (2007, p. 1) afirma que “a inovação implica mudanças qualitativas nas práticas pedagógicas,” e que essa mudança chega a ser uma quebra de paradigma não só no currículo escolar tradicional, mas também nas práticas pedagógicas dos educadores, ou seja, é necessário que o professor esteja aberto às mudanças, pois suas práticas com base no sistema educacional tradicional na atualidade não servirão no contexto da nova escola.

Para a educação a inovação pedagógica é uma necessidade imediata para que o âmbito escolar se transforme num lugar onde os alunos aprendam a ter autonomia e construam seus conhecimentos com mais atitude, para isso é de fundamental importância que o professor crie situações educativas em que os alunos possam reestruturar seus conhecimentos. Sendo assim cabe ao educador providenciar um ambiente que possibilite ao aluno ampliar sua capacidade de elaboração de seus conhecimentos.

Nessa ótica Vasconcellos (2009, p.1) define ainda inovação como:

[...] capacidade de mudar um cenário, de revolucionar, por mais simples que seja a ideia inovadora, se ela for capaz de revolucionar trará um ganho imenso para aquele que executou a inovação e permitirá a este ter uma melhor posição no espaço em que ele convive. (VASCONCELLOS, 2009, p.1)

Dentro deste contexto, Fino (2008, p. 2) acrescenta que “o conhecimento é uma construção do aprendiz e não substância independente e descontextualizada, que se pode transacionar” e acrescenta ainda que “[...] se a inovação não fosse heterodoxa, não era inovação” (ibidem).

Dentro dessa perspectiva, vemos que inovar significa levar ao contexto da educação coisas novas, ou seja, que ainda não foram vistas nem feitas e que tenham como objetivo primordial dar qualidades às práticas educativas existentes nas escolas, sem esquecer as demais características envolvidas nesse processo. Assim como afirma Alves (2008) a inovação acontece quando a consciência de inovar parte dos indivíduos, usando da criatividade como principal arma para inovar.

No contexto de Papert (1985) ele acredita que o aprendiz deve compreender a sua própria “produção” para que consiga “identificar e corrigir” seus próprios erros, uma vez que permite que ocorra uma aprendizagem significativa, desse modo, o melhor aprendizado é aquele que o aprendiz se torna construtor de seu próprio conhecimento. Nesse sentido, Fino (2004) acrescenta que:

O pensamento construcionista acrescenta algo ao ponto de vista construtivista. Onde o construtivismo indica o sujeito como construtor activo e argumenta contra modelos passivos de aprendizagem e de desenvolvimento, o construcionismo dá particular ênfase a construções particulares do indivíduo, que são externas e partilhadas. (FINO, 2004, p. 51).

Diante dos contextos supracitados, ser um educador inovador é ser capaz de colher o máximo de coisas mínimas, refazendo o contexto da educação na perspectiva do novo, transformando o âmbito escolar em um lugar onde de fato promova uma aprendizagem baseada na inovação pedagógica.

Dentro deste contexto Giroux (1988), afirma que para isso é preciso que a educação possibilite a investigação, o refletir que permita que o aluno construa seu conhecimento a partir de sua vivencia no cotidiano, através de instrumentos que estão além das paredes da escola. A inovação pedagógica só terá amplo sentido contribuindo com a qualidade de ensino, envolvendo mudanças de formas positivas nas práticas pedagógicas e no âmbito escolar, dando ênfase a uma “nova educação”. Sendo assim, Fino (2007) afirma que:

Inovação pedagógica [...] É abertura para a emergência de culturas novas, provavelmente estranhas aos olhares conformados com a tradição. Para olhos assim, viciados pelas rotinas escolares tradicionais, é evidente que resulta complicado definir inovação pedagógica, e torna a definição consensual. No entanto, o caminho da inovação raramente passa pelo consenso ou pelo senso comum, mas por saltos premeditados e absolutamente assumidos em direção muitas vezes inesperada. (FINO, 2007, p. 2).

Vemos então, que inovação pedagógica é de grande importância para o campo da educação, para a reforma dos currículos escolares, para as práticas pedagógicas, mas também e principalmente para conceder ao aprendiz o direito de ser “dono” de suas próprias aprendizagens, potencialidades e conhecimentos, apenas, mediados pelo educador.

Sabendo que inovação pedagógica é uma ruptura com as velhas práticas pedagógicas tradicionais é preciso reestruturar o espaço educacional e construir novos saberes, mas essa reestrutura vai além de equipar a sala de aula com instrumentos tecnológicos, portanto, o professor que considera a inclusão da tecnologia no sistema educacional como um ato de inovação pedagógica, está a cometer um grande erro. O fato de a tecnologia ter uma grande presença nas escolas não significa uma inovação.

Sabe-se que inovar significa fazer uma coisa nova, quebrar um paradigma, e quando usamos o computador na sala de aula pensando estar inovando, estamos de certa forma camuflando dentro das práticas pedagógicas tradicionais o que pensamos ser moderno ou sofisticado para nossos alunos, com isso transformamos as ferramentas tecnológicas numa reprodução do paradigma industrial.

[...] no espaço de um século e meio, muitas foram às inovações introduzidas na sequência do desenvolvimento tecnológico, o que não significou que a incorporação de mais tecnologia redundasse em alteração substancial no modo de funcionamento das escolas, que mantiveram inalterável o essencial de seus pressupostos organizacionais. (FINO, 2007, p. 6).

Sabe-se que a tecnologia por si não é sinônimo de inovação, mas quando podemos utilizá-la como ferramenta para abrir novas portas, que propicie uma prática pedagógica inovadora, dinâmica, que contribua com o crescimento de uma escola nova, que o professor proporcione uma postura modificada valorizando o aluno, pode ser sim considerada uma inovação pedagógica.

Sendo assim, para que a tecnologia no âmbito escolar seja uma ferramenta baseada na inovação pedagógica, precisa estar à disposição do aluno, para que assim possa tornar sua participação ativa no processo de ensino-aprendizagem, possibilitando diversas situações de aprendizagem.

Diante disso, Fino (1999, p.1) considera que “os alunos têm ritmos individualizados de aprendizagem, e os conhecimentos não são adquiridos por transmissão, mas algo que se constrói em interação com o mundo e com os outros”.

Nisso Papert,(1985) avalia que:

O aluno procura compreender a sua “produção” ou representação do programa para identificar e corrigir os seus erros. O erro é considerado “benéfico porque nos leva a estudar o que aconteceu de errado e, através do entendimento, a corrigi-los [...] O professor também é um aprendiz [...] todos aprendem com os próprios erros” (PAPERT, 1985, p. 142).

Ainda de acordo com Papert, (1994, p.29) “a melhor aprendizagem ocorre quando o aprendiz assume o comando de seu próprio desenvolvimento em atividades que sejam significativas e lhe despertem o prazer”. De acordo com o pensamento do autor, ele considera que os computadores precisam ser sim utilizados “como instrumentos para trabalhar e pensar, como meios de realizar projetos, como fonte de conceitos para pensar novas idéias” (PAPERT, 1994, p.158).

Para coordenar e orientar o aprendiz, no entanto, o professor deve estar apto no que diz respeito às tecnologias, para ajudar estes aprendizes a superar desafios durante o processo de aprendizagem buscando formas diferentes de ensinar. Neste contexto Sacristán, (1995, p.66), salienta que:

O ensino é uma prática social, não porque se concretiza na interação entre os professores e alunos, mas também porque estes atores refletem a cultura e contextos sociais a que pertencem. A intervenção pedagógica do professor é influenciada pelo modo como pensam e como agem nas diversas facetas da sua vida.

Para Fino (2011) a inovação pedagógica é algo que está muito além do uso das tecnologias inseridas nas salas de aula. Claro que o aparato tecnológico pode contribuir quando bem utilizado. Contudo usar estas ferramentas de forma imprópria, pode ser apenas uma tentativa frustrada de tentar fazer algo que com certeza não terá resultados positivos ou esperados pelo educador. Porém essas mesmas ferramentas podem ser sim um método inovador quando utilizada pelo professor como ferramenta construcionista.

Diante disso, Papert (2008, p. 20), compreendeu que “o computador é importante por permitir autonomia intelectual ao aprendiz e o torna menos dependente de adultos provedores de conhecimentos”, com isso o computador chegou como uma ferramenta que contribuiu com a educação para ser usado pelo aprendiz na construção do seu conhecimento. Sendo assim, Papert refere que (2008, p.20) “[...] os computadores estão começando a ensinar os adultos que algumas formas de aprendizagem são rápidas, muito atraentes e gratificantes”, portanto podem se transformar em uma ótima ferramenta que auxilie na contribuição da inovação pedagógica, porém se esta ferramenta for utilizada de maneira inadequada será apenas uma simples ferramenta com uma “nova aparência” dos velhos processos pedagógicos.

1.2 Conceito de Inovação Pedagógica

De acordo com Ferreira (2004, p.66) “Inovação é a criação de novo conhecimento, baseada em informação ou conhecimento preexistente.” É, no entanto, um conceito com duplo significado, já que se refere tanto ao processo como ao seu resultado. Segundo a Comissão Europeia, significa a transformação de conhecimento tecnológico e científico em produtos e serviços; neste sentido, descreve um processo. No entanto, quando a ‘inovação’ se aplica a um novo produto, descreve um resultado.

Percebe-se, então, que a inovação é entendida de forma diferenciada para cada apresentação avaliada. A indústria tem os seus objetivos, ao inovar seus ambientes de produção e, portanto, seus produtos. A comunidade, ao receber essas inovações, do mesmo modo almeja uma melhoria, tanto no que tange ao setor de ocupação, quanto à vida pessoal.

Para Ferreira (2004) a humanidade progredirá, à proporção que criar conhecimentos capazes de resultar em diversas formas de inovação. A inovação pode ser calculada pela forma de utilização de novas técnicas, e por produtos que dela possam surgir.

Perante o que foi publicado, é interessante salientar ainda que Sousa e Fino registraram:

É, pois, essencial lançar experimentações para tirar ensinamentos sobre o que poderia ser a escola, a universidade e a formação do futuro, associando estreitamente os professores, os formadores, os alunos, os pais e as respectivas organizações representativas, a indústria e os parceiros sociais. Esta recomendação visa, por conseguinte, desenvolver experiências inovadoras que figurariam nas hipóteses futuristas relativas à escola, à universidade e à formação, bem como formas mais eficazes de ensinar e aprender. (Tribuna da Madeira, 2005, p. 5)

A inovação é desejável, não impede os problemas para sua implantação, pertinentes às resistências que se depositam a partir da tradição e da cultura fundada. Nesta postura, quando se fala em educação, a aptidão mais desejável e procurada, refere-se à grandeza da formação voltada com destino à autonomia, como forma de brotar um novo sujeito social qualificado pela capacidade com intenção de lidar com o imprevisto, com o conhecimento e com a informação. Esse sujeito precisa conciliar o ato de aprender sempre, com a responsabilidade igualitária e o conhecimento absoluto. Rodrigues descreve:

O sujeito social autônomo é aquele que circula e atua no conjunto da vida social de forma independente e participativa. Para isso, requer-se que ele também seja capaz de estabelecer juízos de valor e assumir responsabilidades pelas escolhas. O fundamento ético da humanidade se assenta no tripé constituído pelo reconhecimento de si mesmo como sujeito (individualidade), na liberdade e na autonomia. A consciência deste tripé se frutifica pela ação educativa, que constrói no ser humano a capacidade para incorporar estes valores. (2001, p. 12)

Assim sendo, a educação deve utilizar métodos inovadores que permitam ampliar o espírito autônomo do educando. Os Parâmetros Curriculares Nacionais brasileiros – PCN, definidos pelo Ministério da Educação, em 1997, reforçam que a autonomia não acontece sozinha, ela é originária das afinidades com o próximo, é um construto sociocultural, exigindo, portanto, que o ambiente escolar cultive em conhecimentos e experiências facilitadoras de atitudes que proporcionem um ambiente adequado ao desenvolvimento da autonomia. Para isso, é preciso abandonar as práticas autoritárias. O autoritarismo, conseqüentemente, interdita as práticas da liberdade, e, portanto da autonomia, pois os resultados das práticas dominantes não beneficiam a liberdade do sujeito. Essa concepção transmissora se distancia, portanto, do princípio da autonomia, que busca o desenvolvimento de valores e de atitudes que estimulem à autodeterminação.

Com relação a isso, Piaget enfatiza:

Na realidade a educação constitui um todo indissociável, e não se pode formar personalidades autônomas no domínio moral se por outro lado o indivíduo é submetido a um constrangimento intelectual de tal ordem que tenha de se limitar a aprender por imposição sem descobrir por si mesmo a verdade: se é passivo intelectual, não conseguiria ser livre moralmente. Reciprocamente, porém, se sua moral consiste exclusivamente em uma submissão à autoridade adulta, e se os únicos relacionamentos sociais que constituem a vida da classe são os que ligam cada aluno individualmente a um mestre que detêm os poderes, ele também não conseguiria ser ativo intelectualmente. (1988, p. 61)

O pensamento de que o docente deve orientar e o aluno tem a obrigação de aprender essas teorias, está acessível na escola desde o modelo fabril até os dias atuais. Procurando ressignificar esses procedimentos, escreve Papert (2008, p.134) “a meta é ensinar de forma a produzir a maior aprendizagem a partir do mínimo ensino”.

1.3 Inovação Pedagógica na Educação

Quando falamos em mudanças, sabemos que elas não acontecem isoladamente, pois são circunstâncias que ocorrem diante de todo um processo social que de forma direta ou indireta as estimulam. Hoje em dia, vivenciamos um mundo emaranhado de transformações econômicas, culturais, tecnológicas, etc, coisas que dificilmente eram vistas na história da humanidade. Essas mudanças ainda não provocaram nenhum resultado que possa ser visto por muitos como alguns movimentos de tempos passados que certamente provocaram grandes impactos na vida dos seres humanos.

Diante disso Toffler (2001, p. 15) afirma que “nenhuma tentativa de compreender a capacidade de adaptação pode ser bem-sucedida enquanto este fato não for compreendido. Qualquer tentativa de definir o conteúdo das mudanças deve incluir as consequências do próprio ritmo em que elas se processam como parte desse conteúdo”.

Bem antes do século XXI Toffler (2001) já dizia que a humanidade deveria estar preparada para se deparar com um grande choque inesperado, que no futuro os cidadãos e os países principalmente aqueles países bem desenvolvidos com uma tecnologia bastante avançada, iriam enfrentar “achar cada vez mais difícil atender à incessante exigência de mudanças que caracteriza nossa época. Para eles o futuro terá chegado cedo demais” (p. 21).

As mudanças a que se refere o autor acima citado são uma realidade. As transformações vêm acontecendo de forma rápida, as TICs nos deixam munidos de informações que surgem pelo mundo a fora. Por outro lado sabemos que essas mudanças possuem dois lados, o positivo e o negativo. Esse lado negativo é quando essas mudanças passam a ser um risco para nossa identidade, podendo nos transformar em seres desumanizados pelo excesso de técnicas ao nosso redor, ou seja, o contrario do que se espera com as novas técnicas comunicativas.

Toffler nos afirma ainda que:

A mudança cai como uma avalanche sobre nossa cabeça e a maior parte das pessoas se encontra despreparada para lidar com ela [...] já se tornou um clichê dizer que o que estamos passando atualmente é uma segunda Revolução Industrial. Esta frase supostamente deve nos impressionar com a velocidade e a profundidade das mudanças a nossa volta. Mas além de ser simplista, ela é enganosa. Pois o que está ocorrendo agora é, em todos os aspectos, maior, mais profundo e mais importante do que a Revolução Industrial. Na verdade, um número crescente de opiniões respeitáveis afirma que o atual movimento representa nada menos do que a segunda grande divisão da história humana, comparada em magnitude somente com aquela primeira ruptura na continuidade histórica, a mudança do barbarismo para a civilização. (TOFFLER, 2001, pp.23-24)

Sancho et al.(2006, p. 87) quando falam das TICs, no que tange as mudanças, explicam que elas “se apresentam como uma ferramenta que mudará a face da sociedade, não apenas no aspecto educativo, mas também no social. É evidente que são cada vez mais as pessoas que trabalham no setor da informação e que nossas culturas estão tornando-se mais técnicas”.

No mundo em que vivemos hoje, totalmente globalizado exige-se que todos passem por um processo de mudanças com relação aos antigos paradigmas, em virtude dos avanços tecnológicos em nosso meio. Diante disso pensamos que a escola deva cooperar para a construção de uma união e o estabelecimento de um domínio do homem sobre as TICs e não o contrário.

Neste sentido pensamos que a união entre o homem e as TICs deve ser levada em conta, que essas máquinas tecnológicas precisam ter um complemento e esse complemento é a prática humana, ou seja, a vivência e a arte humana. O conhecimento através da arte pode vir ajudar para uma contribuição fundamental e capaz de evitar o que Fino cita quando fala sobre a falta de mudança no ambiente escolar

É verdade que as escolas evoluíram também. O problema é que, um dia qualquer, no passado, as escolas não tiveram agilidade para igualarem a velocidade da mudança da sociedade e começaram a ficar para trás. Entregues a si mesmas, as escolas começaram a rearranjar a sua constelação de conceitos, valores, percepções e práticas num círculo vicioso, procurando a legitimidade cada vez mais dentro delas próprias e, por essa via, esticando os seus laços com o resto do mundo até, praticamente, ter chegado a um ponto de ruptura. (Fino, 2011, p. 48).

Diante do que foi citado pelo autor, a escola ao invés de procurar quebrar os velhos paradigmas que estão separando os métodos educacionais das demais mudanças que vem surgir na sociedade, ela simplesmente faz por onde cortar laços que serviriam de inovações,

ou seja, fatos que iriam reorganizá-la para estar em sintonia com o mundo atual. Percebemos ai que o mundo da arte pode contribuir para a construção de novos paradigmas, a fim de mudar o contexto escolar e romper com o paradigma fabril. Quando citamos paradigmas e mudanças que poderão surgir nos ambientes escolares, lembramos novamente de Fino, com a seguinte citação:

Chegamos ao momento, portanto, em que o velho paradigma, exausto, deve dar lugar a um outro, capaz de ir ao encontro de novas e indeterminadas necessidades de uma nova ordem pós industrial emergente. Talvez ainda seja demasiado cedo para antevermos os contornos exactos do paradigma que segue. [...] Quisera ser um mago pós-industrial, com sabedoria e poder para tocar as escolas com a minha varinha mágica e dar às novas gerações uma nova instituição de aprendizagem, tão perfeita quanto as escolas foram instituições de ensino. (FINO, 2003, p. 01).

Na concepção de Aranha (2007) muitas mudanças ainda vão acontecer na virada do século, citando como exemplo os significados de palavras, quando se refere à força de trabalho, hoje, conhecida como mão de obra, segundo a autora, expressão em desuso. Sendo assim, como as palavras passam a receber um novo significado, é conveniente que as escolas também passem por essa mudança.

Não é mais a mão, e sim a cabeça dos funcionários que interessa. Por isso, o trabalhador não pode ser mais aquele que entende as ordens e consegue cumpri-las. Tem que ser alguém que saiba refletir sobre o processo produtivo. E que esteja preparado para mudanças. Isso é ainda mais verdadeiro para os empreendedores. Com a diminuição de oportunidades nas grandes empresas, as escolas têm de formar gente que saiba inventar o próprio negócio. (...) o ensino não pode ser mais um conjunto de conhecimentos que serve para a vida inteira. As pessoas vão precisar de algo diferente: habilidade de adquirir conhecimentos novos o tempo todo. Aprender a aprender. (ARANHA, 2007, p. 91)

Diante disso, caso um novo cenário solicite que um individuo se adeque às constantes mudanças, será por meio da educação, pois é uma forma de transmitir a formação para que as pessoas tenham habilidades para saberem enfrentar os obstáculos do atual século, facilitando a capacidade de aprender a aprender. Sendo assim, o que necessitamos agora é de uma revolução metodológica, no ambiente educacional, e para tanto é preciso que haja uma ruptura do passado para assim surgirem novas atitudes diante dos profissionais da educação. Nesse sentido, Fino (2011, p.48) nos convida a uma reflexão sobre o ambiente escolar, afirmando que “já não preparam para a vida como antes preparavam, a cada dia que passa, a escola vai

tendo menos que ver com o mundo que a rodeia atualmente, e mais com o mundo que a rodeou no passado”.

Pensando assim, no que tange à Inovação Pedagógica, o modelo de educação que hoje está centrada no profissional da educação, não tem representação alguma diante das mudanças que a sociedade impõe para a existência de um novo modelo do profissional de educação e de um novo paradigma educacional.

Hoje em dia, a sociedade vem impondo novas exigências às nossas escolas, e para que haja essas mudanças é preciso que as escolas estejam abertas a receber o novo, para tanto é preciso ser repensada e reorganizada para assim acompanhar a nova sociedade que se apresenta.

Pensando nessas mudanças, vemos cada vez mais a necessidade da educação através da arte, através do social, como forma de humanizar as novas gerações e assim contribuir com a construção de pessoas autônomas, conscientes, responsáveis, livres, enfim, contribuir com a ruptura de um paradigma fabril.

A arte vem para potencializar o trabalho em grupo, transformando a aula expositiva, contribuindo com uma aprendizagem colaborativa, desenvolver uma nova cultura, enfim, dá oportunidade para o aluno se tornar dono do seu próprio conhecimento, através de uma dinâmica que implica sempre “menos ensino e mais aprendizagem” (Fernandes, 2011, p. 12).

Pensando assim Freire (1996, p.40) considera que “O bom educador é o que consegue, enquanto fala, trazer o aluno até a intimidade do movimento de seu pensamento”. E assim Piaget ainda afirma que:

Se o ensino consiste em simplesmente em dar aulas, em fazê-las repetir por meio de exposições ou de provas, e aplicá-las em alguns exercícios práticos sempre impostos, os resultados obtidos pelo aluno não tem significação (...) Unicamente na medida em que os métodos de ensino sejam ativos – isto é, confirmem uma participação cada vez maior as iniciativas e aos esforços espontâneos do aluno – os resultados obtidos serão significativos. (1988, p. 47)

Diante desse cenário, a educação é convidada a se reorganizar e a interagir com as novas mudanças, refazendo suas estratégias. Neste sentido é importante citar o pensamento de Sacristán:

[...] Trata-se, portanto, de ir reconstruindo nossa visão de realidade, os discursos que mantemos para compreender o papel da educação e das

escolas, seus fins na nova situação e os procedimentos de ensinar e aprender que são possíveis, ou seja, é preciso elaborar uma nova narrativa, voltar a escrever o discurso acerca da educação; em suma, à luz de novas condições na sociedade em que nos cabe viver (2007, p.41).

1.4 A Inovação Pedagógica na Educação Formal e Não Formal

Temos três conceitos para a educação, porém esses mesmos conceitos levam os professores a trilhar por caminhos diferentes, ou seja, enquanto uns estão em busca de caminhos que os levem às inovações, outros acham, mais cômodo permanecer no tradicionalismo. É notório quando os grandes profissionais da Educação falam em: Educação Formal, Educação Não Formal e Educação Informal. Para conceituar os termos sobre Educação, utilizamos as palavras de Gohn, onde a mesma afirma que

A educação formal é aquela desenvolvida nas escolas, com conteúdos previamente demarcados; a educação não formal é aquela que se aprende “no mundo da vida”, via os processos de compartilhamento de experiências, principalmente em espaços e ações coletivos cotidianos; e a educação informal como aquela na qual os indivíduos aprendem durante seu processo de socialização gerada nas relações e relacionamentos intra e extra familiares (amigos, escola, religião, clube etc.). A informal incorpora valores e culturas próprias, de pertencimento e sentimentos herdados. Os indivíduos pertencem àqueles espaços segundo determinações de origem, raça/ etnia, religião etc. São valores que formam as culturas de pertencimentos nativas dos indivíduos. Contrariamente, e educação não formal não é nativa, ela é construída por escolhas ou sob certas condicionalidades, há intencionalidade no seu desenvolvimento, o aprendizado não é espontâneo, não é dado por características da natureza, não é algo naturalizado. (GOHN, 2010, p.16)

Sendo assim, sobre a Educação Formal fica claro que os professores são as pessoas mais responsáveis pela formação acadêmica dos alunos, sabendo que, além do professor o ambiente escolar também influencia nos processos da Educação Formal, esses profissionais se prendem em uma Educação dentro do espaço escolar, “estes espaços são os territórios das escolas, são instituições regulamentadas por lei, certificadoras, organizadas segundo diretrizes nacionais” (ibidem).

Já na Educação Não Formal, não existem obrigatoriamente regras dentro das instituições, ou seja, a prioridade na Educação Não Formal é dar preferência ao saber do aluno utilizando como base a vida desse aluno e não certifi-cá-lo com regras e conceitos. “Na

Educação não formal, há a figura do Educador Social, mas o grande educador é o “outro”, aquele com quem interagimos ou nos integramos” (op. Cit., p. 17).

A Educação Não Formal prioriza muito os espaços para melhor desenvolvimento dos alunos, “os espaços educativos localizam-se em territórios que acompanham as trajetórias de vida dos grupos e indivíduos, fora das escolas, em locais informais, locais onde há processos interativos intencionais” (ibidem). Sendo assim, este tipo de educação pode acontecer em qualquer lugar, desde que exista interação. Vale ressaltar que é essencial conhecer os ambientes utilizados e o modo como os profissionais que trabalham com a Educação Não Formal educam os alunos, sobre isso Gohn afirma que

A não formal ocorre em ambientes e situações interativas construídos coletivamente, segundo diretrizes de dados grupos, usualmente a participação dos indivíduos é optativa, mas ela também poderá ocorrer por forças de certas circunstâncias da vivência histórica de cada um, em seu processo de experiência e socialização, pertencimentos adquiridos pelo ato da escolha em dados processos ou ações coletivas. Há na educação não formal uma intencionalidade na ação, no ato de participar, de aprender e de transmitir ou trocar saberes. (GOHN, 2010, p. 18)

Percebemos assim que existe um grande caminho a percorrer em busca da inovação na escola formal. Ainda sobre a Educação Formal, além de ser uma Educação que não segue regras nem as Leis propriamente ditas no currículo escolar é uma Educação que abre as portas para o novo com possibilidades de fazer mudanças.

Sendo assim, os profissionais que abraçam a Educação Não Formal estão sempre abertos às novas inovações pedagógicas, quebrando os velhos paradigmas existentes nos métodos tradicionais.

Quando pensamos em educação, lembramos logo do ambiente escolar, pelo fato de ser neste ambiente o lugar onde adquirimos conhecimento, aprendemos o certo e o errado através das regras obtidas no sistema da educação, por outro lado quando nós abrimos as portas para o novo, entendemos que não é a escola o melhor ou o único lugar onde podemos adquirir conhecimento, ou seja, não é o único lugar onde pode acontecer a educação.

Pensado assim, Brandão (1993, p. 13) afirma que a educação se processa em lugares onde não existem escolas, até mesmo porque, em todos os lugares, existem “redes e estruturas sociais de transferência de saber de uma geração a outra”. Sendo assim, para que haja

aprendizagem não é preciso estar dentro dos muros do ambiente escolar, muito menos apegados ao modelo da educação formal. Concordando com o pensamento de Brandão, Cortella afirma que

Como Educação não é sinônimo de escola, dado que esta é parte daquela, tudo o que se expande para além da formalização escolar é território educativo a ser operado. Ademais, se essa operação compartilhante na Educação não formal pretende a consolidação de uma sociedade com convivência justa e equânime, a cidadania em paz é o horizonte. (2007, p. 47)

Sabe-se que a educação também possui definições baseadas no caráter formal, onde afirmam que a escola é um lugar que contribui com a construção da aprendizagem proporcionado educação. Sobre o questionamento de ensinar e aprender, Brandão discorre que:

A educação aparece sempre que surgem formas sociais de condução e controle da aventura de ensinar-e-aprender. O ensino formal é o momento em que a educação se sujeita à pedagogia (a teoria da educação); cria situações próprias para o seu exercício, produz os seus métodos, estabelece suas regras e tempos, e constitui executores especializados. É quando aparecem a escola, o aluno e o professor. (1993, p.26)

Seguindo o pensamento de Brandão, Libâneo também é referência no que diz respeito a educação formal e a não formal, afirmando que:

A educação formal e não formal interpenetram-se constantemente, uma vez que as modalidades de educação não formal não podem prescindir da educação formal (escolar ou não, oficiais ou não), e as de educação formal não podem separar-se da não formal, uma vez que os educandos não são apenas “alunos”, mas participantes das várias esferas da vida social, no trabalho, no sindicato, na política, na cultura etc. Trata-se, pois, sempre, de uma interpretação entre o escolar e o extra escolar. (2005, p. 95).

Sendo assim, percebe-se que a escola surgiu para organizar o saber de acordo com os sistemas oficiais de ensino, valorizando as características próprias do ato de educar. Nesse contexto podemos dizer que para a educação ser definida vai depender do contexto social ao qual está seu foco.

Diante desse contexto, nota-se que a maneira como se processa e conceitua-se a educação vai depender de um fato, uma época, e o meio social ao qual a educação está sendo

vivenciada. Neste caso é necessário uma breve reflexão acerca do momento vivenciado. O contexto social pós-moderno distingue-se em vários aspectos do momento de surgimento das escolas, ou seja, da educação formal, pois varias transformações surgiram em todas as esferas sociais e, principalmente, na área da tecnologia, que nos dias atuais é uma forte aliada diante das novas gerações.

Ainda seguindo os pensamentos de Brandão (1993), quem descobriu, na prática, o objetivo primordial da educação foram os anseios de alguns grupos da sociedade, por intermédio do saber, assim quem *“qualifica o trabalho do homem educado, não foram os filósofos do passado ou os cientistas de hoje”* (p. 67), mas sim os povos primitivos. Então se os povos primitivos já tinham essa visão, segundo o pensamento do autor, é necessário que o homem pós-moderno se liberte dos sistemas de ensino do passado e incorpore atitudes inovadoras.

A educação não formal de certa forma está mais disposta a desenvolver atividades voltadas para as ações condizentes com o novo contexto social, pois se desenvolvem de maneira mais espontânea, sem nortear suas ações com os antigos paradigmas, ou seja, abrem espaço para que os profissionais procurem focar no educando colaborando com a construção do aprendizado dos mesmos, proporcionando assim formas inovadoras de inserir o sujeito na sociedade.

Gohn, ao analisar Brandão, ratifica que:

A Educação não formal capacita os indivíduos a se tornarem cidadãos do mundo, no mundo. Sua finalidade é abrir janelas de conhecimento sobre o mundo que circunda os indivíduos e suas relações sociais. Seus objetivos não são dados a priori, eles se constroem no processo interativo, gerando um processo educativo. Um modo de educar surge como resultado do processo voltado para os interesses e as necessidades que dele participa. A construção de relações sociais baseadas em princípios de igualdade e justiça social, quando presentes num dado grupo social, fortalece o exercício da cidadania. A transmissão de informação e formação, política e sócio cultural é uma meta na Educação não formal. Ela prepara os cidadãos, educa o ser humano para a civilidade, em oposição à barbárie, ao egoísmo, individualismo etc. (2006. p.30)

Assim fica nítido que na educação não formal não há existência de currículos predefinidos que norteiem as ações educativas, ou seja, elas ocorrem fora das escolas sem utilizar-se de objetivos prévios nas formas de organização. Assim, os objetivos norteadores surgem baseando-se nos anseios e necessidades dos membros do grupo social de forma que o respeito e o trabalho coletivo estejam presentes caracterizando a educação.

Ainda segundo Gohn (2006), um dos aspectos muito relevante da educação não formal nos dias atuais é a contribuição de forma coletiva de um grupo, no desenvolvimento da solidariedade, autoestima e principalmente identificação de interesses comuns e assim promover a inclusão social possibilitando o acesso aos direitos de cidadania, “que resgatem alguns ideais já esquecidos pela humanidade, como a civilidade, tolerância e respeito ao outro” (p.36). Sendo assim, esse tipo de educação que se desenvolve além dos muros da escola, representa uma prática inovadora na sociedade atual.

Capítulo 2. Grupo ACRA: Uma proposta pedagógica de Educação Não Formal.

Campo Formoso é um município brasileiro do estado da Bahia. Sua população estimada em 2016 é de 77.611 habitantes. A cidade de Campo Formoso é conhecida por suas belas grutas, pelo comércio de esmeraldas, por suas indústrias de minérios de ferro e cimento e pela tradição cultural.

No que tange as atividades culturais o município de Campo Formoso tem manifestações organizadas de festas tradicionais, populares e folclóricas durante todo o ano. Essas manifestações culturais são expressas através de quadrilhas juninas, reisados, Roda de São Gonçalo, queima de Judas, penitentes, pau de fitas, além dos grupos teatrais que acabam sendo responsáveis pelas atividades culturais do município.

Entre esses grupos culturais, um dos que também ganham grande destaque é o grupo Associação Cultural Raízes e Asas (ACRA). Este grupo foi criado para oportunizar jovens e adolescentes oriundos de comunidades que estão localizados na sede e interior do município de Campo Formoso, mais especificamente dos bairros periféricos.

A ACRA é uma organização sem fins lucrativos, designada exclusivamente para a promoção da formação acerca das práticas culturais. Este grupo possui uma grande referência

tanto na cidade de Campo Formoso quanto nos povoados vizinhos, e o interesse é expandir-se para outras regiões.

O grupo também trabalha com materiais concretos como mascaras figurino, material para construir um cenário, e muitos são construídos durante as oficinas. Vem promovendo o desenvolvimento da arte e cultura desde 2005 tendo como presidente Robson França (Diretor artístico cultural, graduado em serviço social).

O grupo inicialmente contou com o apoio da Paróquia de Santo Antônio, não quer dizer que trabalhe apenas com jovens que façam parte da Paróquia, apenas formou uma parceria que segundo o presidente do grupo, foi uma parceria que contribuiu bastante no início para o desenvolvimento das atividades realizadas durante o processo de composição do grupo. Hoje o grupo desmembrou-se da Paróquia. Ao iniciar seus trabalhos, a ACRA fez uma seleção de jovens e adolescentes, dando-lhes uma formação acerca das problemáticas sociais que os mesmos vivenciam no meio em que estão inseridos.

O estatuto do grupo tem por finalidade primordial, estimular os alunos no âmbito social, buscando ajudar no desenvolvimento dos jovens e adolescentes envolvidos. Desenvolvem competências para as diversas modalidades na área da arte, para produções de trabalhos pessoais e grupais para que possam progressivamente apreciar, desfrutar, valorizar e julgar os bens artísticos distintos e diversos.

Através das oficinas de teatro nas escolas nos dá a oportunidade de libertar o aluno do desânimo dentro do ambiente escolar, da ignorância do mundo das drogas, enfim nos dá a oportunidade de mostrar a esse aluno novas oportunidades de vida. Os monitores do Grupo ACRA, se mostram preocupados com a participação e construção social que o grupo pode trazer para os alunos, sendo assim, o grupo vem vencendo seus obstáculos, limitações e a cada dia vem buscando gradativamente se atualizar para que os jovens possam atingir seus objetivos dentro e fora do grupo com maior efetividade.

Trabalhar com oficinas de teatro e poder levar essas oficinas para as escolas tem um grande valor que é o de preparar os alunos para um futuro de esperança, dinamismo para que os alunos também possam ter mais agilidade pensando, entendendo e analisando situações. Da mesma forma que o teatro transforma o aluno também tem seus objetivos com os profissionais da educação, pois os mesmos serão capacitados para trabalhar e assim utilizar a linguagem teatral com ferramenta base para um ensino de qualidade alcançando seus

objetivos que é justamente o de preparar os alunos, transformando-os em cidadãos inovadores.

Assim pode-se dizer que, as oficinas de teatro são um instrumento que pode resgatar o aluno de um estado cultural para entrar em um outro estado mais inovador, ampliando seus conhecimentos, melhorando seus aprendizados, e seus comportamentos principalmente no meio de convívio. Definir a palavra arte é uma atividade muito difícil, até porque cada pessoa tem o seu conceito pessoal. Por exemplo, na concepção de Read (2001, p.15) “É um dos conceitos mais indefiníveis da história do pensamento humano”.

Essa indefinibilidade é explicada pelo fato de que ela sempre foi tratada como um conceito metafísico, embora seja fundamentalmente um fenômeno orgânico e mensurável. Como a respiração, ela tem elementos rítmicos; como a fala, elementos expressivos; mas “como”, nesse caso, não expressa uma analogia: a arte está profundamente envolvida no real processo da percepção, do pensamento e das ações corpóreas. Não se trata tanto de um princípio governador a ser aplicado à vida, mas de um mecanismo governador que, somente correndo riscos, podemos ignorar. Minha asserção final será que, sem esse mecanismo, a civilização perde seu equilíbrio, mergulhando no caos social e espiritual. (READ, 2001, p. 15)

Ensinar as disciplinas hoje em dia não é tarefa apenas da instituição escolar. O ambiente escolar é um local formador de opinião, sendo assim a escola deve dar condições para que o aluno tenha acesso ao lazer, à cultura, ou seja, permitir que o aluno tenha uma integração efetiva dentro da sociedade.

Diante disso Camillis (2002, p. 27) contribuindo com o pensamento de Christov e Mattos discorre que:

A atividade de arte é, geralmente, exercida como complemento de disciplinas mais ‘sérias’, como atividade ‘livre’ para preencher lacunas de tempo, como atividade disciplinar para aquietar alunos, como atividade dirigida para colorir desenhos mimeografados, alheios, como atividade decorativa em festas escolares, ou seja, no exercício de uma concepção acrítica e a histórica.

O grupo também dá oportunidade para que o aluno saiba se expressar e se comunicar durante as aulas nas oficinas de artes, mantendo uma atitude de busca pessoal ou coletiva, articulando a percepção, a imaginação, a emoção, sensibilidade e a reflexão ao realizar e fluir produção artística. Proporciona uma prática em torno da aprendizagem em artes garantindo oportunidades para que o ser seja capaz de ampliar seus conhecimentos de mundo que possuem, manipulando diferentes objetos e matérias, explorando suas características,

propriedades e possibilidades de manuseios e o contato com formas diversas de expressão artística.

O Grupo também utiliza diversos materiais sobre diferentes superfícies para ampliar suas possibilidades de expressão e comunicação, desenvolvendo atividades voltadas para a arte, leitura, atividades sociais e culturais no âmbito de uma educação informal utilizando-se de ambientes não formais para as devidas aprendizagens com os jovens desta cidade.

2.1 Ambiente educacional e a Cultura Escolar

Um ambiente educacional inovador é muito mais fácil de ser encontrado fora da escola, do que dentro dela, pois os parâmetros curriculares aprisionam o educador e dificultam um olhar reflexivo e inovador, fazendo com que esse reproduza a educação fabril.

Esse ambiente educacional que difere dos modelos de uma sala de aula convencional, em conjunto com atitudes pedagógicas não tradicionais dos monitores estimulam os alunos a se inter-relacionarem por meio do trabalho cooperativo e de uma troca constante de elementos, o que acaba possibilitando a construção do conhecimento dando margem para que haja a aprendizagem. A escola é uma instituição escolar onde podemos conviver com várias pessoas com determinadas funções como professores, coordenador, diretores, alunos, pessoal de apoio, etc. Através do trabalho dessas pessoas encontramos o currículo e a prática pedagógica que acabam proporcionando uma forma de educar utilizando como referencia as qualidades inerentes de cada aluno. Sendo assim Nóvoa afirma que as “escolas são instituições de um tipo muito particular, que não podem ser pensadas como qualquer fábrica ou oficina: a educação não tolera a simplificação do humano (...) que a cultura da racionalidade empresarial sempre transporta”. (NÓVOA, 1998, p. 16).

Pensando assim, podemos através dos movimentos culturais, interagir com o tradicionalismo e o novo fazendo da cultura uma realização de trocas onde essa cultura vai poder ser passada através das gerações. A cultura escolar é conhecida por ser um conjunto de regras que determinam conhecimentos para o ensinamento e determinam condutas a serem seguidas permitindo transmitir dentro da pratica pedagógica influencias sobre ritos e linguagens para o melhor desempenho do aluno valorizando a ação de cada aluno na contribuição da construção de novas obras no mundo.

Pensando assim, a cultura escolar tem por função primordial ser uma ferramenta onde dará suporte ao aluno a compreender a função dos valores juntamente com as práticas pedagógicas focando sempre no crescimento do próprio aluno, desse modo a escola terá sua cultura estabelecida, não sendo apenas mais um sistema educacional diferente e sim um conjunto de “ideias, pautas e práticas relativamente consolidadas, como (...) hábitos. Os aspectos organizativos e institucionais contribuem (...) a conformar uns ou outros modos de pensar e atuar e, por sua vez, estes modos conformam as instituições num outro sentido”. (FRAGO, 1998, p. 169).

A escola é um local projetado, historicamente nos acontecimentos da atualidade, uma intervenção pensada para ampliar a função social de levar tais conhecimentos à geração atual, tendo como objetivo primordial a transformação do aluno em um cidadão crítico com liberdade para pensar, criar e inovar. Claro que a função primordial da cultura escolar não é apenas promover o trabalho com valores, regras ou uma ferramenta pedagógica antiga que devemos seguir. Frago (2000a) define a cultura escolar como um agrupamento que envolve a prática, as normas, as ideias e os procedimentos que acabam expressando as maneiras de fazer e pensar sobre o cotidiano escolar e,

[...] esses modos de fazer e de pensar – mentalidades, atitudes, rituais, mitos, discursos, ações – amplamente compartilhados, assumidos, não postos em questão e interiorizados, servem a uns e a outros para desempenhar suas tarefas diárias, entender o mundo acadêmico-educativo e fazer frente tanto às mudanças ou reformas como às exigências de outros membros da instituição, de outros grupos e, em especial, dos reformadores, gestores e inspetores (FRAGO, 2000a, p. 100).

Para um bom entendimento da cultura escolar os professores, as práticas utilizadas por eles, a comunidade em si, são peças fundamentais para daí constituir um aspecto fundamental sobre sua cultura.

2.2 Cultura da Região

A cultura abrange todo o espaço social de uma comunidade, acaba sendo a realidade social de um determinado lugar. Na concepção de Macedo (2010, p.53) essa realidade social “é um conjunto dos objetos e dos acontecimentos do mundo cultural e social, vivido pelo

pensamento do senso comum, emergindo num mundo de numerosas relações de interação. É o mundo dos objetos culturais e das instituições sociais nas quais nascemos, onde nós nos reconhecemos.” Assim as manifestações culturais ajudam a comunidade de hoje a conhecer e conviver com a comunidade de ontem, ou seja, o tradicional e o novo em transmissão simbólica passando a cultura de geração em geração.

Na região de Campo Formoso, cidade histórica, que está situada ao norte da Bahia, Brasil, conhecida como a cidade dos minérios, é portadora de grandes manifestações culturais. Campo Formoso não abriga apenas as esmeraldas e outras pedras preciosas, também é dona de uma história e de uma cultura espetacular que hoje podemos resgatar levando e trabalhando esta cultura em nossas escolas.

A escola passa a ser um lugar onde podemos promover uma aprendizagem significativa baseada na cultura visando desenvolver no aluno um crescimento pessoal sempre em busca de trabalhar em cima dos limites e potencialidades do aluno ajudando-o a vencer barreiras ultrapassando obstáculos. Nesta concepção, Frago (2000) vê a cultura escolar com o “modo de pensar e atuar que proporciona a seus componentes estratégias e pautas para desenvolver-se tanto nas aulas como fora delas”. (FRAGO, 2000, p.100). Sendo assim a cultura não iria apenas favorecer uma inclusão dos valores e objetivos culturais na escola e sim ser uma ferramenta a mais para somar junto a prática pedagógica focando no desenvolvimento do aluno.

A escola é um ambiente formado historicamente para levar aos alunos um conhecimento que ajude a desenvolver os que os alunos já tem, ou seja, a bagagem de conhecimento que o aluno já traz de onde ele vem. Visando isso Pérez Gómez (1998) afirma que a escola é um ambiente de ‘cruzamento de culturas’. Isso significa que a escola tem a possibilidade de desenvolver e identificar novas culturas, observando e proporcionando encontros de novos cenários culturais no ambiente escolar. Diante disso Sacristán (2002) afirma que:

Os processos de subjetivação da cultura dependem, obviamente, das possibilidades de cada um, de acordo com suas capacidades e habilidades para entrar no complexo mundo de significados segundo a orientação que lhes proporcionam seus interesses. (SACRISTÁN, 2002, p.202)

Sendo assim, valorizar a cultura de nossa região através da arte é um dos objetivos do Grupo ACRA, até porque as manifestações culturais muitas vezes são colocadas em segundo

plano e segundo o presidente do Grupo “Se o Grupo ACRA contribuir de alguma maneira para conseguir resgatar essa cultura da nossa região, então nossa missão também estará sendo cumprida.”

2.3 A importância do uso das oficinas de teatro na escola.

O teatro é uma arte que se resume na prática de atividades que tem por objetivo incentivar a criatividade dos jovens e adolescentes. O teatro, por ser um meio onde o aluno pode se expressar permite que o mesmo presencie fatos ocorridos em tempos ou lugares passados, pois no teatro existe a possibilidade de “reviver” fatos em que o aluno reconstitui através da leitura e compreensão dos fatos existentes no próprio texto, entretanto,

O professor deve adaptar as atividades e ordem de aplicação de cada conjunto às condições de espaço, de material colocado à disposição das crianças e, principalmente, partir da sua própria percepção dos tipos de personalidade das crianças com quem trabalha. O educador deverá adaptar o ensino a cada momento, a cada criança e a cada grupo. (REVERBEL, 1996, p. 25).

As oficinas de teatro estimulam a criatividade dos nossos alunos e permitem que eles construam uma relação de autoconfiança, interagindo e respeitando o próximo. Segundo o Parâmetros Curriculares Nacionais Arte (1997 p.57),

As propostas educacionais devem compreender a atividade teatral como uma combinação de atividade para o desenvolvimento global do indivíduo, um processo de socialização consciente e crítico, um exercício de convivência democrática, uma atividade artística com preocupações de organização estética e uma experiência que faz parte das culturas humanas. (PCN, 1997 p.57)

Vale ressaltar que a arte utiliza vários ambientes, ela não é restrita na sala de aula, e esses ambientes podem ser identificados como ambientes informais e/ou não formal. A educação informal como já foi dito, está fora do sistema escolar e no que tange as oficinas de teatro, a educação informal vai ajudar o discente a interagir tanto com o grupo no qual faz parte, como também com outros grupos. Ainda a educação não formal proporciona um aprendizado fora do ambiente escolar com um único objetivo de preparar o discente para o mundo.

As oficinas de teatro não têm o objetivo de formar atores, os professores procuram através da linguagem teatral, as melhores possibilidades de envolver o aluno nos processos de interação e afetividade. Nesta perspectiva Japiassu (2001) afirma que “o objetivo do ensino das artes, para a concepção pedagógica essencialista, não é a formação de artistas, mas o domínio, a fluência e a compreensão estética dessas complexas que movimentam processos afetivos, cognitivos e psicomotores”. (JAPIASSU, 2001, p. 24). Ainda segundo os PCNs, (1997, p.58),

O teatro no ensino fundamental proporciona experiências que contribuem para o crescimento integrado da criança sob vários aspectos. No plano individual, o desenvolvimento de suas capacidades expressivas e artísticas. No plano do coletivo, o teatro oferece, por ser uma atividade grupal, o exercício das relações de cooperação, diálogo, respeito mútuo, reflexão sobre como agir com os colegas, flexibilidade de aceitação das diferenças e aquisição de sua autonomia como resultado do poder agir e pensar sem coerção.

As oficinas de teatro trabalham com uma linguagem artística que busca envolver conhecimentos e questionamentos sobre a situação do mundo, ou seja, essas oficinas de arte passam a obter uma forma nova de comunicação, ocupando um novo espaço onde permite o aluno ser um pouco de tudo e ao mesmo tempo, muito de si mesmo.

A cultura das oficinas de teatro decorre por longos estudos teóricos e práticos, sempre valorizando as habilidades para interpretação e outras qualidades que contribuam no processo de formação dos alunos. Levar as oficinas de teatro para sala de aula é um método prazeroso, pois é uma atividade interativa que envolve tanto o professor quanto o aluno e assim estimula o aprendizado dos mesmos. Esta linha de pensamento vem ao encontro do que diz nos PCNs.

O conhecimento da arte abre perspectivas para que o aluno tenha uma compreensão do mundo na qual a dimensão poética esteja presente: a arte ensina que é possível transformar continuamente a existência, que é preciso mudar referências a cada momento, ser flexível. Isso quer dizer que criar e conhecer são indissociáveis e a flexibilidade é condição fundamental para aprender. (Parâmetros Curriculares Nacionais, 2000, pp.20-21)

Trabalhar com as oficinas de teatro é ao mesmo tempo dá oportunidade para os alunos adquirirem uma boa oralidade, bons gestos, uma boa linguagem, explorar a beleza da dramatização da articulação, produzir conhecimentos e permitir ao aluno sonhar. Nessas oficinas de teatro os alunos perdem a timidez, aprendem a se desenvolver melhor, o trabalho em grupo é mais valorizado e aprendem até a ter um bom improviso, quando esse é exigido,

ou seja, a arte ensina o aluno a ser um cidadão crítico reflexivo e criativo. Diante disso Freedman (1992) afirma que:

Uma arte na educação para a compreensão assim proposta requer um campo de conhecimentos interdisciplinares que permita a aproximação às diferentes culturas de outras épocas e lugares, para favorecer a aprendizagem de estratégias de interpretação e a realização de produções com diferentes meios e recursos nos quais esse conhecimento se projete em novas produções simbólicas. A relação desses saberes trata de favorecer o desenvolvimento de um conhecimento crítico e relacional sobre e a partir das produções que se vinculam ao seu contexto e ao presente dos estudantes e dos diferentes produtores e receptores das manifestações de compreensão da cultura visual. (Freedman Apud Hernández, 2000, p. 56)

Não é necessário que exista na escola um espaço adequado só para o trabalho com o teatro, nem figurinos requisitados para que se alcance um bom trabalho com as oficinas, apenas força de vontade tanto do professor quanto da gestão da escola, em ter um bom acervo de livros que falem sobre o teatro ou simplesmente uma parceria entre a escola e um grupo de teatro da comunidade.

PARTE II

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Capítulo 3 Caminhos e inquietações que nos levaram à pesquisa

A pesquisa que surgiu a partir da nossa experiência enquanto professora da rede municipal de Campo Formoso, e depois como gestora de um Colégio no município de Campo Formoso nasceu sobretudo da inquietação, observando a prática diária do trabalho dos professores nas escolas municipais.

Enquanto professora, vimos como as disciplinas de arte e cultura eram muitas vezes “rejeitadas” pelos professores ou quando os professores aceitavam ficar com a disciplina sem ter formação ou experiência, apenas para completar a carga horaria e assim trabalhavam de maneira tradicional ou fingiam que ensinavam, “enrolando” o aluno com conversas desnecessárias.

Enquanto gestora do Colégio percebíamos a evasão dos adolescentes, algumas vezes por falta de interesse mesmo, porém a maioria dos casos era por problemas com envolvimento com drogas ilícitas, prostituição, gravidez na adolescência, etc.

Começamos então a colocar nossas inquietações em formas de perguntas para daí começarmos a tentar encontrar soluções. As perguntas foram: O que poderia ser feito para ajudar na vida pessoal e social desses adolescentes? Como nós, enquanto gestores poderíamos fazer para melhorar a cultura da escola, a sua prática, necessariamente no que diz respeito às aulas de arte e cultura? Como nós enquanto professores podemos fazer para oferecer um melhor desenvolvimento para nossos alunos através de uma metodologia diferente daquelas que são estruturadas na escola? Como podemos fazer para trabalhar a arte integrando o social e ao mesmo tempo desenvolver a cultura com nossos alunos?

Com todas essas perguntas veio-nos à lembrança que na cidade de Campo Formoso existia já há algum tempo um projeto que talvez tivesse a resposta para nossas perguntas, o “Grupo ACRA”, um projeto que trabalhava com arte e cultura “resgatando” vidas e assim transformando o social.

As crianças e adolescentes frequentavam as aulas das oficinas de arte com toda espontaneidade era uma iniciativa que deixavam os pais cheios de orgulho com o desenvolvimento dos filhos. Os alunos iam para a escola regular e no horário oposto estavam na instituição do grupo ACRA. Os alunos eram assíduos e praticamente não existiam faltas

pois permaneciam a cada dia com vontade e interesse de participar e cumprir com todas atividades propostas nas oficinas de arte pelos seus tutores.

Durante o período de 15 anos atuando como professora e 2 anos atuando na direção do colégio percebemos que as aulas de arte e cultura nunca haviam mudado o método de trabalho com os alunos na sala de aula e foi por esse motivo que a vontade de conhecer e assim desenvolver a pesquisa com o grupo ACRA foi crescendo desde quando ouvimos falar nesse grupo, e assim descobrir com a ACRA, como os seus integrantes trabalhavam de maneira diferente, segundo os rumores que chegavam nos quatro cantos da cidade de Campo Formoso.

Sendo assim, baseando-nos nesse objetivo, no dia 26/04/2017, realizou-se a primeira visita na instituição do Grupo ACRA – Associação Cultural Raízes e Asas, que hoje é o objeto de pesquisa para essa tão sonhada dissertação de mestrado.

3.1. Paradigma qualitativo

As abordagens qualitativas propiciam descrever a complexidade de problemas e hipóteses, bem como analisar a interação entre variáveis, compreender e classificar determinados processos sociais, oferecer contribuições ao processo das mudanças, criação ou formação de opiniões de determinados grupos e interpretação das particularidades dos comportamentos ou atitudes dos indivíduos (OLIVEIRA, 2003) Sendo assim, durante a realização de um estudo qualitativo é importante que haja um contato extenso o grupo investigado e a coleta de dados é essencial que seja feita com suporte nas percepções dos sujeitos pesquisados, numa ótica globalizante, permitindo assim, desenvolver uma análise autêntica do ambiente investigado, por meio do convívio entre as partes, ou seja, o pesquisador e a realidade observada, “[...] tal qual a vivem e a significam os sujeitos em observação, pois levam em linha de contas as suas crenças e os seus valores face ao mundo em que vivem” (SOUSA, 1997, p. 7).

3.2. Estudo de caso de cariz etnográfico

Esta investigação utilizou o estudo de caso de cariz etnográfico como metodologia de pesquisa para a coleta, descrição, interpretação e análise dos dados coletados.

Para Yin (2010), o estudo de caso é empregado em diversas circunstâncias “para contribuir com o conhecimento que temos dos fenômenos individuais, organizacionais, sociais, políticos e de grupos, além de outros fenômenos relacionados” (YIN, 2010, p. 24). Ainda segundo o

autor, um estudo de caso proporciona a preservação de significados existentes no fato investigado. Concordando com esse ponto de vista, André (2005) afirma que “o caso se volta para uma instância em particular, seja uma pessoa, uma instituição, um programa inovador, um grupo social” (ANDRÉ, 2005, p. 24).

A pesquisa etnográfica tem conceitos antropológicos, que levam a uma série de informações com base na observação *in lócus* de fatos na perspectiva dos atores que participam do processo, sendo o pesquisador, o principal instrumento de coleta de dados.

A expressão etnografia segundo Lapassade (1991 apud Fino, 2003, p. 03) “começou a ser utilizada pelos antropólogos para designarem o trabalho de campo (fieldwork), no decorrer do qual são recolhidos informações e materiais que servirão de objecto de uma elaboração teórica posterior”.

Neste contexto, Macedo, (2010, p. 24) diz que, “para se extrair o máximo de informações possíveis, o pesquisador precisa mergulhar na realidade, colocando-o em foco a fim de ter acesso às experiências, as condutas, as interações e aos documentos de tal modo que haja uma compreensão dinâmica e relevante a si e ao grupo de estudo”.

Diante disso, a pesquisa etnográfica possibilita ao pesquisador conhecer os mínimos detalhes do contexto social e cultural do grupo investigado. Nesta perspectiva Macedo (2010), afirma que:

As ações orientam reciprocamente porque os atores interpretam e fornecem um significado tanto ao seu próprio comportamento quanto ao dos outros e não de forma mecanicista, por meio de estímulos e respostas. [...]. Assim falar de significados é começar a assimilar o fato extremamente de que os seres humanos possuem subjetividade complexa e variada, refletida nos artefatos e nas instituições sociais nas quais eles vivem (MACEDO, 2010, p.24).

Para uma pesquisa com bons resultados, o pesquisador deverá fazer uso de métodos convenientes à situação a qual irá vivenciar, escolhendo métodos que possibilitem o máximo de informações possíveis que darão total compreensão dos dados.

Assim, os resultados da pesquisa serão interpretados em menção ao grupo ou cenário estudado, conforme as interações no contexto sociocultural, partindo do olhar do pesquisador no intuito de compreender melhor o trajeto etnográfico da pesquisa em si, onde a dinâmica de grupo dentro da pesquisa deve primordialmente referir-se-á a coesão nos grupos em prol de

um objetivo em comum; as comunicações, possibilitando a interação entre os membros, levando em consideração as redes formais e informais de comunicações; aos desvios, com foco nas possibilidades de contradições entre os membros do grupo; à mudança e a resistência à mudança, à criatividade dos membros. (LAPASSADE, 1983).

Esse tipo de metodologia nos permitiu analisar e conhecer um local de aprendizagem e refletir sobre os meios pelos quais os integrantes do grupo adquirem o conhecimento ao utilizar as práticas pedagógicas, levando em consideração a interação do grupo e os interesses obtidos no desenvolvimento do local investigado.

Sendo assim, com a metodologia escolhida para o estudo, pretendemos identificar se nas práticas pedagógicas desenvolvida, o aluno será o agente primordial da sua aprendizagem. A metodologia utilizada nos permitirá desenvolver um vínculo com os alunos e professores que atuam no projeto podendo conhecer melhor os valores, comportamentos, atitudes, por meio de “um olhar já não de alguém superiormente estranho, que vem de fora para observar, mas um olhar interessado, implicado, ou seja, um olhar etnográfico” (SOUSA, 2000, p.5).

Desse modo, a etnografia nos deu oportunidade de desempenhar um vínculo particular e ter um olhar diferenciado para melhor entender a cultura do grupo em estudo. E de acordo com Spradley (1979 apud Fino, 2003, p. 03), “etnografia é o trabalho de descrever uma cultura, sendo o objectivo do investigador etnográfico, compreender a maneira de viver do ponto de vista dos seus nativos”.

Desse modo, com este estudo procuramos descrever os aspectos, os elementos culturais e as práticas pedagógicas encontradas do ponto de vista do grupo em estudo por meio de um procedimento qualitativo de natureza etnográfica.

3.3 Campo da Pesquisa

O lócus da presente pesquisa aconteceu na instituição do Grupo ACRA – Associação Cultural Raízes e Asas. A instituição está situada à Rua Drº Ulisses Gonçalves, Bairro Popular na cidade de Campo Formoso – BA. Campo Formoso, conhecida como a “a Terra das Esmeraldas” é um município brasileiro, do Estado da Bahia. De acordo com o IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística e com o último Censo realizado em 2016 temos na cidade de Campo Formoso 77. 611 habitantes.

A sede da Associação do Grupo ACRA funciona em uma casa com 3 cômodos, onde um é usado para escritório, outro é onde são ministradas as oficinas de teatro dentre outras, cada uma com horário e dia diferente, e na outra sala fica a cozinha. A sede também tem um banheiro, um quintal e uma enorme garagem onde são realizados alguns trabalhos. A decoração da instituição contém alguns objetos relacionados com a arte tal como quadros pintados por alguns alunos da instituição, objetos de barro, etc. É um local arejado, aconchegante, simples onde existe muita integração, alegria, respeito e oportunidade para qualquer um que ali chegar.

Além da instituição do Grupo ACRA, tivemos acesso à Colégio Municipal Rômulo Galvão, que fica situado no mesmo bairro chamado Baixada da Doze, apenas para fazer uma comparação com o desenvolvimento dos alunos dentro do grupo ACRA e na escola onde eles estudam. O Colégio é situado em um bairro muito perigoso da cidade de Campo Formoso, o nome do Bairro é Baixada da Doze, porém os moradores apelidam o bairro de “Cupim” por ser muito perigoso.

O Colégio possui 10 salas sendo que 5 são usadas para sala de aula, 1 secretaria, 1 sala para os professores, 1 sala para a direção, 1 sala para a coordenação, 1 cozinha, além dessas salas o Colégio também tem 3 banheiros, 4 depósitos, uma enorme área de lazer, 1 biblioteca, 1 laboratório de informática com acesso a internet, e 1 quadra coberta. Funcionam com os três turnos e somente atende os alunos do Ensino Fundamental II (6º ano ao 9º ano), que são atualmente 600 distribuídos para os turnos matutino, vespertino e noturno.

As visitas no Colégio Rômulo Galvão foram apenas para observar aqueles alunos que fazem parte do Grupo ACRA, não foram observadas nenhum tipo de atividades dentro do Colégio, apenas o comportamento dos alunos do Grupo ACRA com relação aos outros alunos do Colégio que não fazem parte do Grupo ACRA. O campo específico da pesquisa foi somente a sede do Grupo ACRA.

3.4 Sujeitos da Pesquisa

Os sujeitos da pesquisa foram (04) alunos e os (02) monitores que fazem parte das Oficinas de Teatro do Grupo ACRA como também o presidente do projeto em estudo, (03) pais dos alunos que fazem parte do Grupo Acra e (05) professores de uma Escola regular que trabalham com alunos que fazem parte do Grupo ACRA e alunos que não fazem parte do

Grupo ACRA, ou seja o Grupo em estudo. O foco dessa pesquisa é com as Oficinas de Teatro.

A ACRA possui várias outras modalidades, porém, aquela que despertou nosso interesse por conhecer os objetivos e assim desenvolver a pesquisa foi com as oficinas de teatro, pois é uma modalidade que possibilita o aluno a ter liberdade para se expressar, criar, botar pra fora suas emoções, tudo dentro de uma prática que vem dar possibilidade ao aluno de distanciar-se de um currículo formal e tradicional existente nas escolas regulares.

Durante as visitas na instituição do Grupo ACRA, tivemos a oportunidade de presenciar várias modalidades que eram ministradas por tutores da instituição. Percebemos que todas eram importantes para a formação dos alunos, pois todas as modalidades têm a sua contribuição para o desenvolvimento do aluno dentro e fora da instituição, passando para esses alunos um aprendizado diferenciado dos encontrados nas escolas regulares. Para a realização das entrevistas consideramos um total de 04 alunos, baseando-se nos critérios de participação ativa e significativa no grupo e por demonstrarem interesse em participar da pesquisa.

3.5 Instrumentos de Coleta de Dados

Neste estudo foram utilizadas as seguintes técnicas de coleta de dados: observação participante, diário de campo, entrevistas abertas e análise documental dos projetos e relatórios de atividades como documentos que ajudaram na compreensão do fenômeno estudado.

3.5.1 Observação Participante

Entendemos que observação participante é uma técnica usada em que o observador participe diretamente dos trabalhos junto com o grupo em estudo. Para Bogdan e Taylor (1975 apud Fino, 2003) a observação participante é “como uma investigação que se caracteriza por um período de interações intensas entre o investigador e os sujeitos, no meio destes, durante o qual os dados são recolhidos de forma sistemática” (p.4). Segundo Lapassade (1991, 1992, 2001 apud Fino, 2008),

A expressão observação participante tende a designar o trabalho de campo no seu conjunto, desde a chegada do investigador ao campo da investigação, quando se inicia as negociações que lhe darão acesso a ele, até ao momento em que o abandona, depois de uma estada longa. Enquanto presentes, os

observadores imergirão pessoalmente na vida dos locais, partilhando as suas experiências. (FINO, 2008 p. 4).

Adler e Adler (1987 apud Lapassade, 2005, p. 72) “apresentaram três tipos de participação e de implicação: periférica, ativa e completa”. Esclarecem que na implicação periférica os pesquisadores participam “suficientemente daquilo que se passa, para serem considerados como “membros”, sem, no entanto serem admitidos no “centro das atividades” (p.73). Diante disso Lapassade explica também por meio de um esclarecimento que o observador participante pode ser externo ou interno.

A oposição entre dentro e fora percorre o conjunto dos trabalhos contemporâneos sobre a observação participante, mas não está suficientemente sistematizada. Pode se distinguir dois papéis, que em geral não são apresentados como tais na literatura etnográfica: o do observador participante externo (OPE), por um lado, e o do observador participante interno (OPI), por outro. A OPE provém de fora, é condição habitual do pesquisador: ele chega por um tempo limitado, o tempo da sua pesquisa, solicita o direito de entrar no campo, fica alguns meses, raramente anos, depois deixa o campo e redige sua tese ou relatório. Na OPI, ao contrário, o pesquisador é, em primeiro lugar, “ator” no grupo no qual já tem o seu lugar, no meio que ele vai estudar, ou na instituição onde exerce uma função. (2005, pp. 74-75)

Sendo assim como o observador não teve uma posição dentro da instituição onde foi realizada a observação, podemos defini-la como OPE (Observador participante externo). A presença do observador na instituição foi determinado pelo tempo suficiente para que fosse elaborado o estudo, neste caso estamos falando de uma observação declarada.

No primeiro dia que estivemos presente na instituição, explicamos o objetivo da observação com todas as informações necessárias, Lapassade (2005, p. 77) “afirma que na observação declarada em geral o pesquisador mostra suas cartas: ele revela às pessoas sua identidade profissional”. Sobre a observação participante, Macedo (2010) afirma que os estudos de cunho etnográfico caracterizam-se primordialmente pelo abarcamento do pesquisador ao ambiente natural da pesquisa, exigindo um olhar de observador/participante da realidade para uma interpretação holística dos dados coletados, desdobrados no âmbito da soma das ações humanas.

Entende-se então que a pesquisa é baseada em estudos que contemplam a observação direta a partir de perguntas e/ou entrevistas propostas pelo pesquisador. Sendo assim, o investigador é de fato um importante instrumento de coleta de dados, pois ele faz parte do objeto de estudo, para que a pesquisa etnográfica seja realizada com êxito.

Diante disso utilizamos a observação participante como ferramenta de coleta de dados no Grupo ACRA, objeto de estudo dessa pesquisa, mas especificamente com os alunos e monitores do Grupo, realizando assim um total de quinze observações. O objetivo da observação participante era justamente para conhecer o Grupo e os alunos que fazem parte da turma das oficinas de teatro, ou seja, saber quais as práticas pedagógicas desenvolvidas por esses alunos e determinar se daí emergiram atitudes como a autonomia, cooperação, interação, etc.

3.5.2 Diário de Campo

No decorrer da pesquisa, utilizamos o diário de bordo, com o objetivo de fazer registros contínuos das observações, vivências e experiências das pessoas envolvidas no estudo, proporcionando uma visão de tudo que aconteceu durante a pesquisa. Para Macedo (2006, p.133) o diário de campo é visto como um “aprofundamento reflexivo sobre as experiências vividas no campo de pesquisa e no campo de sua própria elaboração intelectual, visando apreender, de forma profunda e pertinente, o contexto do trabalho de investigação científica”. Macedo (2006) ainda afirma que

Além de ser utilizado como instrumento reflexivo para o pesquisador, o gênero diário é, em geral, utilizado como forma de conhecer o vivido dos atores pesquisados, quando a problemática da pesquisa aponta para a apreensão dos significados que os atores sociais dão à situação vivida. O diário é um dispositivo de grande relevância para acessar os imaginários envolvidos na investigação, pelo seu caráter subjetivo, intimista (p. 134).

Ou seja, o diário de campo é um objeto de suma importância para o pesquisador, pois ajudará na realização da pesquisa permitindo rever seus conceitos, ampliar seu conhecimento, fazer anotações, comentários e descrever a realidade observada. Ainda em concordância com Macedo (2004) afirma que:

É um documento valioso de pesquisa. Ele descreve a implicância do pesquisador, contém detalhes da maneira como concebeu a pesquisa ao longo do processo de investigação, sobre a negociação de acesso ao campo, sobre a evolução do pesquisador ao longo dos seus estudos, sobre o fracasso e erros. Esse gênero de documento é útil para avaliar os resultados na medida em que a pesquisa é, num certo sentido, uma pesquisa-ação nos níveis da transformação teórica, epistemológica, metodológica e profissional do próprio pesquisador. (MACEDO, 2004, p.172).

Diante dos objetivos, das funções sobre o diário de campo Ludke e André (1986) afirmam que:

Para uma compreensão mais completa do objeto, é preciso levar em conta o contexto em que ele se situa. Assim, para compreender melhor a manifestação geral de um problema, as ações, as percepções, os comportamentos e as interações das pessoas devem ser relacionadas à situação específica onde ocorrem ou à problemática determinada a que estão ligadas. (p. 18-19).

Por considerar importante dar a conhecer ao leitor as vivências da minha imersão no terreno, insiro algumas impressões que fui tendo no *locus* de pesquisa:

Data: 26/04/2017

Local: Sede do Grupo ACRA

1ª Observação

Estou no ambiente de investigação pela primeira vez, um pouco tímida e sem saber o que fazer, ou seja, por onde começar.

O grupo ACRA tem um espaço próprio onde os mesmo fazem seus encontros e reuniões semanais. As oficinas acontecem em 3 etapas para diversificar as idades dos alunos.

No sábado as oficinas acontecem em 3 horários:

- 14:30 às 15:30 primeira turma com faixa etária de 5 a 8 anos.
- 15:30 às 16:30 segunda turma com faixa etária de 9 a 14 anos.
- 17:00 às 18:00 aulas de fanfarra.
- quarta-feira á noite acontecem as aulas da turma 3 com oficinas de teatro e cultura com a faixa etária de 15 anos à cima.

Os encontros acontecem à rua Dr. Ulisses Gonçalves, Bairro Populares, Campo Formoso-B^a.

Já de cara pude observar que este ambiente é diferente da sala de aula normal é mais descontraído.

O Grupo ACRA é composto por: Presidente, monitores, orientadores e alunos.

Apesar dos alunos saberem o motivo da minha presença ali, alguns me viam com um olhar estranho como que estava com vergonha por eu esta ali os observando.

Neste dia também tive uma breve conversa com o Presidente do Grupo ACRA Robson França, onde o mesmo falou que a ACRA surgiu através de uma inquietação de atores que realizavam seus trabalhos no município de Campo Formoso e região. Segundo Robson França, esse atores pensavam em fazer algo especial para ser trabalhado com crianças,

adolescente e jovens para que a arte pudesse transformar a vida dessas pessoas em algo melhor para que a arte pudesse tirar das ruas e das drogas pessoas inocentes.

É isso também que nos passa a monitora Queila Raiane Lopes, que nas aulas dela de oficina ela passa para esses jovens confiança, onde os mesmo podem ver nela e nos demais monitores uma pessoa de confiança para os ajudar dentro e fora da instituição.

Percebi que durante a oficina os alunos também veem os monitores como pessoas especiais aos quais eles podem ter total confiança.

Neste dia percebi também uma grande presença dos pais de algumas crianças. Aqueles crianças que moram um pouco longe da instituição e precisam dos pais para leva-los e busca-lo na instituição, notei que os pais e a comunidade dão total apoio ao grupo e incentivam bastante para que o grupo cresça cada vez mais, a comunidade acredita que as crianças a partir das oficinas possam ter desenvolvimentos melhores tanto em casa quanto no ambiente escolar.

Voltando a sala, após uma breve conversa entre a monitora e os alunos, a monitora passou para os alunos a ideia de um novo projeto a ser desenvolvido por eles (alunos).

Nesse momento um dos alunos falou da possibilidade de produzirem algo a ser apresentado no dia dos eventos do FALEM (projeto da secretaria de cultura) que é trabalhado nas escolas municipais de Campo Formoso.

Há uma discursão sobre o assunto e sobre o que precisariam fazer neste evento.

Percebi que o diálogo entre eles é muito diferente dos diálogos que existem entre professores e alunos de uma escola tradicional.

Os alunos seguem dando suas opiniões e respeitando um a opinião do outro com muito entusiasmo.

Nesta hora a monitora não interagiu muito, deixando assim os alunos a vontade para saber o que realmente eles queriam.

Data: 29/04/2017

Local: Sede do Grupo ACRA

2ª Observação

Segundo dia de observação, mais uma vez fui bem recebida pela pessoa que fica tomando conta do portão logo na entrada da instituição.

A monitora chegou às 13:10, arrumou a sala colocando as cadeiras em circulo, depois ficou à espera dos alunos. Às 13:30, os alunos começaram a chegar e ao chegar eles tinham uma maneira diferente e se cumprimentarem, diferente da escola regular.

Quando cada aluno chegava na sala abraçava a monitora e essa lhe dava um beijo na testa. Achei diferente pelo fato de fazermos isso geralmente com crianças da Educação Infantil e não com jovens e adolescentes.

Estava muito ansiosa para que começasse a aula na oficina de teatro, para assim saber se iria encontrar a Inovação Pedagógica naquele lugar.

Quando todos os alunos já estavam presentes, todos ficaram de pé na forma de círculo e pegados na mão e assim começaram a oração, logo após a oração fizeram uma espécie de alongamento, continuaram na forma de círculo, a monitora ligou o som colocou uma música bastante agitada e começaram o alongamento, achei interessante, fiz até registro com fotos.

Ao começar a aula uma aluna chamada J quis mostrar para a turma o cordel que a mesma tinha produzido, caso a turma gostasse seria o cordel lido e interpretado na abertura do FALEM (Projeto da Secretaria de Educação).

Nesse momento penso que existiu uma prática inovadora, alias, e, três momentos: O cumprimento entre o monitor e o aluno, o momento da oração e alongamento e a autonomia que o monitor passa para a aluna J quando a mesma se dispõe a fazer a leitura do seu texto. Percebi então que existe no monitor uma autoridade sem autoritarismo. Depois que a aluna J fez a leitura do cordel produzido, teve a aprovação dos alunos, então partiram para o segundo passo que foi a de transformar em peça de teatro. O terceiro passo seria a xilogravura do cordel.

O tempo acabou e a sala precisava ser usada por outra turma com outras modalidades que existem na instituição.

Data: 03/05/2017

Local: Sede do Grupo ACRA

3ª Observação

A professora hoje é outra, ela chegou na sala às 19:00 horas, percebe-se que o início de cada aula é uma característica da instituição.

O mesmo carinho, respeito e atenção para com os alunos. Cada aluno que chegava cumprimentava a professora e essa os recebia com um beijo na testa. Logo em seguida quando todos já se faziam presentes era feita a oração e o alongamento ao som de uma música bastante interativa.

Em seguida a monitora fez uma seleção de seis (6) jovens para ensaiar a apresentação do texto da colega que iria acontecer na próxima quarta-feira.

Uma das características do Grupo ACRA é roupage, que eles possuem uma série de fantasias, máscaras de animais. Nas apresentações procuram além de se fantasiar, pintam o rosto. Eles incorporam o personagem.

Começaram então a esclarecer detalhes de falas, figurino, tudo que eles iam precisar utilizar para a apresentação do cordel produzido pela colega.

Percebe-se que o grupo ensina na forma de brincadeira e dessa forma transmitem aspectos culturais dentro da realidade de cada um.

Os jovens escolhidos a participar da apresentação demonstravam interesse e muita vontade de participar, eles transmitiam essa vontade através dos risos da expressão facial, perguntavam sobre o figurino, etc.

Nesse instante percebi que os trabalhos entre eles não eram apresentados, ou seja, não aconteciam da forma tradicional e rígida como era de costume ser nas escolas regulares.

Outro ponto importante é a forma como o grupo constrói a valorização da cultura da nossa cidade, isso é difícil de ser visto nas escolas regulares.

Mais uma vez o tempo acabou a monitora se despediu dos alunos e foi arrumar a sala para assim receber outra turma.

Data: 06/05/2017

Local: Sede do Grupo ACRA

4ª Observação

Quarto dia de observação a monitora como sempre chega mais cedo. Arrumou a sala e por volta das 13:30 os alunos já estavam na sala.

A cada observação vejo como inovadora a maneira como o grupo ACRA vem trabalhando com esses jovens.

Fizeram a oração, fizeram alongamento, hoje fui convidada a ficar junto com eles na oração e no alongamento.

Hoje a tarde foi destinada para a apresentação do cordel. É realmente incrível como esses jovens entram aqui sem perspectiva alguma e de repente aprendem coisas maravilhosas e assim começam também a ensinar para as pessoas novas que estão chegando.

Como hoje era apenas a apresentação na instituição, por que eles apresentam primeiro aqui para os pais, mães, ou seja, para os familiares, para depois fazer as apresentações nos colégios, praças públicas enfim eles são convidados a mostrar para a comunidade o trabalho desenvolvido.

Então como hoje era a apresentação, antes da apresentação houve um depoimento de um jovem para os pais, foi emocionante, eu também não consegui segurar as lágrimas.

Depoimento do aluno (A) “Sou um jovem com 16 anos de idade, estudo no 7º ano do Ensino Fundamental II, entrei aqui no ACRA com 14 anos, vivi momentos difíceis com drogas, com

amizades que não me faziam bem. Eu era muito rebelde e não gostava de estudar e não tinha o amor da minha família. Hoje através do ACRA, através da arte e cultura encontrei um norte para minha vida e recuperei o amor da minha família.”

(Choro) ...

Início da apresentação.

Logo após a apresentação o presidente do grupo junto com os monitores parabenizaram os alunos, agradeceram a presença da família.

Algumas mães agradeceram o trabalho do grupo, enfim foi uma tarde de muita emoção.

Data: 10/05/2017

Local: Sede do Grupo ACRA

5ª Observação

Quinto dia de observação, quando cheguei à instituição a monitora já estava presente, às 18:30, por volta das 18:50 chega o presidente do grupo que também é o monitor da turma da noite, ou seja, ele passa para os monitores e os monitores planejam com as turmas as quais são responsáveis.

Às 19:00 horas os alunos já estavam na sala, fizeram a oração, fizeram alongamento e o presidente falou “Preparar um espetáculo não é tarefa fácil, é preciso ter muita dedicação e principalmente muito amor.”

Nesse momento o monitor faz a entrega do texto para juntos estudarem e assim criar o personagem. O texto em estudo é: E o meu futuro?.

O monitor diz que é mais uma realização do ACRA. Observei que para o estudo desse texto teve a participação de algumas crianças. A turma se mostrava alegre e o monitor os deixava bem a vontade para que eles mesmos dessem vida aos personagens.

É incrível ver que adolescentes tão carentes pudessem ter tanta força de vontade em superar obstáculos. Enquanto uns estudavam pude me aproximar de um jovem que se emocionou com o texto. Perguntei: -“O que houve?” Assim ele disse: -“ O que eu vivi “ontem” na rua “hoje” me serve como degrau, que eu posso subir e sobreviver a cada dia”.

Não pude me conter com tamanha emoção.

Voltando para meu lugar e continuando com minha observação percebi que a forma como estavam trabalhando o texto era bastante educativa, pois dava possibilidade para esses jovens desenvolverem a criatividade, oralidade, deixarem a timidez de lado e assim ajudar no desenvolvimento cognitivo e cultural de cada um.

Hoje o encontro demorou mais que o previsto, por conta dos ensaios. Estavam todos muito empolgados.

Data: 13/05/2017

Local: Sede do Grupo ACRA

6ª Observação

Hoje é a minha sexta observação na instituição.

Cheguei na instituição por volta das 15:00 horas.

Fui recebida por uma pessoa que estava no portão recebendo as mães.

Então percebi que o dia de hoje era destinado ao dia das mães. Fizeram uma homenagem todos os alunos juntos.

Logo após foi servido um lanche.

Particpei do evento com o objetivo de observar os alunos que estou desenvolvendo o estudo.

Data: 17/05/2017

Local: Sede do Grupo ACRA

7ª Observação

Hoje é a minha sétima observação. Cheguei na instituição bem mais cedo às 18:00 horas com o objetivo de conversar com alguns monitores do dia, enquanto o monitor da noite que também é o presidente do grupo não chegava.

Por volta das 18:50 o monitor chegou e os alunos entraram na sala.

O monitor fez a oração, convidou os alunos para o alongamento. Logo após o monitor disse que iria dividir a aula de hoje em dois momentos.

O primeiro momento foi destinado a fazer uma análise do evento passado, o que foi bom, o que não foi bom, o que poderia mudar, etc.

O monitor ouviu cada um. Um dos alunos disse que achou ótimo o evento pois sua mãe que nunca vem ao grupo veio, participou, gostou e disse que não iria perder mais nada, iria sempre vir ao grupo.

Após a conversa com todos, o monitor falou que a segunda parte da aula seria destinada a preparação de mais um evento, porém seria um evento diferente, com danças, brincadeiras e vendas de comidas típicas pois o mês junino estava chegando e com o que fosse arrecadado com a venda das comidas seria destinado ao evento que todos estavam esperando.

Percebi a empolgação desses alunos, pois os mesmos queriam logo que chegasse o dia tão esperado de mais um espetáculo que iriam apresentar em um lugar público.

O monitor sugeriu que cada aluno se responsabilizasse em dirigir uma das atividades. Percebi então como o espírito de cooperação, de integração reina nessa hora.

A interação entre eles é muito grande uns davam dicas para o outro e muitas vezes mostravam ainda como poderia fazer para que a festa junina ficasse tão boa quanto o evento das mães.

Marcaram então a data para a festa. Um dos alunos se comprometeu em confeccionar os convites e assim convidarem também outros grupos e os representantes políticos da cidade.

O monitor pediu que eles (alunos) fizessem sugestões de temas para a festa. Dentre tantos um dos alunos falou: - “Um arraia de alegria e solidariedade”, e justificou a escolha do tema, falou que alegria por ser uma festa alegre e solidaria por ter muita gente carente no meio e que vai está envolvido com a festa.

O monitor (rindo) falou: -“vamos aplaudir nosso colega pois ele tem razão e sobre o tema vamos sim ficar com esse”.

Todos gostaram.

Data: 20/05/2017

Local: Sede do Grupo ACRA

8ª Observação

Hoje é a minha oitava observação, cheguei na instituição mais cedo por volta das 14:00 horas para antes de ir para a sala ter mais uma conversa com outro monitor do grupo, depois da conversa fui para a sala pois os alunos já estavam chegando.

As 15:30 o monitor chegou os alunos já estavam na sala ele explicou que teve um contra tempo, por conta do atraso.

Fizeram a oração, fizeram alongamento e todos correram para um grande abraço, onde todos juntos se abraçaram.

Outros monitores chegaram e ficaram todos juntos na mesma sala. O monitor explicou que na aula passada cada aluno tinha ficado com uma atividade para cuidar para ser responsável,

então hoje o dia seria destinado a ouvir cada aluno para saber como essas atividades seriam desenvolvidas.

Os alunos ficaram bem a vontade na hora da explicação das atividades, e uns foram ajudando os outros. A aluna responsável pela quadrilha convidou 16 meninas e 16 meninos dirigindo-se então para outro espaço para os ensaios.

Os monitores conversavam entre se sobre como cada aluno que estava à frente das atividades estava desempenhando bem tal atividade.

Percebi então que neste evento os monitores não iriam se envolver deixando cada aluno à vontade para mostrar que já estavam preparados para desempenhar tal função.

Observei então que neste momento houve uma quebra de paradigma, pois houve o rompimento de normas, os alunos por orientação dos monitores ficaram à frente do evento e não os monitores.

No final da aula questioneei com o presidente do grupo o que realmente os monitores estavam querendo. O mesmo falou que quando um aluno já está na instituição a muito tempo nós começamos a designar atividades aos poucos para ele ter responsabilidade com aquela atividade, até chegar o momento de ele também ser um monitor aqui.

E assim nos despedimos.

Data: 24/05/2017

Local: Sede do Grupo ACRA

9ª Observação

Hoje é a minha nona visita, cheguei na instituição às 18:00 horas.

Ao adentrar notei que um dos monitores estava conversando com um assistente social sobre um aluno, fiquei com vergonha de me aproximar, mais fiquei em um lugar que deu para notar que estavam falando de um aluno que não interagira muito com os demais e isso estava preocupando o monitor.

No decorrer da conversa o assistente social pediu para que o monitor encaminhasse o aluno para a sala dele quando esse aluno chegasse.

Quando os alunos chegaram o monitor já estava na sala fizeram a oração, fizeram o alongamento, e percebi que realmente tinha aquele aluno que não interagira, não se enturmava com os outros.

De uma maneira bem delicada e sem que os outros notassem o monitor levou o aluno na sala do assistente social.

Dava para notar como esse aluno era humilde.

Enquanto isso a turma estava bastante empolgada com os preparativos da festa junina que já seria no sábado.

Enquanto uns ensaiavam passos da quadrilha, outros colocavam em prática as brincadeiras, as ornamentações que iriam utilizar.

Percebi até aqui, além do entusiasmo dos alunos em fazer os trabalhos, as atividades propostas pelo grupo, foi a importância que os membros do grupo tem com cada um deles, foi a possibilidade, a confiança que os monitores passam para esses alunos, para que eles possam desenvolver tais trabalhos.

Enquanto isso o aluno que estava na sala do assistente social chega, ele entrou na sala e foi se juntar com uma das equipes, percebi que ele procurou a equipe que menos se movimentava, eles estavam fazendo a ornamentação do evento.

No final da aula procurei o assistente social para saber mais desse aluno.

Mesmo com receio de o assistente social não gostar, fui lá à sala dele e fui bem recebida.

Ele passou que o aluno recentemente tinha presenciado a briga dos pais e que os pais estavam separados, o aluno é filho único e era muito apegado ao pai.

Estava sofrendo demais com isso.

Perguntei o que iria ser feito para melhorar essa situação, o assistente social informou que seria através de visitas na casa da família e aqui na instituição fazer com que o aluno se sinta útil, ou seja, ele precisa entender e nos ver como família também.

Acabou o tempo da aula de hoje.

Todos se despediram e saíram ansiosos para o próximo encontro.

Data: 27/05/2017

Local: Sede do Grupo ACRA

10ª Observação

Cheguei no horário habitual para a minha décima visita na instituição.

Estavam presentes todos os monitores e alunos.

Estavam todos empolgados com o evento de hoje, mesmo assim os costumes habituais não eram deixados de lado, então, começaram a oração e logo após alongamento.

Alguns pais e vizinhos começaram a chegar. Era nítido o nervosismo dos alunos, principalmente do grupo da quadrilha junina.

Os alunos estavam bem vestidos, com roupas coloridas, típicas de festa junina brasileira.

Foram convidadas pessoas do comércio de Campo Formoso, autoridades e outros grupos de teatro.

O presidente do grupo fez a abertura do evento junino falando sobre as tradições de Campo Formoso e logo em seguida o show começou.

Teve muita música, dança, comidas típicas e muito diversão.

Teve apresentação da quadrilha da instituição e dos grupos convidados.

O intuito da realização do evento cultural foi para angariar fundos para o evento tão esperado que esta por vir, como falei na observação passada.

O evento foi no meio da rua e contou com a presença de umas 500 pessoas dos bairros de abrangência.

Os alunos estavam felizes em demonstrar para o público o que tinham preparado nos ensaios.

Encerraram o dia de hoje, todos estavam exaustos porém felizes com o dever cumprido.

Data: 31/05/2017

Local: Sede do Grupo ACRA

11ª Observação

Hoje é a minha décima primeira observação, cheguei à instituição mais cedo por volta das 18:00 horas, com o objetivo de conversar com outro monitor.

Durante a conversa fui informada que a partir de amanhã 01/06 a instituição iria entrar em recesso, mas que alguns monitores iriam ficar no local, pois iriam fazer pequenos reparos na instituição e precisaria ficar alguém para acompanhar a pessoa que iria fazer o trabalho.

Fui informada também de que hoje seria destinado a uma festinha de encerramento acompanhado de uma brincadeira chamada “amigo secreto”.

Neste caso terminei a conversa com o monitor e fui embora.

De 01 de junho a 01 de julho (Recesso)

3.5.3. Entrevista aberta

Sobre as entrevistas, Haguette (1997, p. 86) esclarece que o “processo de interação social entre duas pessoas na qual uma delas, o entrevistador, tem por objetivo a obtenção de informações por parte do outro, o entrevistado”.

Durante o estudo utilizou-se a entrevista aberta, sendo essa mais um instrumento da coleta de dados. Sobre as entrevistas Alvarenga (2010, p. 88) afirma que “nesta modalidade da entrevista tem-se preparado as perguntas onde o entrevistado responde com liberdade”. E o entrevistador ainda tem a liberdade de adentrar em outros temas se for possível e se for necessário para o estudo. Sendo assim Bogdan e Biklen(1994, pp. 136-137) afirmam que:

As boas entrevistas caracterizam-se pelo fato de os sujeitos estarem à vontade e falarem livremente sobre os seus pontos de vista. As boas entrevistas produzem uma riqueza de dados, recheados de palavras que revelam as perspectivas dos respondentes. As transcrições estão repletas de detalhes e de exemplos. Um bom entrevistador comunica ao sujeito o seu interesse pessoal, estando atento, acenando com a cabeça e utilizando expressões faciais apropriadas. [...] O processo de entrevista requer flexibilidade. Experimente diferentes técnicas, incluindo piadas e desafios ligeiros.

Fazendo uma concordância com a ideia de Bogdan e Biklen, Kandel ressalta que durante um estudo de uma pesquisa, a entrevista,

não é simplesmente um trabalho de coleta de informações, mas, uma situação de interação, ou mesmo de influência entre dois indivíduos e que as informações dadas pelo sujeito podem ser profundamente afetadas pela natureza de suas relações com o entrevistador. (KANDEL, 1981, p. 178)

E ainda concordando com as ideias acima Bauer e Gaskell afirmam que:

A entrevista qualitativa, pois, fornece os dados básicos para o desenvolvimento e a compreensão das relações entre os atores sociais e sua situação. O objetivo é uma compreensão detalhada das crenças, atitudes, valores e motivações, em relação aos comportamentos das pessoas em contextos sociais específicos (BAUER; GASKELL, 2008, p. 65).

Sendo assim, as entrevistas abertas estão relacionadas com a maneira de como o entrevistador guia o processo das técnicas de coletas de dados. Selltiz (1987, p. 644) diz que

“a arte do entrevistador consiste em criar uma situação onde as respostas do informante sejam fidedignas e válidas”. E Macedo (2004) ainda afirma que:

A entrevista é um rico e pertinente recurso metodológico na apreensão de sentidos e significados e na compreensão das realidades humanas, na medida em que toma como uma premissa irremediável que é sempre resultante de uma conceituação; o mundo é aquilo que pode ser dito, é um conjunto ordenado de tudo que tem nome[...] outra característica marcante da entrevista é que os sujeitos envolvidos na pesquisa podem ser submetidos a várias entrevistas, não só com o objetivo de se obter mais informações, mas também com um meio de apreender as variações de uma situação estudada.[...] (MACEDO, 2004, p.165).

Diante disso fomos utilizar essa técnica de coleta de dados com os jovens participantes do grupo ACRA, com os profissionais que trabalham no Grupo ACRA, e com os profissionais que trabalham na área da educação que não tem ligação com o Grupo, porém trabalham com os alunos que estudam na escola regular e fazem parte do grupo. O objetivo das entrevistas era para explanar pontos que poderiam deixar dúvidas durante a consumação da coleta de dados, pois, segundo André (2012), “as entrevistas têm a finalidade de aprofundar e esclarecer os problemas observados” (ANDRÉ, 2012, p. 28), procurando assim entender todos os fatos ocorridos durante as observações. Realizamos as entrevistas com os monitores do Grupo ACRA, alunos do Grupo, pais dos alunos do Grupo, e com professores da escola regular que tem contato com os alunos do Grupo ACRA.

3.5.4 Pesquisa documental

Foi feito um recolhimento de documentos para melhor compreensão dos trabalhos feitos com as oficinas de teatro do Grupo ACRA. E sobre a análise de dados Macedo (2010), afirma que “os documentos têm a vantagem de serem fontes relativamente estáveis de pesquisa, o que facilita, sobremaneira, o trabalho do pesquisador interessado nos significados comunicados das práticas humanas”. E ainda na opinião de Macedo os documentos são:

[...] revelador de inspirações, sentidos, normas e conteúdos valorizados, o documento é uma fonte quase indispensável para a compreensão/explicação da instituição educativa. Justifica-se ademais essa nossa assertiva, partindo-se da premissa de que foi na escola moderna que a culturagráfico veio, de vez, sedimentar-se, e é por meio dela, predominantemente, que a escola obtém e avalia seus produtos. (MACEDO, 2010, p.172).

Para a análise documental desta pesquisa fizemos uso do plano de ação de trabalho do Grupo ACRA e de registros fotográficos.

3.5.5. Coleta de Imagens

Sobre as imagens, sabe-se que são recursos valiosos para melhor entendimento dos trabalhos feitos. Deste modo Macedo (2010, p.183) afirma que o “recurso da máquina fotográfica, por exemplo, estabelece um estranhamento entre o espaço ambiental e seu uso habitual, permitindo, então, explicitar, não só a imagem da escola, mas a seleção de seus ângulos claramente relacionados com o cotidiano”. Diante deste contexto, vemos que a imagem é um recurso que pode nos mostrar situações diversas que poderá permitir que outras pessoas que estão fora da pesquisa possa compreender como as oficinas de teatro do Grupo ACRA funciona.

3.5.6 Questões Éticas

Para a realização dessa coleta de dados, foi preciso pedir autorização ao Presidente do Grupo, pois iríamos utilizar as imagens dos trabalhos dos alunos e a maioria desses alunos são menores de idade, o presidente nos concedeu um documento autorizando a usar as imagens que fosse preciso para realizar essa pesquisa.

O anonimato dos pesquisados foi também garantido pois foram designados por números.

PARTE III**APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS DADOS****Capítulo 4 – Apresentação dos achados encontrados no *locus* de pesquisa**

Neste capítulo foram expostos os dados que foram encontrados no *locus* de pesquisa com a finalidade de alcançar os objetivos que guiaram esse estudo. Para realizá-lo foi indispensável o uso das técnicas metodológicas para recolhimento dos dados. Em meio a essas técnicas, utilizou-se a observação participante, a entrevista aberta, análise de documentos e imagens.

A observação participante é considerada um dos instrumentos mais importantes para pesquisa etnográfica, assim como afirma Lapassade (2005, p. 77) “afirma que na observação declarada em geral o pesquisador mostra suas cartas: ele revela às pessoas sua identidade profissional”. Dessa forma a coleta de dados realizou-se entre os meses de março a agosto de 2017. Inicialmente observou-se as atividades desenvolvidas no Grupo ACRA, em seguida observamos os monitores e alunos no período das aulas. Na tentativa de colher o maior número de dados possível, as observações foram realizadas em dias e horários alternados.

As observações das atividades realizadas no ACRA ocorreram nas quartas-feiras no turno da noite, nos sábados no turno da tarde, nas segundas-feiras e terça-feira no turno matutino na sala do 6º ano e 7º ano do Colégio Rômulo Galvão que é a escola de Ensino regular onde alguns dos alunos dessas turmas fazem parte do Grupo ACRA.

4.1 Os dados da observação participante

A observação aos ambientes que integram o lócus dessa pesquisa decorreu de março até agosto de 2017. Conversámos com pessoas da comunidade, membros de grupo ACRA (Associação Cultural Raízes e Asas), alunos, professores, direção da escola. Nessa trajetória visitámos por variadas vezes o lócus deste estudo e essas visitas em certos momentos se prolongaram por semanas completas com o intuito de provocar uma maior aproximação com os atores sociais e as relações socioculturais e educativas desenvolvidas por eles. O Grupo ACRA consiste num grupo social voltado para o lado cultural, é uma organização sem fins lucrativos, designada exclusivamente para a promoção da formação acerca das práticas culturais. A instituição está situada à Rua Drº Ulisses Gonçalves, Bairro Populares na cidade de Campo Formoso – BA.

A sede da Associação do Grupo ACRA funciona em uma casa com 3 cômodos, onde um é usado para sala de escritório, outro onde são ministradas as oficinas de teatro dentre outras, cada uma com horário e dia diferente, e a outra sala fica a cozinha, na sede também tem um banheiro, um quintal e uma enorme garagem onde são realizados alguns trabalhos. Na decoração da instituição contém alguns objetos relacionados com arte, tipo quadro pintados por alguns alunos da instituição, objetos de barro, etc. É um local arejado, aconchegante,

simples onde existe muita integração, alegria, respeito e oportunidade para qualquer um que ali chegar.

Figura 01 –Locus de pesquisa



Primeiramente fui apresentada ao grupo, expliquei a natureza do trabalho a ser desenvolvido e fui muito bem acolhida. Durante esse período que frequentamos o Grupo ACRA realizamos as observações e desenvolvemos conversas com as pessoas da comunidade, professores da escola que os alunos frequentavam, os pais, monitores, com objetivo de compreender as relações que se construía em volta do objeto de estudo.

Quadro 1- Cronograma das observações na Instituição do Grupo ACRA

Data	Observações	Horário chegada	Horário saída
26/04/2017	1ª visita	18:50	22:00
29/04/2017	2ª visita	13:00	17:00
03/05/2017	3ª visita	18:50	22:00
06/05/2017	4ª visita	13:00	17:00
10/05/2017	5ª visita	18:30	22:00
13/05/2017	6ª visita	13:00	17:00
17/05/2017	7ª visita	18:00	22:00

20/05/2017	7ª visita	14:00	17:00
24/05/2017	9ª visita	18:00	22:00
27/05/2017	10ª visita	13:00	17:00
31/05/2017	11ª visita	18:00	22:00
01/07/2017	12ª visita	13:00	17:00
05/07/2017	13ª visita	18:00	22:00
08/07/2017	14ª visita	13:00	17:00
12/07/2017	15ª visita	18:30	22:00
15/07/2017	16ª visita	13:00	17:00

Não foram realizadas observação participantes durante os dias de 01/06/2017 até 01/07/2017 porque os alunos estavam de férias.

4.2 As práticas pedagógicas

Ao adentrar a instituição do Grupo ACRA, observámos atentamente o que ocorria, na intenção de identificar dados inovadores nas práticas dos monitores, o que se evidencia nos recortes e fotos do Diário de Campo que demonstram que o Grupo ACRA desenvolve ações onde os alunos são colocados como sujeitos do processo educativo tal como comprovam algumas observações que podem apresentar características diferenciadas na aprendizagem de crianças e adolescentes. Foram selecionadas algumas observações, por serem consideradas mais robustas de dados que podem responder ao objetivo desse estudo: a segunda, terceira, quarta, quinta, sétima, nona, décima segunda e a décima terceira observação.

2ª Observação:

Segundo dia de observação, mais uma vez fui bem recebida pela pessoa que fica tomando conta do portão logo na entrada da instituição. A monitora chegou às 13:10, arrumou a sala colocando as cadeiras em círculo, depois ficou à espera dos alunos. Às 13:30, os alunos começaram a chegar. e ao chegar eles tinham uma maneira de se cumprimentarem, diferente da escola regular.

Quando cada aluno chegava na sala abraçava a monitora e essa lhe dava um beijo na testa. Achei diferente pelo fato de fazermos isso geralmente com crianças da Educação Infantil e não com jovens e adolescentes. Estava muito ansiosa para que começasse a aula na oficina de teatro, para assim saber se iria encontrar a Inovação Pedagógica naquele lugar.

Quando todos os alunos já estavam presentes, todos ficaram de pé na forma de círculo e pegados na mão e assim começaram a oração, logo após a oração fizeram uma espécie de alongamento, continuaram na forma de círculo, a monitora ligou o som colocou uma música bastante agitada e começaram o alongamento, achei interessante, fiz até registro com fotos.

Ao começar a aula uma aluna chamada J quis mostrar para a turma o cordel que a mesma tinha produzido, caso a turma gostasse seria o cordel lido e interpretado na abertura do FALEM (Projeto da Secretaria de Educação). O monitor deixou a critério da turma a decisão, a qual foi acolhida por todos a ideia da colega. O monitor por sua vez aceitou a decisão da turma.

Nesse momento penso que existiu uma prática diferente, pelo fato do monitor não determinar o que o aluno iria fazer e sim os deixou com livre arbítrio para decidirem.

O monitor pediu para a aluna J fazer a apresentação do seu texto, já que a mesma se dispôs a fazer a leitura do seu texto. Percebi então que existe no monitor uma autoridade sem autoritarismo. Depois que a aluna J fez a leitura do cordel produzido, teve a aprovação dos alunos, então partiram para o segundo passo que foi a de transformar em peça de teatro. O terceiro passo seria a xilogravura do cordel. Cada aluno teve sua participação pois deram opiniões nas falas para a peça e no desenho da xilogravura, dizendo como deveria ser feita a xilogravura, o papel que seria usado a cor da xilogravura, etc.

O tempo acabou e a sala precisava ser usada por outra turma com outras modalidades que existem na instituição. O texto da aluna foi digitado e as cópias entregues para os demais colegas. As cópias do texto digitalizado frente e verso escrito pela aluna e a foto do momento de discussão do texto encontram-se nas Figuras 2 e 3.

Figura 2 – Momento em que os alunos estão construindo o Cordel

Em seguida a monitora fez uma seleção de seis (6) jovens para ensaiar a apresentação do texto da coleção que iria acontecer na próxima quarta-feira. Uma das características do Grupo ACRA é a roupagem, pois eles possuem uma série de fantasias, máscaras de animais. Nas apresentações além de se fantasiar, pintam o rosto. Eles incorporam o personagem.

Começaram então a esclarecer detalhes de falas, figurino, tudo que eles iam precisar utilizar para a apresentação do cordel produzido pela coleção. Percebe-se que o grupo ensina na forma de brincadeira e dessa forma transmitem aspectos culturais dentro da realidade de cada um. Os jovens escolhidos a participar da apresentação demonstravam interesse e muita vontade de participar, eles transmitiam essa vontade através dos risos da expressão facial, perguntavam sobre o figurino, etc.

Nesse instante percebi que os trabalhos entre eles não eram apresentados, ou seja, não aconteciam da forma tradicional e rígida como era de costume ser nas escolas regulares. Os alunos opinavam sobre a escolha do figurino, isso acontecia depois de muito estudo no momento em que a peça já estava pronta, eles escolhiam o figurino de acordo com o personagem.

Outro ponto importante é a forma como o grupo constrói a valorização da cultura da nossa cidade, isso é difícil de ser visto nas escolas regulares. Mais uma vez o tempo acabou, a monitora se despediu dos alunos e foi arrumar a sala para assim receber outra turma.

Figura 4 – Início do ensaio do Cordel



Durante as observações percebe-se uma diferença na maneira de tratamento, porque são acolhidos de forma carinhosa pelos monitores do grupo ACRA, são usados vários instrumentos para contribuir com a aprendizagem, como arte cênica, utilizavam estudos coletivos de textos, mímicas, música entre outros.

Figura 5 – Ensaio para apresentação Teatral



Percebe-se que tanto nas oficinas de teatro como nas aulas de reforço os monitores sempre transferem as perguntas feitas pelos educandos, para que eles mesmos possam responder claro que eles vão sugerindo pistas que normalmente facilitam nas descobertas das respostas.

Sendo assim, indicamos uma dimensão diferente na prática dos monitores, à medida que provocam nos educandos o ato reflexivo e de busca por respostas, permitindo novos posicionamentos deixando que os alunos raciocinem e busquem as respostas para os

questionamentos feitos. Sendo assim, pelo fato de não oferecer respostas prontas nem utilizar a todo o momento a exibição de conteúdo, penso que as suas práticas são centradas no aluno.

4ª Observação:

No quarto dia de observação a monitora como sempre chega mais cedo. Arrumou a sala e por volta das 13:30 os alunos já estavam na sala. O encontro inicia com uma oração, fizeram alongamento, logo após, começou a apresentação do cordel. O monitor comentou que é realmente incrível como esses jovens entram aqui sem perspectiva alguma e de repente aprendem coisas maravilhosas e assim começam também a ensinar para as pessoas novas que estão chegando. Ou seja, os monitores, com exceção do presidente do grupo que sempre foi presidente e monitor dos monitores, os outros quando adquirem mais experiência e segurança acabam sendo monitores dos novatos.

Durante as visitas percebi que o Grupo trabalha em pequenos grupos, onde o par mais experiente começa a ensinar o menos experiente. Hoje o Grupo estava se dedicando mais a apresentação que iriam fazer para os pais. Era sobre um cordel

Como hoje era apenas a apresentação na instituição, por que eles apresentam primeiro aqui para os pais, mães, ou seja, para os familiares, para depois fazer as apresentações nos colégios, praças públicas enfim eles são convidados a mostrar para a comunidade o trabalho desenvolvido, sempre interagindo também com a comunidade tanto a qual são inseridos como também nos interiores de Campo Formoso.

Então como hoje era a apresentação, antes da apresentação houve um depoimento de um jovem para os pais, foi emocionante, eu também não consegui segurar as lágrimas.

Depoimento do aluno (A) “Sou um jovem com 16 anos de idade, estudo no 7º ano do Ensino Fundamental II, entrei aqui no ACRA com 14 anos, vivi momentos difíceis com drogas, com amigos que não me faziam bem. Eu era muito rebelde e não gostava de estudar e não tinha o amor da minha família. Hoje através do ACRA, através da arte e cultura encontrei um norte para minha vida e recuperei o amor da minha família.”

As Figuras 6 e 7 indicam apresentações do Grupo ACRA, na qual a figura 6 indica uma apresentação musical e a figura 7 indica uma apresentação teatral.

Figura 6 – Apresentação musical**Figura 7 – Apresentação teatral**

Logo após a apresentação, o presidente do grupo junto com os monitores parabenizaram os alunos, agradeceram a presença da família. Algumas mães agradeceram o trabalho do grupo, enfim foi uma tarde de muita emoção. É nítida a empolgação e concentração da família durante o evento. Os monitores afirmaram que a participação da família é de forma satisfatória, até porque tem muita criança menor de idade, então a família e o Grupo caminham sempre juntos.

5ª Observação

O quinto dia de observação, quando cheguei à instituição a monitora já estava presente, às 18:30, por volta das 18:50 chega o presidente do grupo que também é o monitor da turma da noite, ou seja, ele passa para os monitores e os monitores planejam com as turmas as quais são responsáveis.

Às 19:00 horas os alunos já estavam na sala, fizeram a oração, fizeram alongamento e o presidente falou “Preparar um espetáculo não é tarefa fácil, é preciso ter muita dedicação e principalmente muito amor”. Nesse momento o monitor faz a entrega do texto para juntos estudarem e assim criar o personagem. O texto em estudo é: E o meu futuro? Percebi que esse texto foi escrito pelo diretor da instituição, e quando os alunos escolhem as suas partes durante os ensaios eles fazem modificações caso achem necessário.

Dividiram-se as equipes, e o monitor distribui partes do texto, sem distinção, daí as equipes procuram lugares afastados da sala para assim estudarem o texto, como diz na linguagem deles, procuram vivenciar a leitura, da vida aos personagens.

O monitor diz que é mais uma realização do ACRA. Observei que para o estudo desse texto teve a participação de algumas crianças. A turma se mostrava alegre e o monitor os deixava bem a vontade para que eles mesmos dessem vida aos personagens.

É incrível ver que adolescentes tão carentes pudessem ter tanta força de vontade em superar obstáculos. Enquanto uns estudavam pude me aproximar de um jovem que se emocionou com o texto. Perguntei: -“O que houve?” Assim ele disse: -“O que eu vivi “ontem” na rua “hoje” me serve como degrau, que eu posso subir e sobreviver a cada dia”.

Percebi que a forma como estavam trabalhando o texto era bastante educativa, pois dava possibilidade para esses jovens desenvolverem a criatividade, oralidade, deixarem a timidez de lado e assim ajudar no desenvolvimento cognitivo e cultural de cada um. Hoje o encontro demorou mais que o previsto, por conta dos ensaios. Estavam todos muito empolgados. Seguem os registros com momento do estudo do texto, momento dos ensaios da apresentação, propaganda do projeto, apresentação do projeto.

Figura 8 – Leitura do texto: E o meu futuro?



Observa-se que os alunos e os monitores buscam adaptar o máximo possível do texto a emoção e dramatização, contudo é importante salientar que os alunos e os monitores se adaptam ao texto construído pelo representante da instituição.

As Figuras 9 e 10 foram em época de ensaios, porém na figura 9 o ensaio foi na sede do Grupo ACRA e a figura 10 o ensaio foi no Colégio local da apresentação um dia antes da apresentação.

Figura 9 – Ensaio: E o meu futuro? Figura 10 – Ensaio: E o meu futuro?



Durante os ensaios os jovens ajudam uns aos outros na interpretação do texto, discutindo a melhor forma de apresentar e trazer para os públicos as emoções que desejam passar. Quando viram no cartaz a divulgação da apresentação ficaram muito estimulados.

Figura 11 – Divulgação da peça: E o meu futuro?



7^a

Observação

Hoje é a minha sétima observação. Cheguei na instituição bem mais cedo às 18:00 horas com o objetivo de conversar com alguns monitores do dia, enquanto o monitor da noite

que também é o presidente do grupo não chegava. Por volta das 18:50 o monitor chegou e os alunos entraram na sala.

O monitor fez a oração, convidou os alunos para o alongamento. Logo após o monitor disse que iria dividir a aula de hoje em dois momentos. O primeiro momento foi destinado a fazer uma análise do evento passado, o que foi bom, o que não foi bom, o que poderia mudar, etc.

O monitor ouviu cada um. Um dos alunos disse que achou ótimo o evento pois sua mãe que nunca vem ao grupo veio, participou, gostou e disse que não iria perder mais nada, iria sempre vir ao grupo. Outro aluno disse que foi muito cansativo, mas que gostou muito pelo fato de ter sido seu primeiro evento. Já os veteranos, por já ter muita experiência, compartilham palavras de incentivos para os outros, parabenizando e explicando que é realmente cansativo, porém o resultado é sempre satisfatório.

Após a conversa com todos, o monitor falou que a segunda parte da aula seria destinada a preparação de mais um evento, porém seria um evento diferente, com danças, brincadeiras e vendas de comidas típicas pois o mês junino estava chegando e com o que fosse arrecadado com a venda das comidas seria destinado ao evento que todos estavam esperando.

Percebi a empolgação desses alunos, pois os mesmos queriam logo que chegasse o dia tão esperado de mais um espetáculo que iriam apresentar em um lugar público. O monitor sugeriu que cada aluno se responsabilizasse em dirigir uma das atividades. Percebi então como o espírito de cooperação, de integração reina nessa hora. Ao ouvir o monitor, os alunos começaram a dar suas opiniões sobre os privativos das atividades do evento.

A interação entre eles é muito grande uns davam dicas para o outro e muitas vezes mostravam ainda como poderia fazer para que a festa junina ficasse tão boa quanto o evento das mães. Marcaram então a data para a festa. Um dos alunos se comprometeu em confeccionar os convites e assim convidarem também outros grupos e os representantes políticos da cidade.

O monitor pediu que eles (alunos) fizessem sugestões de temas para a festa. Dentre tantos um dos alunos falou: - “Um arraial de alegria e solidariedade”, e justificou a escolha do

tema, falou que alegria por ser uma festa alegre e solidaria por ter muita gente carente no meio e que vai estar envolvido com a festa.

O monitor (rindo) falou: -“vamos aplaudir nosso colega pois ele tem razão e sobre o tema vamos sim ficar com esse”. Alguns alunos opinaram com sugestões de temas do tipo: Arraia da ACRA, Arraia das artes, Forró da ACRA, etc, porém a maioria por democracia aceitou o do colega por estarem vivenciando o tema da solidariedade no Grupo. Todos gostaram.

Figuras 12, 13, 14 – Preparação para o arraial de alegria e solidariedade



9ª Observação

Hoje é a minha nona visita, cheguei na instituição às 18:00 horas. Ao adentrar notei que um dos monitores estava conversando com um assistente social, observou-se que estavam falando de um aluno que não interagira muito com os demais e isso estava preocupando o monitor.

No decorrer da conversa o assistente social pediu para que o monitor encaminhasse o aluno para a sala dele quando esse aluno chegasse. Quando os alunos chegaram o monitor já estava na sala fizeram a oração, fizeram o alongamento, e percebi que realmente tinha aquele aluno que não interagia, não se enturmava com os outros.

De uma maneira bem delicada e sem que os outros notassem o monitor levou o aluno na sala do assistente social. Percebe-se que esse aluno era de uma comunidade carente, pela forma de como se vestia, de como se comportava até mesmo pela timidez. Enquanto isso a turma estava bastante empolgada com os preparativos da festa junina que já seria no sábado. Enquanto uns ensaiavam passos da quadrilha, outros colocavam em prática as brincadeiras, as ornamentações que iriam utilizar. Os alunos opinavam na maneira como iriam ornamentar o local, nos tipos de brincadeiras, nos figurinos, etc.

Percebi até aqui, além do entusiasmo dos alunos em fazer os trabalhos, as atividades propostas pelo grupo, foi a importância que os membros dos grupos têm com cada um deles, foi a possibilidade, a confiança que os monitores passam para esses alunos, para que eles possam desenvolver tais trabalhos. Enquanto isso o aluno que estava na sala do assistente social chega, ele entrou na sala e foi se juntar com uma das equipes, percebi que ele procurou a equipe que menos se movimentava, eles estavam fazendo a ornamentação do evento.

No final da aula procurei o assistente social para saber mais desse aluno. Mesmo com receio de o assistente social não gostar, fui lá à sala dele e fui bem recebida. Ele passou que o aluno recentemente tinha presenciado a briga dos pais e que os pais estavam separados, o aluno é filho único e era muito apegado ao pai. Estava sofrendo demais com isso.

Perguntei o que iria ser feito para melhorar essa situação, o assistente social informou que seria através de visitas na casa da família e aqui na instituição fazer com que o aluno se sintia útil, ou seja, ele precisa entender e nos ver como família também. Acabou o tempo da aula de hoje. Todos se despediram e saíram ansiosos para o próximo encontro.

Figuras 15 e 16 – Preparação para a festa junina



12ª Observação

Hoje é a minha décima segunda observação logo após o recesso junino, todos estavam empolgados com o retorno, uma alegria contagiante, espaço reformado, tudo lindo a espera dos alunos. Como era o primeiro dia depois do recesso, resolvi chegar bem mais cedo, às 13:00 horas, pois tinha marcado com outro tutor para assim finalizar as entrevistas com os monitores. As 15:00 os alunos começam a chegar iam direto para a sala. O monitor os recebe com abraços e um beijo na testa. As 15:30 todos já se encontravam na sala, fizeram a oração todos de mãos dadas, logo em seguida fizeram alongamento.

Hoje os alunos estavam bem agitados todos queriam contar como tinha sido os dias de férias. O monitor muito paciente resolveu ouvir a todos. Enquanto esperava uma visita chegar. Os alunos diziam que tinham brincado muito, outros diziam que tinham estudado muito outros diziam que tinham feito às duas coisas.

Neste instante um aluno chamou minha atenção, o mesmo que a alguns dias atrás foi atendido pelo assistente social. Ele disse que suas férias tinham sido mais ou menos, mais, porque ficou o tempo todo com sua mãe ajudando no que ela precisava e não foi boa porque o seu pai não havia voltado para casa. De repente a turma se manteve em silêncio, percebi que o olhar do monitor se encheu de lágrimas, ele tinha ficado emocionado com a situação. Um aluno que estava próximo a esse aluno o abraçou.

O silêncio foi quebrado quando um outro tutor entrou na sala para avisar que a visita que estavam esperando tinha acabado de chegar. Junto com a visita entraram na sala os outros monitores e o presidente do grupo. O presidente apresentou a pessoa e a mesma disse que estava ali para fazer um convite ao grupo, que era o de levar uma de suas peças de teatro para se apresentarem na semana cultural, organizada pela secretaria de cultura do município.

Os alunos fazem perguntas entre si, então um dos monitores pede para os alunos votarem se desejam ou não participar do evento, e assim fizeram a votação, o resultado foi unanime todos queriam sim participar, um dos alunos falou sobre o grande desejo em mais uma vez participar de um grande evento em praça pública, estavam ansiosos.

O presidente do grupo confirmou a participação no evento, porém não com o que já tinha pronto e sim com algo inédito. Foi uma alegria para os alunos. O presidente do grupo afirmou que era uma maravilhosa oportunidade de mostrar à sociedade de Campo Formoso os novos talentos mirins do Grupo ACRA.

Neste instante um dos alunos disse que acha que na praça pública não teria coragem, os outros alunos riem, o monitor por sua vez explicou que não era dessa forma que iriam encorajar o colega, então todos correram abraçaram e pediram desculpas para o colega dizendo que todos iriam ajuda-los. Neste momento o monitor passa algumas orientações para os alunos, porém como sempre os deixa a vontade, mas afirma que de nada serve ter o talento e guardar para si. Despediu-se dos alunos dizendo-lhes que o próximo encontro seria de muito trabalho.

Figuras 17, 18, 19, 20– retorno após o recesso junino



13ª Observação

Hoje é minha décima terceira observação. Cheguei à instituição no horário de sempre. Fui para a sala, o monitor já estava lá, conversamos um pouco até que os alunos começaram a chegar, conversamos sobre essa dissertação, o monitor disse que tinha muito interesse em

fazer um curso de mestrado, mas que gostaria muito que fosse na área da arte. As 18:50 os alunos começaram chegar, o monitor os cumprimentou como sempre. Quando todos chegaram fizeram a oração, fizeram o alongamento.

O assunto inicial de hoje é sobre a participação na semana cultural, o monitor apresentou o tema e fez a distribuição dos textos para cada aluno, o tema e o texto foram escritos pelo presidente do grupo, nesse momento o monitor faz a entrega das cópias dos textos para que os alunos se dividam em grupo para o momento de estudo, antes disso o texto foi lido na sala. Um aluno fez a leitura do texto que seria transformado em peça de teatro para a apresentação na praça pública.

O tema é “Cultivar e guardar a criação”, os alunos expressam o desejo de participar do evento. O monitor avisa para os alunos que haverá um tema para ser abordado na semana cultural, será o “Meio ambiente”. Um aluno sugere que seja feita além da apresentação fazer um cordel com o objetivo de apresentar o grupo.

O monitor pergunta a opinião dos alunos e esses concordam com a ideia do colega. Quando todos pegaram seus textos dividiram-se em grupos. Houve naquele momento uma certa discussão na sala sobre os personagens. O aluno que sempre fica quietinho no canto estava muito disperso, quase não participando do estudo, neste instante o monitor o chamou e o incentivou a todo o momento, até que começou a se interagir.

Depois de algum tempo e com a ajuda do monitor, os alunos já tinham conseguido fazer as falas dos personagens. É incrível ver a facilidade que eles tem para desenvolver tal atividade. Os alunos ficam muito entusiasmados quando conseguem desenvolver a atividade. Começam a mostrar para as outras equipes o que já fizeram e os outros por sua vez dão sugestões.

Percebi que tem um aluno que faz o papel de líder do grupo, esse aluno é aquele que tem mais experiência em desenvolver as atividades que serão realizadas. A todo momento os alunos trocam experiências, isso é um hábito constante no grupo. Com certeza essa troca de experiência contribui para resolver os problemas fora da instituição e conseqüentemente problemas futuros. Percebe-se então que no grupo existe uma partilha de conhecimentos. Neste instante o monitor pede a atenção dos alunos pois o horário já está se esgotando, ele pede para que no próximo encontro os alunos cheguem mais cedo para que possam começar os ensaios.

Figura 21 – Preparação para a semana do meio ambiente.



4.3 Síntese da Observação do ambiente físico e das práticas pedagógicas do Grupo ACRA

Através dos dados recolhidos pelas observações possibilitaram perceber que a estrutura física do espaço da instituição mostra confortável aos alunos, pois apresenta salas amplas, bem ventiladas. O ambiente da instituição tem objetos de arte construídos pelos alunos, como pinturas, objetos em barro entre outros. É um local arejado, aconchegante, simples onde existe muita integração, alegria, respeito e oportunidade para qualquer um que ali chegar. Percebesse que o grupo ACRA busca sempre que possível estimular a participação das famílias dos alunos e a comunidade nas suas atividades.

Percebe-se, durante as observações, que as práticas educativas construídas dentro e fora da instituição apresentam similaridades em seus desenvolvimentos: se enquadrando dentro dos paradigmas que valorizam o ambiente acolhedor, onde o aluno tem um papel importante, contudo não ocupa o papel central no processo de aprendizagem, porém percebe-se que estimula o trabalho coletivo, onde o par mais experiente orienta o menos experiente.

Nota-se que os monitores buscam valorizar a participação ativa do aprendiz e criam mecanismos para estimular essa participação, através de questionamentos, indagações, incentivando a construções coletivas, existe algumas ações que privilegiam uma atitude

crítica, autônoma e reflexiva por parte do aluno, revelando assim focos de Inovação Pedagógica.

Assim as práticas pedagógicas desenvolvidas nos ensaios e na construção do cordel estimulam o compartilhamento do saber individual, o que permite o aperfeiçoamento e a transformação em conhecimento e produção coletiva, já que o movimento corporal de um aprendiz é ampliado pela opinião do outro, o que resulta numa criação de uma coreografia ou cena cheia de emoção, de autoestima e dedicação, logo que é fruto da integração e colaboração do trabalho de todos os participantes. O que se aproxima do pensamento de Fino (2003) ao defender autonomia, a criatividade e o pensamento crítico. Outro fato importante consiste quando o comportamento do monitor nas aulas se posicionando no círculo entre os alunos, colaborando com isso para desestimular a relação vertical do conhecimento de cima (professor) para baixo (aluno).

Outro dado relevante que os alunos de gerações diferentes são colocados em grupos separados, existe um grupo para as crianças e outro para os adolescente, percebe-se também, um certo engessamento, pois o responsável pela instituição constrói os textos sozinho e disponibiliza para que o grupo possa escolher a forma de usá-lo, sendo uma prática pedagógica que exalta o professor como detentor do conhecimento, pois o responsável apenas repassa o texto já construído aos alunos, desconsiderando a participação ativa dos alunos, fazendo o aluno ocupar um papel secundário na instituição restringindo como um mero receptor de conteúdos o que se caracteriza com prática pedagógica tradicional por parte do líder da instituição.

4.4 Apresentação dos resultados das Entrevistas.

Em respeito ao direito de sigilo e a preservação de identidades, os atores sociais foram citados com o papel que exercem no grupo, seguidos com um número de acordo com a ordem de entrevista. Por exemplo, foram entrevistados 03 monitores do Grupo ACRA, que serão chamados de Monitor 1, Monitor 2 e Monitora 3; Foram entrevistadas 4 alunas, que nesse estudo serão chamadas de Aluna 1, Aluna 2, Aluna 3, Aluna 4; Apenas 3 pais aceitaram participar da pesquisa aqui serão chamados de Mãe 1, Pai 1 e Mãe 2.

Os educadores entrevistados são concursados públicos da rede municipal de ensino de Campo Formoso – BA, alguns residem nas proximidades do colégio e outro na sede do município, indo e voltando, conseqüentemente, todos os dias por meio de transporte. Foram

entrevistados 05 professores, que serão chamados de Professor 1, Professor 2, Professor 3, Professor 4 e Professora 5.

4.4.1 Dialogando com os professores

No discurso dos educadores da escola observam-se as estratégias utilizadas para o desenvolvimento da prática pedagógicas com o objetivo de aproximar a comunidade e pais da escola, e quanto o grupo ACRA tem contribuído nesse processo. Para tanto algumas perguntas nortearam a nossa entrevista aos professores, tais como:

- 1 - Como o veem o Grupo ACRA na vida dos alunos;
- 2- Se consideram que o Grupo ACRA promove nos alunos características como respeito, autonomia e liderança?
- 3- Se os alunos do Grupo ACRA têm mais facilidade em aprender;
- 4- Como é a criatividade desses alunos na sala de aula?
- 5- Como é o relacionamento dos alunos do Grupo ACRA na escola, com os colegas que não integram aquele grupo?
- 6- No final da entrevista pedi aos professores para acrescentarem algo que caracterizasse o Grupo ACRA.

As respostas a essas cinco questões deram origem aos títulos seguintes:

4.4.1.1 O Grupo ACRA na vida dos alunos.

Na opinião dos professores o Grupo ACRA tem um papel amplo, pois além de trabalhar a arte na forma social recebe alunos de contexto familiares diversos, onde muitos pais são separados, dependentes químicos ou existem dificuldades na situação econômica familiar entre outros.

A escola regular na maioria das vezes bloqueia o aluno, pois a escola formal de modelo fabril tende a formar um sujeito passivo. A ordem por seguir regras, obediências, faz com que o aluno fique tímido, porque de certa forma a escola forma o aluno assim. Um método firme no tradicionalismo, propriedades presentes na escola regular, que não prioriza o aluno como sujeito no processo de aprendizagem faz com que a criança seja um leal obediente nas suas normas, sem destaque na formação da autonomia desses. O Grupo ACRA apresenta oportunidades para que o aluno possa se socializar e conviver com outras crianças dentro da sede do Grupo, exercendo ações que elevam o potencial do falar fluentemente, ter segurança no que está sendo desenvolvido garantindo assim, uma formação autônoma para desenvolver atividades escolares nas diversas situações da vida cotidiana.

4.4.1.2 Respeito, autonomia e liderança.

Nas entrevistas com os professores, foram identificadas atitudes que revelaram mudanças significativas no que tange a autonomia, respeito e liderança dos alunos.

A gente sente a diferença e percebe a diferença dos alunos que estão no projeto e não, antes deles ingressarem no projeto eles tinham um comportamento agressivo, eles não tinham respeito um para com os outros alunos, mas depois no projeto, eles mudaram assim realmente eu não vou dizer assim professora da água pro vinho que é difícil numa proporção mudar da água pro vinho mas eu posso dar uma porcentagem de 100% , 80% desses alunos melhoraram, hoje eles tem mais interesse nas atividades, hoje eles tem um comportamento melhor para com seus colegas, eles na verdade estão exercitando essas virtudes, tanto respeito para com seus colegas, respeito para nós professores, a gente discute isso muito na sala de professores sobre esses alunos do projeto ACRA o quanto que eles evoluíram, então eu só tenho a parabenizar o projeto que continue dando certo. (Professor 1)

Os alunos chegavam na escola muito revoltados, desobedecia professores, desrespeitava colegas e hoje eles já tem outros comportamentos, além do respeito eles também já tem bons rendimentos nas notas. (Professor 2)

A gente vê resultados positivos, inclusive de comportamentos de liderança, conhecimento, respeito, então o que acontece? Primeiro, quando se trabalha no grupo social, ele vai ter que respeitar os outros, porque se não, não é grupo social, não tem nem como você fazer um grupo social se não há respeito, então ele tem que saber conviver com os outros, saber assimilar o que é passado e dentro da sua escolha, que fique bem claro isso, ele vai assimilar da sua forma e vai passar isso do seu jeito, então ele vai ter uma escolha e vai passar isso do seu jeito, e isso sim vai dar a ele uma ... fazer com ele venha respeitar os que estão próximos, porque isso é fundamental e claro isso vai com certeza refletir na escola, se eu me habituo no lugar a

respeitar um, com certeza eu vou chegar na escola também, vou passar isso para o ambiente escolar. (Professor 3)

O respeito foi um dos pontos principais como eu já lhe falei, então, e o restante também ainda dá pra perceber, dá pra perceber que eles desenvolvem bem a questão da autonomia, é... a liderança também. (Professor 4)

Aqueles que participam do grupo eles têm assim, é, uma maior habilidade para tratar com as pessoas, são autoconfiantes, desenvolvem o trabalho só, não dependem muito dos professores, e geralmente lideram as equipes, né, já que eles têm já trabalham isso no teatro, então eles têm todas essas habilidades. (Professor 5)

Na opinião dos professores o projeto ACRA, tem uma visão ampla, além de trabalhar na forma social e voltado para arte, principalmente, que a escola recebe alunos com vários contextos familiares diversos, muitos pais são separados, dependentes químicos, dificuldades na situação econômica familiar entre outros.

4.4.1.3 Aprendizagem

Com relação ao conhecimento, os professores falaram de acordo com suas disciplinas, sobre a facilidade que os alunos começaram a ter nas disciplinas após iniciarem a frequentar o Grupo ACRA, os professores afirmam que perceberam que os educandos passaram a lidar com maior facilidade durante o processo de aprendizagem. Seguem os registros das entrevistas.

principalmente na parte de produção de texto, eles têm assim uma facilidade de expor suas ideias, com certeza isso graças ao projeto, a gente sabe que é arte, a arte envolve tudo, a produção tanto corporal, como a mental, né as músicas que eu acredito que lá também eles trabalham com músicas, então, até o interesse desses em ler um livro, eles despertaram o interesse pela leitura e depois disso, eles sempre querem produzir, sempre pedem produção, dá pra perceber claramente a evolução, a ortografia melhorou muito, porque eles passaram a ler mais então quem ler mais, quem ler muito escreve bem, então também avançaram além dessa parte de virtude e valores que eu mencionei eles avançaram no intelectual deles. (Professor 1)

Eles tem mais facilidade de aprender, eles perguntam mais, participam mais das aulas, das dinâmicas, eles se envolvem mais na hora de realizar algumas atividades lúdicas. (Professor 2)

Com certeza. Tem uma pesquisa no Brasil, e como profissional vendo o acompanhamento, todo aluno que é acompanhado, que tem acompanhamento, o índice de desenvolvimento dele é muito melhor que o outro, então, a maioria desses alunos quando nós visitamos a casa, as pessoas, os seus pais, o convívio dele é de abandono, não se acompanham o

rendimento, na escola não se acompanha ele estudando, então ele é mais um, mais dentro de grupo desse que inclusive incentiva, acompanha, não se obriga, mais se aconselha, então vai se tornando ai um cada vez mais espelhando o outro e eles vão sim, vão estudando melhor, vão querendo um melhor desempenho e especificamente seja na geografia ou seja nas outras matérias, no geral ele vai se desempenhar, sabe porque, porque tem um grupo que está dando atenção a ele, e nessa atenção que está dando a ele, ele vai desempenhando melhor vai ter melhor concentração porque ele vai tendo pessoas que o acompanham. (Professor 3)

Pra minha disciplina é um pouco complicado porque eu trabalho matemática, né, mas deu pra perceber também que eles começaram a desenvolver mais a questão da fala, a questão de perguntar, ficaram mais abertos nesse sentido, mas nas outras disciplinas pelo que os outros colegas comentam, arte principalmente, eles desenvolveram esse lado. (Professor 4)

Com certeza, já que eles trabalham isso no dia a dia no grupo, eles trabalham decorar texto, aprendizado por ensaio e erro, vamos dizer assim, então com as disciplina eles têm uma habilidade maior em aprender, aquilo que a gente passa na sala, eles memorizam rapidamente e tendem a passar isso para os outros colegas facilitando assim o conteúdo. (Professor 5)

4.4.1.4 Criatividade

Os professores afirmam que os alunos após frequentarem aquele grupo desenvolveram seu potencial de criatividade, permitindo que possam se adaptar às cobranças exigidas no século XXI para que os sujeitos sejam criativos. Para tal é imprescindível ser movido a ter tal conduta.

O prazer de trabalhar e criar coisas novas por meio de seus próprios recursos leva a descobertas contínuas. Um trabalho voltado para o desenvolvimento do potencial criativo deve ser feito desde a infância, o exercício da reflexão e do senso crítico tem grande importância na descoberta do mundo em que vive, de forma a não só enxergá-lo e aceitá-lo, e sim de avaliar, julgar e propor mudanças para a construção. (NOVAES, 1972, p. 51)

Sendo assim, o Grupo ACRA contribui para que os jovens externem suas ideias, a partir de atitudes criativas. À proporção que os professores desenvolvem atividades que estimulem a criatividade, os alunos se tornam seres capazes de externar seus anseios e se organizarem para um ambiente promissor à aprendizagem. Isso foi relatado no momento de

entrevistas com os professores da escola regular. Seguem as falas dos professores entrevistados.

O que me chama a atenção desses alunos na sala de aula, é a maneira de como eles se expressam na sala, eles são bem espontâneos, eles antes eram muito tímidos ou quando não eram tímidos demais eram agressivos demais, a gente falava eles já vinham com uma certa ignorância mas depois que eles ingressaram no projeto até o jeito deles falarem para que estão encenando eles vem com um jeito meu cênico quando vem falar com a gente isso me chama a atenção e me desperta assim uma curiosidade de ver eles atuando eu já tive uma oportunidade de ver eles atuando mas nem todos mas realmente assim o que chama neles na criatividade é o jeito de se expressarem tanto para comigo como para com os colegas quando se voltam para eles. (Professor 1)

Eles participam muito, além de desenvolver atividades lúdicas de brincadeiras eles também são muito desenvolvidos na dança, no teatro, tem mais facilidade para se expressar na hora de apresentar um trabalho, tem mais criatividade na hora da elaboração das atividades. (Professor 2)

Bem, que é que acontece um dos problemas aqui no Brasil é justamente se expressarem, expressar a ler, a leitura, e se expressar, principalmente se expressar, então o que é que acontece, as oficinas fazem com que os alunos se desenvolvam, tanto a sua oratória como também seu intelecto raciocínio como também percam a vergonha de se expressar, então o que é que acontece, ela vai sim pra dentro da sala de aula e dentro da sala de aula a participação é melhor, o desenvolvimento é melhor vão se expressar melhor nesse desenvolvimento. (Professor 3)

Bom, principalmente quando tem alguma apresentação, eles se empolgam bastante, eles fazem um bom trabalho, eles tentam dá o máximo que eles podem. (Professor 4)

Nem todos se destacam da mesma forma, lógico, mas aqueles que participam do grupo, eles têm, trabalham com maior habilidade, portanto a criatividade deles é maior, sempre voltada lógico para o teatro, então eles, toda atividade que eles vão desenvolver na sala é sempre voltada para apresentações, até de pequenas histórias criadas, dessas histórias eles criam pequenas dramatizações envolvendo toda a equipe. (Professor 5)

4.4.1.5 Sociabilidade

Durante as entrevistas com os professores da escola regular foi feito também um questionamento sobre os relacionamentos entre os alunos que fazem parte do Grupo ACRA e os alunos que não fazem parte do Grupo. Os professores afirmaram que após os alunos

participarem do grupo ocorreu uma evolução nas relações sociais estabelecidas pelos alunos uns com os outros.

É um relacionamento bom, de amigos, de respeito e eles até chamam os outros para participar do grupo também, mostrando, falando como eles eram antes, mostrando um lado positivo do ACRA, que muitos ainda não conhecem, e eles sempre convidam os outros colegas para conhecer para também engajarem no grupo. (Professor 2)

Exatamente, é uma pergunta muito pertinente, porque são duas... são bem diferentes, o que é que acontece, vamos botar alunos da mesma região, da mesma classe social, até porque a maioria são carentes né, todos são carentes, mas assim, na mesma circunstancia, pronto é isso que eu quero dizer, na mesma circunstancia, na mesma circunstancia aqueles que estão no projeto social e aqueles que não estão no projeto social, que é que acontece, olha a gente vê que o estímulo, aprendizagem e o respeito a assimilação dos conteúdos é totalmente diferente porque não tem alguém pra esses que não participam que venham estimula-los, esses que estão, que participam do projeto social, o que é que acontece, percebemos que eles se desenvolvem melhor, se relacionam melhor, aprende melhor, porque, porque o grupo que faz com aumente sua autoestima, a autoestima aumentada o nível de aprendizagem com certeza é evidente, isso é um fato que realmente acontece. (Professor 3)

Os que participam eles conseguem lidar com situações complexos sociais, os outros dá pra perceber que eles tem uma certa dificuldade nesse sentido, como foi perguntado antes, a questão da autonomia mesmo, esses alunos eles desenvolvem bem mais e é perceptível comparando com os outros. (Professor 4)

Tranquilo. Eles se relacionam normalmente, claro, aqueles que participam do grupo ACRA eles tendem a formar um grupinho a parte, mas não deixando os outros de lado, eles sempre procuram envolver toda a turma participando todos da mesma maneira, mas lógico eles têm tendem a manter um vinculo maior e, mas forte. (Professor 5)

4.4.1.6- Síntese do discurso dos Professores da Escola Regular

Durante as entrevistas com os professores da escola regular percebe-se que todos possuem o mesmo pensamento quando o assunto, acreditam que o grupo ACRA oportunizou ao aluno uma maior socializar e conviver com outras crianças dentro da sede do Grupo, exercendo ações que elevam o potencial do falar fluentemente, ter segurança no que está sendo desenvolvido garantindo assim, uma formação autônoma para desenvolver atividades escolares nas diversas situações da vida cotidiana. Permitindo que esses alunos tenham uma

vivência diferente a que estavam acostumados e com isso naturalmente ocorreram várias mudanças de atitudes com maior autonomia, respeito e liderança dos alunos, possibilitando que esses alunos desenvolvessem um melhor relacionamento tanto dentro do ambiente educacional com colegas e professores como fora da escola com pais e a comunidade de forma geral.

Para participar do grupo o aluno precisa ter um bom desempenho na escolar, dessa forma, os professores perceberam que esses alunos começaram a apresentar um melhor desempenho, começaram a perguntar e a questionar mais do que os outros, com isso provocando uma maior reflexão dentro da sala de aula, além disso, na opinião dos professores é visível como aumentou a concentração e a memorização desses alunos. Diante disso, os professores afirmam acreditar que o Grupo ACRA é um grande parceiro para a escola regular, pois através do Grupo os professores estavam conseguindo alcançar o objetivo desejado.

4.4.2- Dialogando com os monitores

Com relação aos monitores, realizaram-se as entrevistas para assim entendermos como era o funcionamento do Grupo e como era a vida do aluno dentro do Grupo. Com objetivo do sigilo ético foram identificados respectivamente como Monitor 1, Monitor 2 e Monitor 3. Durante a entrevista percebe-se que os Monitores buscam realizar as atividades conforme são orientados e de acordo com objetivo que pretendem alcançar, acreditam que estão estimulando os alunos a serem mais criativos, mais participativos, tenham maior autonomia e principalmente liberdade para expressar o que estão sentindo. Assim como pode-se comprovar nos registros das entrevistas. Durante o Início da entrevista do Monitor 1, os Monitores 2 e 3 entraram várias vezes na sala, para “pegar documentos e limpar”, observa-se que no fundo desejam ouvir a entrevista, o que chamou muito a atenção.

Primeiro eles chegam aqui conhecem o trabalho e juntos eles constroem o que querem fazer perante as oficinas os laboratórios, e ai eles constroem juntos né, nós trazemos a ideia e eles têm total autonomia de opinar sobre determinada situação, mais uma vez eles fazem a culminância com isso através da arte, através de uma música, através de uma dança de uma parodia e ai eles percebem a importância deles nesse sentido. (Monitor 1)

Quando se trata de criatividade, na opinião do monitor 1:

A criatividade deles pra gente é bastante importante e as vezes surpreende né, porque a gente vem com o trabalho e eles fazem tão primoroso que a

gente pensa, nossa! Que a capacidade que eles tem em trabalhar determinados temas né, complexos pra idade deles, mas a gente percebe que eles tem total capacidade de construir algo novo e inovador como eles fazem. (Monitor 1)

Algo interessante aconteceu durante uma conversa com dois monitores, quando estávamos aguardando a chegada dos alunos na sede do grupo ACRA, foi feito um questionamento sobre como os alunos chegaram ao grupo ACRA, e como os monitores estimulavam a criatividade desses alunos, Monitor 2 e Monitor 3 recusaram-se a responder essas perguntas, pois na opinião deles o Monitor 1 já tinha respondido, quando foi solicitado, mesmo assim foi questionado que eles enquanto monitores também poderiam fornecer a opinião deles, mesmo assim eles disseram que era a mesma resposta do monitor 1, então solicitaram que mudássemos de assunto. Diante disso, observa-se que os outros dois monitores, seguem tudo que Monitor 1, que é o presidente fundador do grupo ACRA, fala ou ordena, ou seja, os monitores buscavam saber tudo o Monitor 1 um respondia, para depois fornecer respostas pronta, o que chamou a atenção, pois existe busca de autonomia e os próprios monitores não exerce, não demonstram ter opinião própria. Durante as entrevistas foi o único momento que não se recusaram a responder, pois na opinião deles o Monitor 1 já havia dito pra eles o teor da conversa.

Com certeza, porque a gente trabalha aqui na transformação do cidadão pra que eles saibam da sua importância no mundo onde eles estão inseridos na escola, na família, nas ruas e aí a gente ajuda a nortejar as suas vidas nesse sentido né, a gente não dá uma fórmula pronta a gente aponta caminhos pra que eles juntos busquem as soluções e o que eles pretendem decidir na vida deles em meios a esses caos que vivem nos bairros periféricos. (Monitor 1)

A participação da família no início era mais uma questão dos menores por terem uma faixa etária bem menor né, por serem pequenos, então a família tem que ter um acompanhamento, mas a partir do momento que a gente pode se aprofundar dentro da família e mostrar o que realmente a nossa real intenção aqui dentro da ACRA e que as crianças e os jovens foram realmente percebendo qual a importância deles aqui dentro e o que a gente tinha pra passar e receber também deles, que eles tem muitas coisas pra nos oferecer e muito aprendizado, a gente tem também a agradecer por ter recebido da parte deles, então eu acho que isso contribuiu muito pra essa questão da família está mais presente e hoje eu vejo que 95% dos pais são bem presentes mesmo, afincos e agradecem pelas mudanças dentro de casa pela mudança escolar. Eu digo que não só por agradecimento mais por querer fazer parte está por dentro, presenciar e ver que realmente pequenas ações podem transformar. (Monitor 2)

Da família. A gente tem reuniões com os pais, todos os nossos projetos, se tem espetáculos, se nós vamos fazer, por exemplo, algum evento os pais são convidados, a gente explica tudo direitinho pra eles, se uma criança não está

bem, se está bagunçando muito a gente conversa com os pais pra que eles possam ajudar, porque não depende só da gente né, então assim, é boa a interação com a família, graças a Deus. (Monitor 3)

Os monitores afirmam durante as entrevistas que estimulavam as famílias dos menores a participar, pois acreditam que como são crianças as famílias precisam acompanhar para fortalecer os vínculos dessas crianças com seus pais, pois acreditam que os pais estando mais perto dos filhos podem contribuir muito para que as crianças aprendam.

4.4.2.1. Síntese do discurso dos Monitores do Grupo ACRA.

Durante a entrevista percebe-se que os Monitores buscam realizar as atividades conforme são orientados e de acordo com objetivo que pretendem alcançar, acreditam que estão estimulando os alunos a serem mais criativos, mais participativos, tenham maior autonomia e principalmente liberdade para expressar o que estão sentindo. Assim como pode-se comprovar nos registros das entrevistas. Durante o Início da entrevista do Monitor 1, os Monitores 2 e 3 entraram muito sala, para “pegar documentos e limpar”, observa-se que no fundo desejam ouvir a entrevista.

O interessante aconteceu nas entrevistas, como foram realizadas no mesmo dia e mesmo local na sede do grupo ACRA, as perguntas sobre como os alunos chegaram no grupo ACRA, e como eles estimulava a criatividade, Monitor 2 e Monitor 3 recusaram-se a responder durante as entrevistas essas perguntas, pois na opinião deles o Monitor 1 já tinha respondido, quando solicitado que mesmo assim eles poderiam fornecer sua opinião, disseram que era a mesma, então solicitaram que fizesse outras perguntas, assim observa-se que os outros dois seguem tudo que Monitor 1, que é o representante do grupo, os monitores buscavam saber tudo o Monitor1 respondeu , para depois fornecer respostas pronta, o que chamou a atenção, pois no discurso existe busca de autonomia e os próprios monitores não exerce, foi o único momento que não se recusaram a responde, pois na opinião deles o Monitor 1 já teria respondido, o que comprava que os outros Monitores apenas reproduzem o que é passado sem discussão e muito menos sem um olhar crítico.

Durante as entrevistas com os monitores do Grupo ACRA, eles explicaram importância da parceria e confiança da família. Eles acreditam que o trabalho do grupo contribui muito tanto na vida pessoal de cada aluno como também no aprendizado deles e que

isso é muito gratificante, pois segundo eles o grupo passou por muitos desafios para chegar onde hoje se encontram e para de certa forma conseguir a confiança dos familiares e comunidade.

4.4.3. Dialogando com os alunos

Realizou-se uma entrevista a 5 alunos participantes do grupo ACRA e respeitando o sigilo ético foram identificados respectivamente como Aluna 1, Aluna 2, Aluna 3, Aluna 4 e Aluna5. As entrevistas foram realizadas no Colégio Municipal Rômulo Galvão, apenas com meninas porque os meninos não aceitaram participar. Durante as entrevistas buscou-se deixar as entrevistadas bem à vontade. Das suas respostas emergiram as seguintes categorias:

4.4.3.1 Responsabilidade e cidadania

Das suas respostas percebe-se a alteração que a participação no Grupo ACRA teve nas suas vidas e que as alunas tinham visões semelhantes sobre as mudanças provocadas na vida delas como pode-se comprovar nos trechos seguintes:

Minha vida antes era muito bagunçada, eu era muito rebelde, não obedecia ninguém, era uma péssima aluna, mas depois que eu entrei no grupo eu melhorei bastante, eu não sou mais aquela menina rebelde como eu era. (Aluna 1)

Eu era uma menina rebelde, em casa na escola na rua, não levava desaforos pra casa gostava de tirar satisfações. (Aluna 2)

Era uma vida sem sentido de muita rebeldia, eu saia todas as noites sem ter o que fazer, estava sempre vagando nas ruas. (Aluna 3)

Normal, de casa pra escola, não fazia nada. (Aluna 4)

Era uma menina rebelde, tímida, não gostava de sair na sociedade. (Aluna 5)

Os alunos verbalizaram que entraram no grupo através de pessoas amigas, que já participavam. Após estarem participando se envolveram de tal forma com o trabalho que hoje não conseguem se imaginarem longe do grupo e, muitos desses amigos que os convidaram são hoje tutores deles. Todos sentem satisfação em participar do grupo, comprovando que o

ambiente de aprendizagem é prazeroso e que contribuiu para o fortalecimento do grupo ACRA, que vem tendo cada vez mais adolescentes interessados em integrá-lo.

4.4.3.2 Criatividade

Durante as entrevistas os alunos afirmam que têm liberdade de expressar a sua criatividade tal como pode-se comprovar nos discursos abaixo:

Eu não pensava muito, assim, eu não era criativa em nada, depois do grupo comecei a participar e a ficar muito criativa na escola e participar das coisas. (Aluna 1)

Sim, pois sempre gostei de criar, ser independente, liderar equipes, ter autonomia para mudar alguma coisa. (Aluna 2)

Sim. Hoje eu já tenho mais disposição de liderar na sala, coisa que eu não tinha antes, é... eu era muito fechada, hoje eu sou bem “pra cima” já consigo me organizar em sala de aula e também na minha vida e sempre está levando a gente para o melhor. (Aluna 3)

Melhorou. A concentração, a vontade de fazer mais. (Aluna 4)

Mudou. Minha vida mudou sim pra melhor. É impossível entrar aqui e não mudar. (Aluna 5)

4.4.3.3 Autonomia e aprendizagem responsável

Nas entrevistas os alunos também comentaram sobre a responsabilidade adquirida na escola através de experiências com arte e cultura. Perceberam que assumiram mais responsabilidades pelos atos na escola e também em casa, como se percebe nos seus discursos a seguir.

Melhoraram sim, hoje eu sou mais responsável em tudo. (Aluna 1)

Sim, pois passei a tirar notas melhores. (Aluna 2)

Sim. (Neste momento a aluna deu uma pausa por conta da presença de uma professora, que se retirou quando percebeu que era uma entrevista) Sim, me tornei mais responsável com as atividades com os meus professores com meus colegas, sempre fazendo tudo certinho, o que eu não fazia antes. (Aluna 3)

Melhorou. Como a gente trabalha em grupo, a gente tem que ter mais responsabilidade e a gente trás isso pra sala de aula. (Aluna 4)

Acho que melhorei muito, me tornei mais responsável. (Aluna 5)

4.4.3.4 Liberdade de expressão e de escolha

Quando questionadas sobre as diferença entre a escola e o Grupo ACRA , comentaram que este era muito diferente pois na escola quem dita as regras são os professores e no grupo teem liberdade para expressar e opinar. Os alunos afirmaram que têm liberdade de expressar o que pensam e opinarem sobre o que desejam aprender e como aprender.

Diferente, porque na escola eu tenho que obedecer regras, tem que ser tudo de um jeito e no grupo não, no grupo eu me expresso muito e quando eu estou meio cheia de coisa de duvidas eu tiro minhas dúvidas, desabafo muito. (Aluna 1)

Completamente diferente. Aqui na escola o professor dita as regras, passa pra gente e depois a gente cria a partir daquilo que ele passou, lá no ACRA, a gente tem autonomia para criar. (Aluna 2)

É diferente, porque na escola a gente tem que fazer tudo sobre as regras da escola e no grupo eu tenho direito de me expressar, decidir, dar minhas opiniões, e etc. (Aluna 3)

Diferente. Na escola é mais trabalho, prova e no teatro a gente tem a autonomia de fazer coisas diferentes e opinar na maioria das vezes. (Aluna 4)

Totalmente diferente, aqui nós temos liberdade de escolhas na escola regular não. (Aluna 5)

4.4.3.5 Síntese do discurso dos alunos

Durante a escolha dos alunos para participarem da entrevista a pesquisadora constatou que os meninos não quiseram participar. Das cinco meninas que desejaram participar, e que foram entrevistadas, no Colégio Municipal Rômulo Galvão, percebeu-se que possuíam visões semelhantes sobre as mudanças provocadas na sua vida tanto na escola quanto no ambiente

familiar. Consideraram que participar do grupo ACRA era melhor do que estar na própria escola, por conta das regras da escola regular. Além disso, na opinião delas, participar das oficinas de teatro do Grupo ACRA, contribuía muito para o crescimento pessoal e profissional que os tutores eram solidários e acreditavam na capacidade de cada uma e isso contribuía para a autonomia e responsabilidade de todos.

As alunas informaram que entraram no grupo através de pessoas amigas, que já participavam, atualmente não conseguem se imaginar longe do grupo onde, muitos desses amigos que os convidaram são hoje seus tutores. Sentem satisfação em participar do grupo, comprovando que o ambiente de aprendizagem é prazeroso e que contribuiu para o fortalecimento do grupo ACRA, que vem tendo cada vez mais adolescentes interessados em participar desse.

Acreditam que o grupo ACRA permite maior liberdade de expressar o que pensam e opinarem sobre o que desejam aprender e como desejam aprender. Assumindo maior responsabilidade pelos atos na escola e também em casa, sendo que há uma diferença destacada por elas entre a escola e o grupo, seria que na escola quem dita as regras são os professores e no grupo tem liberdade para expressar e opinar.

4.4.4 Dialogando com os pais

Realizou-se uma entrevista com 3 pais que os filhos participavam do grupo ACRA e respeitando o sigilo ético foram identificados respectivamente como Pai 1, Mãe 1, Mãe 2. Durante as entrevistas buscou-se deixar os entrevistados bem à vontade, mesmo assim, os pais apresentavam um desconforto com as entrevistas serem gravadas. A entrevista foi realizada no Colégio Municipal Rômulo Galvão e das respostas obtidas emergiram algumas categorias:

4.4.4.1 Melhoria de comportamento e sentido de responsabilidade.

percebeu-se que os entrevistados tinham visões semelhantes sobre as mudanças provocadas na sua vida, após os filhos começarem a fazer parte do grupo ACRA como pode-se comprovar nos trechos das entrevistas a seguir:

Depois que os meninos começaram a frequentar esse grupo eles até melhoraram um pouco era uma rebeldia dentro de casa, rapaz, era um

negócio serio, as vezes era obrigado sair no tapa aqui porque num tinha jeito não, mas agora até que melhoraram, tão mais comportado, eles se ocupam lá pra esse negocio desse ACRA ai e deixaram mais de dá tanto trabalho. (Pai 1)

Eu vejo um grupo importante, ele incentiva as pessoas, pra mim é muito importante na vida de minha filha. (Mãe 1)

Acreditam que após os adolescentes iniciarem a participação nas atividades desenvolvidas pelo grupo ACRA, permitiu que as crianças e os adolescentes aprendessem a lidar melhor com situações vivenciadas dentro e fora de casa.

Acho, porque de uma forma ou de outra, tão bom agora, porque Jesus Cristo, num tinha quem aguentasse, agora já se ocuparam, parece que é duas vezes por semana que tem esse negócio ai, eles vão direto num tão perdendo, tão mais educado em casa num tão dando tanto trabalho, eu acho que é importante mesmo. (Pai 1)

Sim, é muito importante ela participar. (Mãe 1)

Acho, porque ele tem o desenvolvimento dele. (Mãe 2)

4.4.4.2 Participação e cidadania

Os pais afirmam que os filhos após frequentarem o grupo ACRA apresentavam mudanças significativas, o que permitiu uma mudança significativa na vida deles e na convivência dentro de casa com pais e irmão, na escola e na comunidade.

É como eu disse lá em casa eles estão até bem melhor, na escola geralmente minha senhora, quem acompanha mais é a mãe, eu não tenho muito tempo mas, ela nunca mais reclamou, então eu acho que tão bom né porque se melhoraram em casa bem que na escola também melhoraram. (Pai 1)

Foi muito importante, porque depois que ela começou a participar ela ficou mais desenvolvida, pegou mais interesse pelos estudos, foi muito importante. (Mãe 1)

Melhorou muito, porque ele saiu dos meios ruins, desenvolveu 100%. (Mãe 2)

Os pais afirmam que buscam estar sempre acompanhando os filhos e perceberam o clima que eles presenciam no grupo, que o ACRA estimula a participação dos pais, sempre os convida para participar de atividades e apresentações, acreditam que é um ambiente bom, pois

contribuiu muito para os filhos mudarem para melhor os seus comportamentos. Afirmam que sempre são chamados.

Gostei, é um pessoal camaradeiro, são bem educado e tratam os meninos bem também, me chamaram pra me ir lá eu peguei e fui, eu achei que é um lugar um ambiente até bom. (Pai 1)

Chamam para participar, com certeza. (Mãe 1)

Convite sempre para participação (Mãe 2)

4.4.4.3. Síntese do discurso dos pais.

É importante salientar que foram convidados 5 pais para se submeterem à entrevista, contudo apenas 3 desejaram participar das entrevistas. Percebe-se que esses apresentavam um desconforto com as entrevistas por essas serem gravadas. Conforme discursos dos pais, os filhos tiveram mudanças importantes na vida deles, após começarem a fazer parte do grupo ACRA. Acreditam que o grupo ACRA, permitiu que os seus filhos aprendessem a lidar melhor com situações vivenciadas dentro e fora de casa.

Os pais afirmam também que buscam estar sempre acompanhando os filhos e perceberam o clima vivenciado no grupo ACRA. Este estimula a participação dos pais, sempre os convida para participar de atividades e apresentações, acreditam que é um ambiente bom, pois contribuiu muito para os filhos mudarem para melhor os seus comportamentos. Afirmam que sempre são chamados a participar.

Através dos discursos dos pais percebe-se que o grupo ACRA estimula a participação da família e da comunidade, levando os filhos a adotar posturas que estimulam o fortalecimento dos vínculos familiares e sociais.

PARTE IV**ANÁLISE E TRIANGULAÇÃO DOS DADOS OBTIDOS****Capítulo 5 - Análise dos Achados obtidos no *Locus* de Pesquisa**

Neste capítulo será realizada uma análise dos dados obtidos durante a pesquisa e que foram expostos no capítulo anterior. Esta pesquisa foi realizada na Sede do Grupo ACRA na cidade de Campo Formoso, Bahia. Apresentou como objetivo saber se existem práticas pedagógicas inovadoras nas oficinas de teatro do Grupo ACRA que contribuam na construção de alunos autônomos, educados, com responsabilidades, criativos enfim, alunos que estejam aptos a transformar de forma positiva nossa educação.

O estudo de caso realizado através da abordagem qualitativa de natureza etnográfica permitiu a compreensão dos fenômenos e suas interpretações mediante o recurso a observação participante, entrevista, análise de documentos e de imagens.

É notório que em uma pesquisa científica o maior objetivo seja o de retratar a realidade observada da forma mais verdadeira possível, para tanto, o pesquisador deve estar atento à coleta de dados e à maneira como esses dados são abordados e avaliados. Para tanto, Fino (2003), afirma que a análise dos dados em um estudo de natureza etnográfica também necessita levar em consideração a capacidade interpretativa do pesquisador, uma vez que não se pode avaliar uma cultura de forma isolada, mas sim como parte de um sistema onde os membros se relacionam entre si e com o ambiente que os cerca. Nesse sentido,

[...] o êxito da investigação etnográfica decorre em grande medida da capacidade interpretativa do investigador, o que, se é verdade que lhe atribui, aparentemente pelo menos, grande liberdade na mobilização dos instrumentos teóricos de análise, tem o inconveniente de o deixa à mercê dessa capacidade interpretativa, bem como do uso de uma subjectividade que nunca é completamente controlada (FINO, 2003, p.11)

Já na visão de Macedo (2010), para aperfeiçoar o processo de análise de dados, determinadas fases especiais necessitam ser adotadas, tais como:

Leituras preliminares e estabelecimento de um rol de enunciados; b) escola e definição das unidades analíticas: tipos de unidades, definição e critérios de escolhas; c) processo de categorização; d) análise interpretativa dos conteúdos emergentes; e) interpretações conclusivas (MACEDO, 2010, p. 147).

Sendo assim, para que acontecesse uma aceitável análise e interpretação dos dados, seguimos fases e sempre com prudência a fatores essenciais aos pesquisados, até chegarmos a triangulação dos dados e tendo em vista o referencial teórico apresentado, na busca do entendimento do fenômeno pesquisado.

O grupo ACRA está diretamente ligado ao aspecto cultural do município de Campo Formoso, sua criação buscou oportunizar jovens e adolescentes oriundos de comunidades que estão localizados na sede e interior do município de Campo Formoso, mais especificamente dos bairros periféricos. Trata-se de uma organização sem fins lucrativos, designada exclusivamente para a promoção da formação acerca das práticas culturais. Assim, o grupo busca através de seu trabalho resgatar os aspectos culturais da região. Comungando com o que afirma Geertz (1989) que a cultura é conjunto de mecanismo de controle, pois a cultura é

composta por estruturas psicológicas, através das quais os indivíduos ou grupos sociais direcionam seu comportamento, sendo que:

[...] a cultura que é mais bem vista não como complexos de padrões concretos de comportamento-costumes, usos, tradições, feixes de hábitos, como tem sido agora, mas como um conjunto de mecanismos de controle-planos receitas, regras, instruções (o que os engenheiros de computação chamam”(“ programas”)(.GEERTZ, 1989, p.56.)

Os dados recolhidos através das observações participantes possibilitaram perceber a importância do grupo ACRA na vida dessas crianças e adolescentes, como afirmaram os pais, alunos e professores.

Foi muito importante, porque depois que ela começou a participar ela ficou mais desenvolvida, pegou mais interesse pelos estudos, foi muito importante. (Mãe 1)

Melhorou muito, porque ele saiu dos meios ruins, desenvolveu 100%. (Mãe 2)

Minha vida antes era muito bagunçada, eu era muito rebelde, não obedecia ninguém, era uma péssima aluna, mas depois que eu entrei no grupo eu melhorei bastante, eu não sou mais aquela menina rebelde como eu era. (Aluna 1)

Eu era uma menina rebelde, em casa na escola na rua, não levava desaforos pra casa gostava de tirar satisfações. (Aluna 2)

Era uma vida sem sentido de muita rebeldia, eu saía todas as noites sem ter o que fazer, estava sempre vagando nas ruas. (Aluna 3)

Percebe-se que os alunos que participam do grupo ACRA tiveram uma melhoria significativa no comportamento, segundo os pais e os próprios alunos, como se o grupo ACRA fosse um norteador para esses jovens. Durante as entrevistas com os professores da escola regular percebe-se que todos possuem o mesmo pensamento quando o assunto, acreditam que o grupo ACRA oportunizou aos alunos uma maior socialização e convívio com outras crianças dentro da sede do Grupo, exercendo ações que elevam o potencial do falar fluentemente, ter segurança e responsabilidade no que está sendo desenvolvido. Garantindo assim, uma formação autônoma para desenvolver atividades escolares nas diversas situações da vida cotidiana.

Dessa forma, pode-se comprovar a afirmação de Fino (2011) que a aprendizagem pode ocorrer em qualquer ambiente formal ou informal e que existem várias ferramentas que

contribuem para aprendizagem do indivíduo. Diante dessa visão, pode-se perceber que o grupo ACRA utiliza o lúdico, o ambiente descontraído e o vínculo afetivo como instrumento que auxilia a aprendizagem constante. Porém, os monitores não buscam refletir sobre suas práticas e nenhum afirma desejar fazer algo de forma diferente, apenas reproduzem as práticas utilizadas pelo seu fundador. Os monitores precisam conhecer e saber utilizar as técnicas para ajudar os alunos a superar os desafios no processo de aprendizagem, buscando formas diferentes de ensinar. Neste contexto Sacristán, (1995, p.66), salienta que:

O ensino é uma prática social, não porque se concretiza na interação entre os professores e alunos, mas também porque estes atores refletem a cultura e contextos sociais a que pertencem. A intervenção pedagógica do professor é influenciada pelo modo como pensam e como agem nas diversas facetas da sua vida. (SACRISTÁN, 1995,p.66)

Contudo durante a observação participante todos os monitores se comportam do mesmo jeito com todos os alunos, todos cumprimentam com beijos na testa e iniciam as aulas do mesmo jeito. Ficou clara a preocupação dos monitores em realizar as atividades conforme são orientados e de acordo com o objetivo que pretendem alcançar pois acreditam que estão estimulando os alunos a serem mais criativos, mais participativos, autônomos e livres para expressar o que estão sentindo tal como pode-se comprovar nos registros das entrevistas. Durante o início da entrevista ao Monitor 1, os Monitores 2 e 3 entraram muitas vezes na sala, para “pegar documentos e limpar”, ou seja, observa-se que no fundo desejam ouvir a entrevista.

[...] a educação não formal é aquela que se aprende “no mundo da vida”, via os processos de compartilhamento de experiências, principalmente em espaços e ações coletivos cotidianos; e a educação informal como aquela na qual os indivíduos aprendem durante seu processo de socialização gerada nas relações e relacionamentos intra e extra familiares (amigos, escola, religião, clube etc.). (GOHN, 2010, p.16)

A educação não formal, não significa que pode ser considerada inovadora, apenas por não estar dentro da escola, o que percebe-se nesse momento da observação que o grupo ACRA utiliza uma forma diferente de aprendizagem mais com características da educação tradicional, com todos reproduzido a mesma metodologia de ensino que o representante do grupo aplica, sem questionar, todos vão apenas reproduzindo como aprenderam. Todos recebem e direcionam os alunos da mesma forma, utilizando como instrumento a afetividade.

Nesse sentido, apoiamo-nos em Fino (2003) quando afirma a necessidade de uma constante reflexão sobre a prática pedagógica. Pois na sua opinião, a Inovação Pedagógica, consiste num conjunto de mecanismos que transforma a relação da escola com a sociedade. O intuito da observação, assim como das entrevistas e análise de documentos e de imagens no grupo ACRA foi averiguar as contribuições que essas oficinas de teatro poderiam ter na construção de alunos autônomos, educados, com responsabilidades, criativos enfim, alunos que estejam aptos a transformar de forma positiva nossa educação. Ainda percebe como ocorre a relação do grupo com a escola e a sociedade.

Percebe-se que a estrutura física do espaço da instituição se mostra confortável aos alunos, pois apresenta salas amplas, bem ventiladas. O ambiente físico da instituição tem objetos de arte construídos pelos alunos, como pinturas, objetos em barro entre outros. É um local arejado, aconchegante, simples onde existe muita integração, alegria, respeito e oportunidade para qualquer um que ali chegar. Percebe-se que o grupo ACRA busca sempre que possível estimular a participação das famílias dos alunos e a comunidade nas suas atividades.

Observa-se durante as observações que as práticas educativas construídas dentro e fora da instituição, apresentam similaridades em seus desenvolvimentos: se enquadrando dentro dos paradigmas que valorizam o ambiente acolhedor, onde o aluno tem um papel importante, contudo não ocupa o papel central no processo de aprendizagem, porém percebe-se que estimula o trabalho coletivo, onde o par mais experiente orienta o menos experiente.

Esse ambiente educacional difere dos modelos de uma sala de aula convencional, em conjunto com atitudes pedagógicas não tradicionais dos monitores estimulam os alunos a se inter-relacionarem por meio do trabalho cooperativo e de uma troca constante de elementos, o que acaba possibilitando a construção do conhecimento dando margem para que haja a aprendizagem.

Dentro dessa perspectiva, vemos que inovar significa levar ao contexto da educação coisas novas, ou seja, que ainda não foi visto que ainda não tentou fazer de forma consciente e que tenha como objetivo primordial dar qualidades às práticas educativas existentes nas escolas, sem esquecer as demais características envolvidas nesse processo. Dentro deste contexto, Fino (2007, p. 3) acrescenta que “o conhecimento é uma construção do aprendiz e não substância independente e descontextualizada, que se pode transacionar”. Ainda o mesmo

autor acrescenta: “Aliás, se a inovação não fosse heterodoxa, não era inovação” (FINO, 2007, p. 3).

Nota-se que os monitores buscam valorizar a participação ativa do aprendiz e criam mecanismos para estimular essa participação, através de questionamentos, indagações, incentivando a construções coletivas, existe algumas a ações que privilegiam uma atitude crítica, autônoma e reflexiva por parte do aluno, revelando assim focos de Inovação Pedagógica.

No contexto de Papert (1985) ele acredita que o aprendiz deve compreender a sua própria “produção” para que consiga “identificar e corrigir” seus próprios erros, uma vez que permite que ocorra uma aprendizagem significativa, desse modo, o melhor aprendizado é aquele que o aprendiz se torna construtor de seu próprio conhecimento.

O interessante aconteceu nas entrevistas realizadas aos monitores, realizadas no mesmo dia e mesmo local na sede do grupo ACRA, relativamente às, perguntas sobre como os alunos chegaram ao grupo ACRA, e como eles estimulavam a criatividade. O Monitor 2 e o Monitor 3 recusaram-se a responder a essas perguntas, pois na opinião deles o Monitor 1 já tinha respondido. Quando lhes foi solicitado que, mesmo assim desse a sua opinião, disseram que era a mesma e, então solicitaram que fizesse outras perguntas. Conclui-se que os Monitores 2 e 3 seguem o Monitor 1, que é o líder do grupo. Os monitores 2 e 3 buscavam saber tudo o que o Monitor 1 respondeu, para depois fornecer respostas idênticas, o que chamou a atenção, pois os próprios monitores não estão exercendo a autonomia, foi o único momento que se recusaram a responder, pois na opinião deles o Monitor 1 já teria respondido, o que comprova que os outros Monitores apenas reproduzem o que é passado sem discussão e muito menos sem um olhar crítico.

Assim as práticas pedagógicas desenvolvidas nas atividades estimulam o compartilhamento do saber individual, o que permite o aperfeiçoamento e a transformação em conhecimento e produção coletiva, já que o movimento corporal de um aprendiz é ampliado pela opinião do outro, o que resulta numa criação de uma coreografia ou cena cheia de emoção, de autoestima e dedicação, logo que é fruto da integração e colaboração do trabalho de todos os participantes. O que se aproxima do pensamento de Fino (2003) ao defender a autonomia, a criatividade e o pensamento crítico. Outro fato importante consiste no comportamento do monitor nas aulas se posicionando no círculo entre os alunos, colaborando

com isso para desestimular a relação vertical do conhecimento de cima (professor) para baixo (aluno).

Segundo Piaget (2012), a troca de saberes permite a promoção da cognição, pois dessa forma os conhecimentos produzidos podem ser validados e acentuados. Para Vygotsky (1998), a aprendizagem está intimamente ligada às relações pessoais, as quais precisam de um ambiente favorável para que seus atores possam desenvolver suas capacidades de forma ampla.

Um outro dado relevante é que os alunos de gerações diferentes são colocados em grupos separados, existe um grupo para as crianças e outro para os adolescente. Percebe-se também, um certo engessamento, pois o responsável pela instituição constrói os textos sozinho e disponibiliza-os para que o grupo possa escolher a forma de usá-lo, indo contra o que afirma Giroux (1988), para quem a educação precisa possibilitar a investigação, a reflexão, pois dessa forma, permite que o aluno construa seu conhecimento a partir de sua vivência no cotidiano, através de instrumentos que estão além das paredes da escola. A inovação pedagógica só terá amplo sentido na medida em que envolver mudanças positivas nas práticas pedagógicas dando ênfase a novas formas de aprendizagem.

Sendo assim, percebe-se que a prática pedagógica utilizada nesse contexto pelo grupo ACRA exalta o professor como detentor do conhecimento, pois o responsável apenas repassa o texto já construído aos alunos, desconsiderando a participação ativa dos alunos, fazendo-os ocupar um papel secundário na instituição restringindo-os a meros receptores de conteúdos o que se caracteriza pelas praticas pedagógicas tradicionais desenvolvidas por parte do líder da instituição.

As práticas pedagógicas adotadas no grupo ACRA nessa situação foram contra o que estabelece Papert (1985) que acredita que o aprendiz deve compreender a sua própria “produção” para que consiga “identificar e corrigir” seus próprios erros, uma vez que permite que ocorra uma aprendizagem significativa, desse modo, o melhor aprendizado é aquele que o aprendiz se torna construtor de seu próprio conhecimento. Ainda neste contexto, Fino (2007, p. 3) acrescenta que “o conhecimento é uma construção do aprendiz e não substância independente e descontextualizada, que se pode transacionar”.

Durante as entrevistas com os monitores do Grupo ACRA, eles explicaram a importância da parceria e confiança da família. Eles acreditam que o trabalho do grupo

contribui muito tanto na vida pessoal de cada aluno como também no aprendizado deles e que isso é muito gratificante, pois segundo eles o grupo passou por muitos desafios para chegar onde hoje se encontra e para conseguir a confiança dos familiares e comunidade. Através dos discursos dos pais percebe-se que o grupo ACRA estimula a participação da família e da comunidade, assim o grupo, adota métodos que sejam condizentes a estimular o fortalecimento dos vínculos familiares e sociais dos alunos. Comungando com a opinião de Sacristán (1995) que considera o ensino como uma prática social, não apenas porque se concretiza na interação entre os professores e alunos, mas principalmente porque estes atores refletem a cultura e os contextos sociais a que pertencem.

Observa-se durante a pesquisa que o ambiente do ACRA, juntamente com a postura dos monitores, consente que os alunos se sintam, a princípio ambientados e depois unificados ao contexto, abrindo espaço para que as afinidades sociais tão importantes para a construção do conhecimento possam acontecer. Assim como afirma Sacristán (1995) a intervenção pedagógica do professor é influenciada pelo modo como pensam e como agem nas diversas facetas da sua vida.

Um outro dado importante colhido durante as observações, é que a cooperação é um fator constante no grupo. Essa cooperação presente entre os alunos do ACRA durante as atividades analisadas nos leva a entender que este fator promovia a troca de opiniões, permitindo o diálogo entre os membros envolvidos e abrindo portas para que o conhecimento seja edificado. Assim como afirma Piaget (2012), “a cooperação consiste no ajustamento do pensamento próprio e das ações, e isso se faz pondo as perspectivas em relação recíproca”.

É importante salientar que o ACRA, por meio das Práticas Pedagógicas dos tutores, trabalha o adolescente levando em consideração as suas aptidões individuais e grupais, desenvolvendo atividades de forma individual e coletiva, motivando, deste modo, a participação e o compromisso individualizado e grupal. Essas atividades que foram desenvolvidas no ambiente do Grupo ACRA apresentam repercussão dentro das escolas de Ensino Regular, pois os alunos levam consigo atitudes para as escolas onde estudam.

Comungando com a afirmação de Santos (2012, p. 22), que é “através de discussões informais em ambiente onde estes se sentem nativos, poderá ser de importante valia para quebrar o paradigma de que o professor deve ensinar e o aluno tem que se esforçar para aprender”.

Outro dado importante percebido através das entrevistas dos alunos e dos professores, foi identificar que o aprendizado decorrente das atividades por meio dos métodos artísticos, serve para uma mudança de conduta dos estudantes na escola de Ensino Regular, ajuda-os a serem mais participativos e a apresentarem uma visão crítica, pois eles fazem conceitos pertinentes, quando a escola trabalha de maneira tradicional. Contudo não se pode assegurar que a inovação se faz presente, Na opinião de Fino (2011) a inovação pedagógica é “ruptura de natureza cultural” não é apenas utilizar outras técnicas de ensinar, percebe-se que a arte foi um método que contribuiu muito para aprendizagem dos alunos tanto no contexto escolar como também na vida familiar, porém a inovação pedagógica está muito além disso, pois para que exista uma Inovação Pedagógica seria necessário ocorrer uma quebra de paradigmas tradicionais, que permita um olhar emancipador do sujeito no processo de aprendizagem.

Em alguns momentos percebe-se que os monitores buscam estimular os alunos para que sejam ativos na construção do conhecimento, como ocorreu na construção do cordel do meio ambiente, no qual os monitores estimularam o compartilhamento do saber individual, o que permite o aperfeiçoamento e a transformação em conhecimento e produção coletiva do tema “meio ambiente”. Nota-se que eles procuram valorizar a participação ativa do aprendiz e encontraram mecanismos para estimular essa participação, através de questionamentos, indagações, incentivando a construções coletivas que resultam numa criação de uma coreografia ou cena cheia de emoção, de autoestima e dedicação, logo que é fruto da integração e colaboração do trabalho de todos os participantes. O que se aproxima do pensamento de Fino (2003) ao defender autonomia, a criatividade e o pensamento crítico. Durante todas as observações conclui-se que esse seria o momento que mais coincidiu com o que traz o conceito de Inovação Pedagógica. Foi um momento que permitiu que os aprendizes pudessem fazer uma crítica, ter autonomia e refletir sobre o trabalho que estavam desenvolvendo, revelando assim um foco de Inovação Pedagógica.

Dessa forma conclui-se que o grupo ACRA deixa os alunos mais “livres”, pois mesmo com atividades planejadas e muitas vezes concluídas pelo presidente do grupo, os alunos podem fazer escolhas e ao escolher adotam um compromisso que é desenvolvido com encanto. É o que diferencia da escola regular, que tem regras pré-determinadas e não admite uma maior criatividade do educando. Demonstrando, assim, uma atitude de obrigação, e tudo o que o ser humano faz por obrigação é destituído de anseio e encanto. É imprescindível dosear as obrigações com o livre-arbítrio. Os alunos necessitam de escolhas para se tornarem responsáveis pela ação.

Nesse sentido, o resultado das práticas pedagógicas pode levar a um processo educacional no qual o aluno se favorece do conhecimento construído não só no espaço escolar, mas no seu dia-a-dia extraescolar e por toda a sua existência. Essa socialização do conhecimento só é aceitável quando o que se aprende tem semelhança com a vida daquele que aprende.

Diante disso, podemos verificar que as atividades desenvolvidas no Grupo ACRA, no momento da observação, levaram os alunos a atuarem ativamente na construção do próprio conhecimento, à medida que aproveitavam todos os instrumentos disponíveis no ambiente, juntamente com os elementos oriundos de suas vivências extraescolares, desenvolvendo uma aprendizagem que se mostrava expressiva. O que contribuiu para a melhoria dos jovens como pode-se observar nas entrevistas dos professores, pais e próprios alunos, em que participar do grupo ACRA foi considerado um divisor de águas na vida dessas pessoas. Contudo, quando retornamos para nosso objetivo de pesquisa, que seria saber se existem práticas pedagógicas inovadoras nas oficinas de teatro do Grupo ACRA que contribuam na construção de alunos autônomos, educados, com responsabilidades, criativos enfim, alunos que estejam aptos a transformar de forma positiva nossa educação, concluímos que existe uma prática diferenciada e transformadora na vida das pessoas que fazem parte desse projeto, mas que não pode ser considerada como Inovação Pedagógica. O grupo ACRA possibilitou que os aprendizes como afirma Morin (2002) tenham um espaço de vivências múltiplas, que privilegiem outras dimensões do ser humano, como a ética e a estética.

Considerações Finais

Utilizando como base os dados colhidos, analisados e interpretados entendemos que objetivo geral dessa pesquisa foi alcançado, uma vez que constatamos que existe dentro do grupo ACRA, uma dinâmica de cooperação entre os pares, no momento da construção do cordel e da coreografia, contribuindo para elevação da autoestima, permitindo ambiente acolhedor e afetivo entre seus membros.

Contudo, a falta de liberdade na criação, a dificuldade de permitir autocritica dos monitores, a dependência do responsável pela instituição, são elementos que apontam que não existe Inovação Pedagógica, mesmo com as mudanças que ocorreram na vida das crianças e dos adolescentes, no seu ambiente educacional e social. Porém é um trabalho diferenciado de

extrema importância para todos os envolvidos, família, aluno, monitores e comunidades, seria necessário o desenvolvimento de um trabalho de parceria com as instituições sociais e educacionais presentes na comunidade, no sentido de alerta, sensibilização na tentativa de promoção sobre a importância desse grupo para todos os envolvidos.

Durante a realização da pesquisa, através da observação participante, constatamos que existe uma parceria entre a família, a comunidade, escola e o grupo ACRA. Este é um fator positivo, que permite a troca de experiências, e, conseqüentemente, colabora para a melhoria do desenvolvimento dos alunos dentro e fora da sala de aula.

As famílias, assim como a comunidade, são participativas nas atividades desenvolvidas pelo grupo ACRA onde, várias temáticas são discutidas pelos alunos e monitores. No entanto, percebe-se que há imposição de autoridade, todos seguem o líder, o que dificulta a construção coletiva que ali se desenvolve.

Durante a observação participante constatou-se a importância da afetividade na prática pedagógica, principalmente entre monitores e alunos, os monitores e as famílias e vice versa, esses são, sem dúvidas, pontos positivos do grupo ACRA a serem destacados que verificamos com a observação *in loco e*, que são posteriormente, descritos pelos atores sociais durante as entrevistas prestadas, onde todos se consideram uma família.

Ao final dessa pesquisa, infelizmente não se constataram indícios de inovação pedagógica, pois a proposta do grupo ACRA embora diferenciada, não permite aos alunos a construção de conhecimento a partir de sua realidade, com autonomia, mas de acordo com o que é planejado pelo líder do grupo. Não existe uma gestão participativa, as famílias não têm papel efetivo, são apenas plateia durante as apresentações, os professores não são integrantes nas construções de conhecimentos e os monitores são limitados pelas diretrizes pré-estabelecidas. Assim, conforme pode-se observar durante toda a pesquisa não há quebra de paradigma, conforme Fino (2011), para quem inovar pedagogicamente, significa romper com “os contextos do passado” para se “criar os contextos de que o futuro necessita”, o que na percepção do autor, significa redefinir o papel dos alunos e dos professores, ao assegurar que a inovação pedagógica, é “constituída por práticas qualitativamente novas”.

Realizar esta pesquisa foi gratificante, enriquecedor, pois a experiência que aqui relatamos nos permitiu refletir que uma prática diferente não significa que seja uma prática inovadora. Ficou evidente a necessidade da afetividade dentro e fora da sala de aula e

ampliação de uma prática que permita que o aluno tenha mais autonomia na construção de seu conhecimento.

Sugestões e recomendações

Sugerimos ao grupo ACRA que amplie projetos nos quais os alunos tenham maior autonomia e continuem sendo acolhidos em suas demandas e que além disso, possam se expressar através da arte com autonomia e com um olhar crítico e reflexivo;

Recomendamos aos gestores, coordenadores e professores da Escola que promovam festivais e feiras educacionais no território, para que os alunos possam juntamente com a comunidade, apresentar experiências e resultados de forma a criar redes de interesse que permitam que ocorra troca de experiências nos diversos espaços educacionais;

Por fim, apesar de não se ter encontrado inovação pedagógica naquelas práticas, pode-se considerar que atingimos os objetivos de pesquisa a que nos propusemos. E avaliamos o presente trabalho acadêmico como o início de uma discussão que possa contribuir para construção de uma prática pedagógica inovadora através da arte.

Referências

ARANHA, A. **O que as escolas precisam aprender**. Revista Época, São Paulo, abril, 2007.

ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazo Afonso de. **Estudo de caso em pesquisa e avaliação educacional**. Brasília: Líber Livros, 2005.

_____. **Etnografia na prática escolar**. 18ª ed. Campinas, São Paulo: Papyrus, 2012.

ALVARENGA, Estelbina Miranda. **Metodologia da investigação quantitativa e qualitativa: normas e técnicas de apresentação de trabalhos científicos**. Tradução Cesar Amarilhas. 2ª ed. Paraguai, 2010.

ALVES, L. **Inovação e Criatividade. HSM Inspiring ideas** – Update or Die. O maior coletivo não jornalístico do Brasil. 22 de setembro de 2008. Disponível em: <<http://hsm.updateordie.com/inovacao/2008/09/inovacao-e-criatividade/>>

BAUER, Martin W; GASKELL. **Pesquisa qualitativa com texto: imagem e som: um manual prático**. Tradução de Pedrinho A. Guareschi. 7ª Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008

BRASIL. **Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais: Arte/Secretaria de Educação Fundamental**. Brasília: MEC/SEF, 1997.

_____. **Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais: apresentação dos temas transversais, ética/ Secretaria da Educação Fundamental**. Brasília: MEC/ SEF, 1997.

_____. **Ministério da Educação. Parâmetros curriculares nacionais: arte 1º e 2º ciclos/ Secretaria de Educação Fundamental**. 2ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

_____. **Ministério da Educação. Parâmetros curriculares nacionais: arte 3º e 4º ciclos / Secretaria de Educação Fundamental**. Brasília, 1998.

BOGDAN, Robert; BIKLEN, Sari. **Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos**. Porto: Porto Editora, 1994.

BOGDAN, R; TAYLOR, S. (1975, apud Fino, 2003). Introduction to qualitative research methods: A phenomenological approach to the social sciences. New York. J. Wiley.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação**. 28º ed., São Paulo: Brasiliense, Coleção Primeiros Passos, 1993.

CORTELLA, Mário Sérgio. Contribuições da educação não formal para a construção da cidadania. In: CORTELLA, Mário S.; SIMSOM, Olga R. Von; PARK, Margareth; Fernandes, Renata et alii. **Visões singulares, conversas plurais**. São Paulo: Instituto Itaú Cultural, 2007, p. 43-52.

CAMILLIS, Lourdes Stamato De. **Criação e docência na arte**. Araraquara: JM Editora Ltda, 2002.

FERREIRA, A. B. H. **Novo Aurélio século XXI: o dicionário da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

FERREIRA, Jorge Ricardo da Costa. **A Geografia da Sociedade da Informação em Portugal**. Tese de Doutorado. Disponível em: <http://run.unl.pt/handle/10362/5607>.

FERNANDES, Elisângela. **No centro das atenções**. Revista Nova Escola, São Paulo, outubro, 2011.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa**. 5ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FINO, Carlos Nogueira. Um novo paradigma (para a escola): precisa-se. **Jornal do Grupo de Estudos Clássicos da Universidade da Madeira**, 1,2. 2001. Disponível em: <http://www3.uma.pt/carlosfino/publicacoes.htm>.

_____. (2007). O Futuro da escola do Passado. In Jesus Maria Sousa; Carlos Nogueira Fino (org). **A Escola Sob Suspeita**. Porto: ASA (citação de educação e inovação)

_____. FAQs, etnografia e observação participante. In SEE –**Revista Europeia de Etnografia da Educação**, 3. 2003. Disponível em: <http://www3.uma.pt/carlosfino/publicacoes.htm>.

_____. **Demolir os muros da fábrica de ensinar**. Ago, 2011. Disponível em: <http://www3.uma.pt/carlosfino/publicacoes.htm>.

_____. Inovação e invariante (cultura). In Liliana Rodrigues; Paulo Brasão (Org.). **Políticas educativas 2009: discursos e práticas**. Funchal: Disponível em: <http://www3.uma.pt/carlosfino/publicacoes.htm>.

_____. Inovação Pedagógica: Significado e campo (de investigação). In Alice Mendonça; António V. Bento (org). **Educação em Tempos de Mudança**. 2008. Disponível em: <http://www3.uma.pt/carlosfino/publicações.htm>.

_____. A etnografia enquanto método: um modo de entender as culturas (escolares) locais. In Christine Escallier e Nelson Veríssimo (org.) **Educação e Cultura**. Funchal: DCE-Universidade da Madeira, 2008. Disponível em: <http://www3.uma.pt/carlosfino/publicacoes/22.pdf>.

FINO, C. J. N. Inovação Pedagógica: significado e campo (de investigação). Texto apresentado no **III Colóquio do DCE-Uma**, oficina B-Inovação e Supervisão. 2007

FINO, Carlos Nogueira. Investigação e inovação (em educação). In Fino, Carlos Nogueira; Sousa, Jesus Maria. **Pesquisar para mudar (a educação)**. Funchal, Universidade da Madeira – CIE-Uma, 2011. Disponível em: <http://www3.uma.pt/carlosfino>.

FINO, Carlos Nogueira. Inovação Pedagógica, Etnografia, Distanciamento. In Fino, Carlos Nogueira. **Etnografia da Educação**. Funchal: Universidade da Madeira CIE-Uma, 2011. Disponível em: <http://www3.uma.pt/carlosfino>.

FINO, C. N. (1999). Um software educativo que suporte uma construção de conhecimento em interação (com pares e professor). **Actas do 3º Simpósio de Investigação e Departamento de Software Educativo** (edição em cd-rom) Évora: Universidade de Évora.

FINO, C. N. **Convergência entre a teoria de Vygotsky e o Construtivismo / Construcionismo**. Funchal, 2004.

GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

GIROUX, Henry. **A escola crítica e política social**. São Paulo: Cortez 1988.

GONH, Maria da Glória. **Educação não-formal, participação da sociedade civil e estruturas colegiadas nas escolas**. 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ensaio/v14n50/30405.pdf>.

_____. **Educação não formal e o educador social: atuação no desenvolvimento de projetos sociais**. São Paulo: Cortez, 2010.

HAGUETTE, Teresa Maria Frota. **Metodologia qualitativa na Sociologia**. 5ª edição. Petrópolis; Vozes, 1997.

HERNÁNDEZ, Fernando. **Cultura Visual, mudança educativa e projeto de trabalho**. Tradução Jussara Haubert Rodrigues. Porto Alegre: Artmed, 2000.

JAPIASSU, Ricardo. **Metodologia do Ensino de Teatro**. Campinas: Papirus, 2001.

KANDEL, Liliane. Reflexões sobre o uso da entrevista, especialmente a não-diretiva, e sobre as pesquisas de opiniões. In: THIOLENT, Michel J. M. **Crítica metodológica, investigação social e enquete operária**. 2. Ed. São Paulo: Polis, 1981. (Coleção Teoria e história, 6).

LAPASSADE, Georges. **As microsociologias**. Brasília: Líber livro Editora, 2005.

LAPASSADE, G. (1991). L' Éthnosociologie. Paris: Méridiens Klincksieck. (Apud Fino, 2003, p 3)

LAPASSADE, George. **Grupos, organizações e instituições**. Trad. Henrique Augusto de Araújo Mesquita. Rio de Janeiro, F. Alves, 1983

LIBÂNIO, José Carlos. OLIVEIRA, João Ferreira de; TOSCHI, Mirza Seabra. Educação escolar: políticas, estrutura e organização. **Coleção Docência em Formação**. 2ª ED. São Paulo: Cortez, 2005.

LUDKE, Menga; ANDRÉ. Marli. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986

MACEDO, Roberto Sidnei. **A etnopesquisa crítica e multirreferencial nas ciências humanas e na educação**. Salvador: UFBA, 2ª edição, 2004.

MACEDO, Roberto Sidnei. **Etnopesquisa crítica. Etnopesquisa Formação**. Brasília: Liber Livro Editora, 2010.

MACEDO, Roberto Sidnei. **Etnopesquisa Crítica, etnopesquisa-formação**. Brasília: Líber Livro Editora, 2006.

NASCIMENTO, Cícero Roberto Salustiano. **A Produção de Poesia Popular como Prática Pedagógica: Um estudo de caso**. Dissertação de Mestrado. Universidade da Madeira, 2015.

NOVAES, Maria Helena. **Psicologia da criatividade**. 2ª. ED. Petrópolis: Vozes, 1972.

NÓVOA, António (org.). **As organizações escolares em análise**. Lisboa: Nova Enciclopédia, 1998.

NOBRE, Zilvanir Ribeiro. **O Projeto Arte na Praça e suas Práticas Pedagógicas Inovadoras**. Dissertação de Mestrado. Universidade da Madeira, 2013

OLIVEIRA, Maria Marly de. **Como fazer projetos, dissertações e teses**. Recife: Edições Bagaço. 2003

PAPERT, Seymour. **A Máquina das Crianças: Repensando a Escola de Frevo na Era da Informática**. Porto Alegre: Artes Médicas. 1994.

PAPERT, Seymour. **A Máquina das crianças**. Tradução Sandra Costa. Ed. Ver. Porto Alegre: Artmed, 2008.

PAPERT, S. (1985). **LOGO: Computadores e Educação**. São Paulo: Editora Brasiliense

PIAGET, Jean. **Epistemologia genética**. São Paulo: Martins Fontes, 2012.

PEREZ GÓMEZ, Ángel. **La cultura escolar en la sociedade neoliberal**. Madrid: Morata, 1998.

PIAGET, Jean. **Para onde vai a educação?** Rio de Janeiro: José Olympo, 9ª edição, 1988.

READ, Herbert. **A educação pela arte**. Tradução Valter Lellis Siqueira. São Paulo; Martins Fontes, 2001

RODRIGUES, Neidson. **Educação: da formação humana à construção do sujeito ético**. Artigo Científico. 2001.

REVERBEL, Olga. **Jogos Teatrais na Escola**. São Paulo: Editora Scipione LTDA. 1996.

SANTOS, Boaventura de Souza. (org). **A globalização e as ciências sociais**. São Paulo: Cortez, 2012.

SUCCI, Maria Adalgiza Albuquerque. **Inovação Pedagógica: Um Estudo Emergente Sobre as Práticas Pedagógicas na Escola Municipal de Frevo Maestro Fernando Borges. Recife-Pernambuco-Brasil**. Tese de Doutorado, 2013.

SACRISTÁN, J.G. Consciência e ação sobre a prática com Libertação Profissional dos Professores. In: NÓVOA, António (org). **Profissão Professor**. Porto: Porto Editora, 1995.

SOUSA, Jesus Maria. A inadequação da escola num cenário de transição paradigmática. In SOUSA, Jesus Maria; FINO, Carlos Nogueira (org.). **A Escola sob suspeita**. Porto: Edições ASA, 2007.

SOUSA, Jesus Maria. **O olhar etnográfico da escola perante a diversidade cultural**. PSI revista de psicologia social e institucional, 2000.

SOUSA, Jesus Maria. FINO, Carlos Nogueira. **Um mestrado em Inovação Pedagógica. Tribuna da Madeira**, 24.06.05. <http://www3.uma.pt/carlosfino/publicacoes/22.pdf>.

SOUSA, Jesus Maria. **O professor como pessoa**. Porto; ASA Editora, 2000.

_____. **O olhar etnográfico da escola perante a diversidade cultural**. PSI (Revista de Psicologia Social e Institucional), 2000. Disponível em: <http://www3.uma.pt/jesussousa/publicacoes/15oolharetnograficodaescolaperanteadiversidade cultural.pdf>.

_____. **Investigação em educação: Novos desafios**. 1997. Disponível em: <http://www3.uma.pt/jesussousa/publicacoes/5investigacaoemeducacao.PDF>.

SACRISTÁN, José Gimeno. **A educação que ainda é possível: ensaios sobre uma cultura para a educação**. Tradução Valério Campos. Porto Alegre: Artmed, 2007.

SACRISTÁN, José Gimeno. **La pedagogia por objetivos: obsesinn por la eficiência.** Madrid: Ediciones Morata, 2002.

SACRISTÁN, José Gimeno. **Consciência e Ação sobre a Prática com Libertação Profissional dos Professores.** In: NÓVOA, Antônio (org). Profissão Professor. Porto: Porto Editora, p.66.

SANCHO, Juana Maraía [et al]. **Tecnologias para transformar a educação.** Tradução Valério Campos. Porto Alegre: Artmed, 2006.

SELLTIZ, Claire et allii. **Métodos de pesquisa nas relações sociais.** Tradução de Maria Martha Hubner de Oliveira. 2ª edição. São Paulo: EPU, 1987.

SPRADLEY, James. **Participant observation.** New York: Hold, Rinehart and Winston, 1980.

_____. **The ethnographic interview.** New York: Holt, Rinehart and Winston, 1979, apud Fino, 2003 p 03.

TOFFLER, Alvin. **O choque do future.** Tradução de Eduardo Francisco Alves. 7ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2001.

_____. **A terceira onda.** Tradução de João Távora. 14ª ed. Rio de Janeiro, record, 1997.

VASCONCELOS, Eduardo. **O que Realmente Significa a Palavra Inovação?** São Paulo, 2009. Disponível em: eduardovasconcelos.wordpress.com/.../

VYGOTSKY, Lev. **Pensamento e language.** São Paulo: Martins Fontes, 1998.

VIÑAO FRAGO, Antonio. **Culturas Escola, reformas e innovaciones: entre la tradición y el cambio.** (texto divulgado pelo autor e ainda não publicado), 2000.

VIÑAO FRAGO, Antônio. **Espacio yel tempo escola como objeto histórico.** Contemporaneidade e educação. (temas de história da educação), Rio de Janeiro: Instituto de estudos da cultura escola, ano 5, n.7, 2000^a

VIÑAO FRAGO, Antônio. **Tiempos escola, tempos sociales.** Barcelona: Editorial Ariel Practicum, 1998.

YIN, Robert. **Estudo de Caso: Planejamento e métodos.** 4º ed. Porto Alegre: Bookman, 2010.

Apêndice